UNESCO | Representação no Brasil

SOCIABILIDADES SUBTERRÂNEAS

identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro

SOCIABILIDADES SUBTERRÂNEAS

identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro

Brasília, 2013

EQUIPE DE PESQUISA

DIRETORA DE PESQUISA
Sandra Jovchelovitch (LSE)

OFICIAL DE PESQUISA SÊNIOR
Jacqueline Priego-Hernández (LSE)

CONSULTORES ACADÊMICOS
Ângela Arruda (UFRJ)
Paula Castro (ISCTE, Lisboa)
Martin W. Bauer (LSE)

DIRETOR DO TRABALHO DE CAMPO
Damian Platt, MBE (LSE)

ASSISTENTES DE PESQUISA
Cristal Oliveira Moniz de Aragão (UFRJ)
Ana Carolina Dias Cruz (UFRJ)
Rhaniele de Lanteuil (LSE, UFRJ)
Marcela Oassé Silva Figueiredo (UFRJ)
Vlad Petre Glăveanu (LSE)
Fernando Lannes (LSE)
Deborah Levitan (LSE)
Thiago Benedito Livramento Melício (UFRJ)
Fernanda Mena (LSE)
Roberta Novis (LSE)

Publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

978-85-7652-179-2

Esta publicação é fruto de uma parceria entre a Representação da UNESCO no Brasil, a London School of Economics and Political Sciences (LSE), o Itaú Cultural, a Fundação Itaú Social, a Central Única das Favelas (CUFA), o Grupo Cultural AfroReggae e o Ministério da Cultura.

Título original: Underground sociabilities: identity, culture, and resistance in Rio de Janeiro's favelas. Publicado em 2013 pela UNESCO.

Tradução: Carmen Carballal
Revisão técnica: Sandra Jovchelovitch, Jacqueline Priego-Hernández e Setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil
Revisão editorial: Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil
Projeto gráfico: Itaú Cultural

Jovchelovitch, Sandra
Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro / Sandra Jovchelovitch e Jacqueline Priego-Hernandez. – Brasilia: UNESCO, 2013.
252 p., il..

Titulo original: Underground sociabilities: identity, culture, and resistance in Rio de Janeiro's favelas
Inc. bibl.
ISBN: 978-85-7652-179-2

1. Socialização 2. Pesquisas sociais 3. Inclusão social 4. Comportamento social 5. Favelas 6. Brasil I. Priego-Hernández, Jacqueline II. UNESCO

UNESCO – Representação no Brasil
SAUS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar
70070-912 – Brasília/DF – Brasil
Tel.: (55 61) 2106-3500
Fax: (55 61) 2106-3967
Site: www.unesco.org/brasilia
E-mail: grupoeditorial@unesco.org.br
facebook.com/unesconarede
twitter: @unescobrasil

Impresso no Brasil

Às favelas do Rio de Janeiro, sua gente e sua história

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Milú Villela e a Marlova Noleto, pelo entusiasmo durante nossas primeiras conversas sobre o AfroReggae e a CUFA, que permitiram desenvolver ideias e deram força à realização deste projeto. Encontros em Londres, no Rio de Janeiro e em São Paulo revelaram que havia algo importante a ser estudado estudar na realidade desses grupos. Foi um privilégio tê-las como interlocutoras no início da nossa jornada. O fato de a pesquisa ter sido realizada e ter evoluído como uma conversa entre parceiros é uma conquista de todos que trabalharam juntos para tornar isso possível. Nossos agradecimentos a Antonio Jacinto Matias e Isabel Santana, do Itaú Social; a Ana de Fátima Sousa, Eduardo Saron, Isabella Protta, do Itaú Cultural; a Alessandra Lins, Bruna Camargo, Evandro João da Silva (*in memoriam*), José Junior e Vanessa Andrade, do AfroReggae; a Celso Athayde, Fernanda Boriello e Nega Gizza, da CUFA; a Ana Thereza Botafogo Proença, Beatriz Maria Godinho Barros Coelho, Jurema Machado, Karla Skeff e Sofia Neiva, da Representação da UNESCO no Brasil.

Pelo cuidado e atenção na produção do livro, nosso agradecimento especial a Beatriz Maria Godinho Barros Coelho, juntamente com Maria Luiza Monteiro Bueno e Silva e Ivan Sousa Rocha da Unidade de Publicações da UNESCO, Sue Howard da *London School of Economics and Political Science* (LSE) e Livia Gomes Hazarabedian, do Itaú Cultural. Alice Andrés contribuiu muito como relatora de nossos seminários e discussões. Nossa equipe de pesquisadores de campo enfrentou, com grande coragem e determinação, a tarefa de trabalhar em um terreno de difícil acesso – e às vezes perigoso: Ana Carolina Cruz, Cristal Aragão, Rhaniele de Lanteuil, Thiago Melício e Marcela Figueiredo. Além da equipe no Brasil, agradecemos a dedicação dos assistentes de pesquisa na LSE Vlad Petre Glăveanu, Fernando Lannes, Deborah Levitan, Fernanda Mena e Roberta Novis. Nossa gratidão a Damian Platt, que proporcionou apoio vital como diretor do trabalho de campo no início do projeto; aos professores Ângela Arruda (UFRJ), Martin W. Bauer (LSE) e Paula Castro (ISCTE), que deram contribuições acadêmicas inestimáveis em várias fases da pesquisa; a Marie-Claude Gervais (*Ethnos Research*, Reino Unido) e aos professores Gareth Jones, David Lewis, Francisco Panizza e Fran Tonkiss (LSE), que proporcionaram uma visão critica e interdisciplinar durante o seminário que discutiu os resultados preliminares da pesquisa. Agradecemos a orientação e o apoio administrativo de Jacqueline Crane e Daniel Linehan, do Departamento de Psicologia Social e Michael Oliver e Davina Nauth, da Divisão de Pesquisa da LSE. Por fim, agradecemos a Steve Bennett, técnico-chefe, e Steve Gaskell e Ly Voo, do Laboratório de Psicologia da LSE, pela dedicação e paciência com que apoiaram a pesquisa.

Agradecemos, sobretudo, a receptividade e generosidade de cada um dos participantes desta pesquisa. Foi apenas porque estavam dispostos a falar e a contar histórias de dor, dificuldade e superação humana que este projeto, enfim, tornou-se possível.

IN MEMORIAM

Gostaríamos de fazer uma menção especial em memória de Evandro João da Silva, por sua assistência e dedicação no primeiro estágio desta pesquisa.

LISTA DE TABELAS, FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

TABELAS

FIGURAS

ILUSTRAÇÕES

SUMÁRIO

PÁGINA

PÁGINA

PREFÁCIO

Esta publicação é o resultado de uma colaboração Norte-Sul, inovadora e eficiente, entre a *London School of Economics and Political Science* (LSE) e o Escritório da UNESCO no Brasil, com o apoio do Instituto Itaú Cultural, da Fundação Itaú Social, do AfroReggae e da CUFA. A parceria reuniu diferentes atores em torno de um tema que está no cerne do trabalho da UNESCO na promoção da sustentabilidade e da paz. Estamos satisfeitos com os resultados desse projeto, e muito nos compraz que o nosso Escritório de Brasília tenha contribuído para tanto, com uma abordagem bem-sucedida para a prevenção da violência e a inclusão social em diferentes comunidades em todo o Brasil.

A inclusão social é um dos desafios políticos internacionais mais importantes desta década, e são necessárias cada vez mais pesquisas sobre o tema. Esta obra oferece uma exploração a fundo do mundo psicossocial das comunidades das favelas e da metodologia de trabalho de duas ONGs de base comunitária no Rio de Janeiro: o AfroReggae e a CUFA. O livro sistematiza e ressalta uma experiência de desenvolvimento social que combina inclusão social com as artes, a cultura e a criatividade, e que inova ao estabelecer parcerias não convencionais com o Estado, o setor privado, a mídia e outros movimentos sociais.

O projeto é exemplar no que diz respeito à pesquisa denominada "ascendente" (*bottom-up*), que cria fortes vínculos com os protagonistas locais e demonstra a capacidade transformadora dos atores sociais. Nesse sentido, é um esforço que se encontra no cerne do Programa da UNESCO de Gestão das Transformações Sociais (*Management of Social Transformations Programme* – MOST), que visa a subsidiar um diálogo sustentável e eficiente entre a comunidade acadêmica, os tomadores de decisão e os especialistas em políticas públicas.

Possibilitar a inclusão social e a reintegração, por meio do desenvolvimento da cidadania, das artes e do esporte, constitui uma estratégia prioritária da UNESCO. A capacitação dos mais vulneráveis, particularmente os jovens, está no centro do trabalho da Organização. Estou certa de que os resultados desta pesquisa contribuirão muito para a nossa compreensão sobre o papel do capital social no desenvolvimento, e como a colaboração entre os vários atores em uma esfera pública democrática produz as tecnologias sociais inovadoras, necessárias para as mudanças positivas. A pesquisa mostra que o modelo de desenvolvimento social criado pelo AfroReggae e pela CUFA nas favelas do Rio de Janeiro é transferível, e a UNESCO espera poder contribuir para a sua divulgação no plano internacional, reafirmando sua missão estratégica: criar capacidades e agir como um catalisador para a cooperação internacional.

Pilar Álvarez-Laso
Subdiretora-geral do setor de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO

APRESENTAÇÃO

Quando eu conheci José Junior e Celso Athayde, em 2006, ficou claro para mim que algo novo e poderoso estava ocorrendo no Brasil. Mais uma vez, vi o país mostrando sua vocação para começos e, dessa vez, bem no meio dos seus territórios invisíveis: as favelas, localizadas nas margens e nos morros da cidade, onde as sociabilidades subterrâneas normalmente ficam escondidas. Fiquei impressionada com a força de suas vozes e a história que contavam. Eles faziam-me lembrar de Samuel Beckett, que encontrava humor na adversidade, e de Jorge Amado, que escreveu sobre a capacidade do Brasil para a mistura e o diálogo como sua maior contribuição para uma esfera pública global. Lembrei-me da Tropicália e da "Verdade tropical" de Caetano Veloso, da fusão de culturas, do encontro entre o erudito e o popular, de travessias.

Havia um pouco de cada nas vozes de Celso Athayde e de José Junior: havia capacidade para a ação e sabedoria em meio à pobreza e difíceis condições de vida, havia o desejo de atravessar as fronteiras duras da cidade e apresentar uma identidade rica e orgulhosa, que a exclusão social geralmente não deixa mostrar. Havia neles autoconfiança, protagonismo e desafio. Encontrei-os inusitados, divertidos e corajosos, produzindo algo totalmente novo e de baixo para cima na esfera pública brasileira. Na verdade, minha primeira impressão foi a de que eles estavam transformando a esfera pública brasileira. Eles representavam novos atores sociais, novos diálogos, parcerias não convencionais e respostas originais à ideia do Rio de Janeiro como uma "cidade partida". Eles representavam também um desafio para nós que buscamos entender como comunidades expostas a condições de pobreza e exclusão são capazes de produzir respostas positivas e encontrar novos caminhos para o desenvolvimento social e individual. Estudar sua experiência e o contexto do qual surgiram tornou-se o foco desta pesquisa e da parceria mais ampla que produziu Sociabilidades Subterrâneas.

É com satisfação que posso dizer que nós entendemos agora o que os torna únicos e modelo potencial para outros contextos de exclusão. A pesquisa investigou a sociabilidade da favela e encontrou nela a sabedoria e o conhecimento de sua gente. Mapeou a metodologia de trabalho do AfroReggae e da CUFA e revelou quem eles são, como trabalham e o que querem realizar. Ouviu pessoas que vêm delineando políticas e produzindo debates no Rio de Janeiro e no Brasil, que têm trabalhado para transformar a cidade, que têm colaborado com essas novas organizações e patrocinado suas atividades. Confrontou visões e percepções de observadores externos e de parceiros. A pesquisa reuniu um banco de dados robusto e abrangente que revela aos leitores deste livro os determinantes psicossociais da exclusão e inclusão social nas favelas do Rio de Janeiro, tais como vivenciados e narrados pelos principais protagonistas desses processos.

Meu agradecimento muito especial vai para Jacqueline Priego-Hernández, coautora deste estudo, cujo trabalho, colaboração e dedicação foram fundamentais para a sua conclusão. Meus agradecimentos também aos colegas do Departamento de Psicologia Social da LSE, pelo ambiente intelectual profícuo e solidário. Como sempre, devo muito ao interesse, ao entusiasmo e à inteligência aguçada dos meus alunos, que nos últimos três anos me ajudaram a elaborar e a esclarecer as ideias e as histórias provenientes desta pesquisa.

Nossa abordagem foi baseada em uma concepção de desenvolvimento como liberdade (Sen, 1999). Buscamos salientar a capacidade social e psicológica de indivíduos e comunidades de encontrarem soluções inovadoras e eficazes para condições de privação. Ao longo da pesquisa, nos deparamos com protagonistas que viraram do avesso a despersonalização e a homogeneização frequentemente impostas ao sujeito da pobreza para mostrar que, apesar da exclusão social, existe resiliência, uma cultura vibrante e uma inteligência coletiva poderosa e orgulhosa vivendo nas margens da cidade. Tenho muita esperança de que esta inteligência receba o reconhecimento que merece, e que este livro seja útil para governos, movimentos sociais, pesquisadores e todos aqueles que buscam o desenvolvimento social centrado no ser humano e na comunicação como solução maior para as assimetrias que marcam a cidade contemporânea.

Sandra Jovchelovitch

1. Por que estudar sociabilidades subterrâneas?

1.1. Introdução

A pesquisa que deu origem a este livro analisou padrões de sociabilidade e de regeneração social desenvolvidos nas favelas do Rio de Janeiro. Investigou como as comunidades das favelas, apesar das duras condições de vida, pobreza e segregação, vêm sendo capazes de mobilizar recursos – individuais e coletivos – para resistir à exclusão, lutar contra a marginalização e reescrever as relações entre as favelas e a cidade. Para tal, o estudo concentrou-se no trabalho das organizações AfroReggae e Central Única das Favelas (CUFA), que surgiram dentro da favela e que utilizam a arte, o esporte e o exercício da cidadania para transformar comunidades marginalizadas e estabelecer linhas de intercâmbio e de comunicação entre estas e a sociedade em geral. Uma questão central para o estudo foi compreender a capacidade para agir em contextos de privação, como surgem ações positivas para mudança e quais são as suas condições de possibilidade. A pobreza e a marginalização produzem exclusão e sofrimento humano. Contudo, as pessoas que vivem nessas condições contam com competências e habilidades, sabedoria e racionalidade, que lhes permitem resistir à exclusão e promover o desenvolvimento social. Isso requer entendimento e reconhecimento.

Neste projeto, denominam-se *sociabilidades subterrâneas* as formas de vida social que se tornam invisíveis aos olhos da sociedade por conta de barreiras geográficas, econômicas, simbólicas, comportamentais e culturais. A natureza oculta dessas sociabilidades é socialmente construída por representações dominantes, pelo controle institucional, pela exclusão social e por mecanismos psicossociais, como a negação das condições

e dos padrões de vida de outros. Historicamente associadas à violência, à exclusão e à marginalidade, essas sociabilidades são frequentemente trazidas à tona por erupções que envolvem comportamentos violentos e/ou criminosos. Dentre os exemplos de como as sociedades enfrentam cara a cara as suas sociabilidades subterrâneas, figuram as muitas batalhas travadas entre a polícia e os chefes do tráfico de drogas nas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo na última década e, em um contexto completamente diferente, as revoltas e as manifestações violentas de rua ocorridas no verão de 2011, em Londres.

No Rio de Janeiro, as sociabilidades subterrâneas são particularmente proeminentes. Usualmente descrita como “cidade partida”, tanto por seus moradores como pelo Brasil como um todo, o Rio de Janeiro contém uma multiplicidade de fraturas, ao mesmo tempo expostas e escondidas pela sua beleza e complexa geografia interna. As diversas distâncias entre os seus bairros são longas e funcionam em vários níveis; em nenhum outro lugar isso se verifica tão claramente como na separação entre as favelas e as afluentes áreas pavimentadas, referidas no linguajar cotidiano e coloquial dos cariocas como a separação entre *morro e asfalto*, um significante entendido por todos e amplamente utilizado para navegar pelas diferentes comunidades e áreas da cidade.

A separação entre morro e asfalto se confunde profundamente com o processo de urbanização no Rio de Janeiro, uma cidade que cresceu dependente das favelas que afastou e marginalizou. Apesar de fazerem parte da economia e da vida sociocultural da cidade, as favelas se tornaram invisíveis e ocultas, com suas múltiplas formas de vida escondidas por barreiras geográficas, econômicas, simbólicas, comportamentais e culturais. A cidade excluiu os seus moradores da sociedade pela ausência de políticas e pelo estigma, envolvendo-os em representações negativas. O Rio escolheu pensar suas favelas como um problema e os moradores da favela como criminosos, apagando as distinções entre as pessoas que vivem nesses territórios e os traficantes de drogas que agem ali. Por meio da construção de estereótipos e do estigma formado, as favelas são vistas pelas lentes da discriminação e da alteridade.

Em grande parte da sua história recente, o Rio de Janeiro viveu uma guerra subterrânea e não declarada entre a polícia e os chefes do narcotráfico, cuja localização nos territórios das favelas encontra-se bem documentada e discutida (vide, por exemplo, Justiça Global, 2008, em particular Souza e Silva; Fernandes; Braga, 2008). Pegos em meio a esse

confronto, os moradores da favela se transformaram em alvos para a polícia e ficaram expostos ao controle e às rotas de socialização abertas pelo caráter institucional e comercial do narcotráfico. À medida que a população das favelas cresceu, o aumento da violência e dos homicídios, combinado com a falta crônica de serviços e a privação socioeconômica, configuraram um ambiente de intensa exclusão social. As comunidades da favela foram empurradas para o subterrâneo, e a sua sociabilidade real foi escondida pelo medo e por limitações geográficas e socioeconômicas. Ao mesmo tempo, elas foram simbolicamente reapresentadas por meio do estigma e de representações sociais negativas.

Desse contexto de invisibilidade construída e de exclusão socioeconômica, a partir do início da década de 1990 surgiram novos atores sociais – jovens, principalmente negros, moradores da favela – que começaram a organizar novas respostas à pobreza, à violência e à segregação. Entrando na esfera pública por meio de organizações próprias, eles desafiaram radicalmente e transformaram o modelo tradicional de organizações não governamentais. Utilizando vozes e experiências de vida em sua maioria ausentes dos movimentos sociais tradicionais, e sem medo de parcerias e de ações não convencionais, essas organizações começaram a mudar a posição e a importância política das populações das favelas.

Esses novos atores sociais e as organizações por eles criadas oferecem casos exemplares para o estudo de como comunidades expostas à pobreza e à segregação resistem à exclusão social e produzem práticas positivas de regeneração social. Para entender esses processos de exclusão e a capacidade para a ação, analisa-se o mundo da vida das comunidades da favela, prestando atenção aos níveis de análise individual e comunitária. A amostra compreendeu vozes de pessoas oriundas de quatro diferentes comunidades do Rio de Janeiro: Cantagalo, Madureira, Cidade de Deus e Vigário Geral. Escutou-se o que eles têm a dizer sobre si mesmos, sobre suas comunidades e sobre a cidade. Ouviu-se histórias de vida dos líderes e dos ativistas do AfroReggae e da CUFA, e mapeou-se a identidade e o método de trabalho dessas organizações, tal como vividos e interpretados por seus participantes, parceiros, interlocutores e observadores externos. Reunir evidência empírica sobre a experiência do Rio de Janeiro e refletir sobre como essa experiência pode informar outros contextos foram metas fundamentais do estudo. Por meio do diálogo entre participantes e interlocutores, a pesquisa pautou-se pelo reconhecimento de saberes e de identidades locais como recursos essenciais para o desenvolvimento social.

1.2. Uma parceria inédita

Fruto de uma parceria interinstitucional pioneira entre o AfroReggae, a CUFA, a *London School of Economics and Political Science* (LSE), a Fundação Itaú Social e o Instituto Itaú Cultural, e a Representação da UNESCO no Brasil, a pesquisa envolveu interlocutores em universidades, movimentos sociais, governo e iniciativa privada, em uma colaboração sem a qual o resultado final desta pesquisa e sua disseminação não teriam sido possíveis. Cada fase do projeto foi desenvolvida adotando-se uma metodologia participativa, que consultou as partes interessadas durante todo o processo. A pesquisa também envolveu governo, acadêmicos, profissionais, legisladores, meios de comunicação e ativistas de movimentos sociais que participaram de dois seminários de discussão realizados no Rio de Janeiro (em novembro de 2010) e em Londres (em março de 2011).

A LSE liderou e executou a pesquisa com o apoio acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O trabalho de campo, que envolveu uma logística considerável devido à dificuldade de acesso ao território, foi realizado com a ajuda dos parceiros AfroReggae e CUFA, que negociaram a entrada dos pesquisadores nas favelas e os apoiaram ao longo do trabalho de campo. O Itaú Social e o Itaú Cultural financiaram a pesquisa e colaboraram na sua elaboração e no seu desenvolvimento. O Itaú Cultural desempenhou um papel fundamental na organização das reuniões de pesquisa, na cobertura da mobilidade nacional e internacional dos parceiros e no apoio à logística do trabalho de campo. Ao longo do processo, a UNESCO utilizou o seu conhecimento do Brasil, trabalhou com parceiros acadêmicos na realização do trabalho de campo e na preparação de materiais para divulgação da pesquisa, e atuou como mediadora e "tradutora", manejando a por vezes difícil comunicação entre todos os parceiros. O Itaú Cultural e a UNESCO assumiram o importante papel de divulgar o projeto e de organizar o seminário internacional para lançar a pesquisa no Rio de Janeiro (em setembro de 2012), bem como trabalharam com a LSE na organização do seminário realizado em Londres, em novembro de 2012.

Este projeto foi produzido coletivamente, de forma real e profunda: de fato, uma das principais lições aprendidas com esta experiência foi o valor da parceria em si. Cada estágio da pesquisa – desde a definição dos seus objetivos, passando pela constituição da amostra para a execução do trabalho de campo, chegando à análise dos dados e à elaboração do relatório final – foi discutido em uma série de reuniões e laboratórios de análise realizados em Londres e no Rio de Janeiro. Desde a primeira reunião até a fase final da análise dos dados, o projeto construiu um processo colaborativo que permitiu não apenas a realização da pesquisa e dos seminários de disseminação, mas também o entendimento de que se não se pudesse contar com os parceiros, não se teria conseguido fazer o que foi feito. A Figura 1.1 mostra uma visão geral da parceria e de como os parceiros trabalharam juntos.

Figura 1.1 A parceria da pesquisa

Uma das lições deste projeto é que parcerias permitem um tipo de ação coletiva em pesquisa, o qual não é possível dentro dos limites de instituições que trabalham isoladamente. Parcerias produzem alianças criativas e produtivas entre pessoas, práticas, saberes e poderes diferentes. O trabalho conjunto facilita a travessia de fronteiras, o entendimento e o aprendizado mútuo, ao mesmo tempo em que permite que as muitas diferenças de linguagem e de cultura institucional sejam elaboradas e superadas, na busca de um horizonte compartilhado no compromisso com a pesquisa e seus objetivos. Atualmente, as universidades estão cada vez mais preocupadas com o impacto do conhecimento que produzem, enquanto o setor privado investe em sua responsabilidade social. Ao mesmo tempo, organizações que trabalham na ponta do desenvolvimento social buscam qualificação baseada em teorias, conceitos e evidência empírica. A parceria permitiu pontos de contato e a negociação de visões, estratégias e projetos, bem como acúmulo de recursos e de bens simbólicos. A experiência mostrou que:

- parcerias são o melhor caminho para pesquisar populações de difícil acesso;
- parcerias são meios eficientes e eficazes de beneficiar todos os parceiros, bem como de estender o alcance e o impacto de pesquisas;
- colaborações internacionais funcionam bem porque indivíduos sentem-se atraídos, curiosos e desafiados por outras culturas, e desejam contar sua história para uma ampla gama de audiências.

1.3. O desenho da pesquisa e o banco de dados

A pesquisa compreendeu três estudos empíricos: uma investigação do mundo da vida da favela, um estudo sobre as organizações AfroReggae e CUFA, e uma investigação com especialistas, observadores e parceiros do AfroReggae e da CUFA no Rio de Janeiro. O enfoque da pesquisa foi etnográfico, psicossocial e multimetodológico. A Figura 1.2 apresenta o desenho da pesquisa.

Figura 1.2 O desenho da pesquisa

O primeiro estudo sobre o mundo da vida da favela buscou capturar as percepções, as representações e as experiências do morador da favela. Utilizando uma enquete e entrevistas qualitativas semiestruturadas, foram entrevistados 204 residentes das comunidades de Cantagalo, Cidade de Deus, Madureira e Vigário Geral (ver o Anexo 1, com os detalhes completos da amostra). As comunidades foram selecionadas tomando-se como critério sua posição geográfica e seu vínculo com o AfroReggae e a CUFA. As entrevistas e o questionário investigaram:

- o Eu, seu passado e seu presente, por meio de história familiar, trajetória pessoal, redes sociais e de lazer, modelos de identificação, sonhos e aspirações, relação com a religiosidade e a fé, e a experiência da violência, da segurança e do crime;
- representações sobre a comunidade e o Rio de Janeiro;
- representações sobre o AfroReggae e a CUFA.

O segundo estudo investigou as organizações AfroReggae e CUFA, concentrando-se em sua identidade, método, razões e objetivos de trabalho. O enfoque empírico centrou-se nas perguntas: “quem são”, “como trabalham”, “para que fim trabalham” e “para quem trabalham”. Os dados compreenderam:

- narrativas das histórias de vida de seus líderes, contendo percepções sobre suas trajetórias, o trabalho que realizam, como chegaram lá, as comunidades com quem trabalham e os desafios e obstáculos colocados para as organizações que dirigem;
- entrevistas sobre o AfroReggae e a CUFA com atores-chave dessas organizações, moradores da favela e observadores externos na cidade;
- análise de conteúdo dos projetos desenvolvidos pelo AfroReggae e pela CUFA, sistematizando parceiros, população-alvo, e as razões e objetivos de cada um de seus projetos sociais.

O terceiro estudo investigou informantes de elite, cujo trabalho e área de especialização estão intimamente relacionados com essas organizações e seus contextos. Incluído nesse conjunto de dados está um estudo de caso mais detalhado da instituição *polícia*, considerada como ator-chave, dada a centralidade de suas relações com os moradores das favelas e com o narcotráfico para a história da violência no Rio de Janeiro. As vozes dos observadores externos e dos parceiros dessas organizações expressam a diversidade de representações que circulam na cidade, bem como a opinião especializada sobre as interações da favela com a cidade. Entrevistas semiestruturadas investigaram:

- representações e percepções gerais sobre as origens, a identidade, o método de trabalho e as ações do AfroReggae e da CUFA, bem como as experiências de trabalho conjunto com essas organizações.

Os três estudos e o tipo de dados descritos acima correspondem a um quadro conceitual no qual o AfroReggae e a CUFA são concebidos como mediadores entre a favela e a cidade, na medida em que estão posicionados entre o mundo da vida da favela e os observadores externos que pertencem à sociedade formal da cidade. Essa configuração espelha a fenomenologia da "cidade partida", em que as favelas são separadas da sociedade geral da cidade por fronteiras construídas, tanto pelo ambiente físico (como na metáfora *morro e asfalto*) como pela paisagem simbólica das representações sociais da favela e de seus moradores. A Tabela 1.1 apresenta as metodologias utilizadas para a coleta de dados e para a análise dos diferentes tipos de dados.

Tabela 1.1 Tipos de dados e metodologia

Perspectiva	Coleta de dados	Análise
O mundo da vida da favela	Questionários Entrevistas	Análise fatorial (SPSS) Análise temática (NVivo)
O AfroReggae e a CUFA	Histórias de vida Projetos e ações	Análise narrativa (NVivo) Análise de conteúdo (SPSS)
Observadores externos/ parceiros	Entrevistas	Análise temática (NVivo)

A coleta e a análise dos dados permitiram a triangulação das diferentes perspectivas expressas pelos diversos atores pesquisados. O desenho da pesquisa permitiu a consolidar essas perspectivas em relação ao mesmo problema central que são as organizações AfroReggae e CUFA – sua identidade, seu trabalho e seu papel mediador – e, ao mesmo tempo, reunir as representações e as experiências que se ramificam em direções variadas de acordo com a posição particular dos atores em questão. Metodologias qualitativas e quantitativas foram utilizadas, de modo a evitar os problemas associados ao uso de apenas um tipo de método. A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2009 e fevereiro de 2011. A pesquisa contém cinco conjuntos de dados que foram arquivados e sistematizados para a análise de acordo com a sua especificidade:

- 204 questionários e entrevistas semiestruturadas com moradores de favelas distribuídos igualmente nas comunidades de Cantagalo, Cidade de Deus, Madureira e Vigário Geral, totalizando mais de 70 visitas a campo, 250 horas de contato face a face e 100 horas de observação e atividades relacionadas ao trabalho de campo;
- análise de 130 projetos de desenvolvimento social (70 projetos do AfroReggae e 60 projetos da CUFA);
- narrativas das trajetórias de vida de líderes do AfroReggae e da CUFA (10 histórias de vida, constituindo mais de 32 horas de entrevistas face a face);
- 16 entrevistas com observadores externos e parceiros, incluindo governo, setor privado, mídia, universidades, centros de pesquisa, outras ONGs, parceiros internacionais (Nações Unidas e UNESCO) e a polícia. Foram conduzidas cinco entrevistas a mais com a polícia, dada a sua importância no mundo da vida da favela.

1.4. Inspirações teóricas

A inspiração teórica que norteou a pesquisa veio de vários conceitos e tradições investigativas, incluindo os conceitos de *sociabilidade*, *representações sociais*, *imaginação* e *cartografias psicossociais*. O estudo também permitiu a inovação teórica, propondo o conceito de *andaimes psicossociais* (*psychosocial scaffoldings*), que será introduzido no capítulo 6.

A noção de *sociabilidade* foi introduzida por Simmel (1950) para descrever a forma lúdica da vida social, assim como a alegria e a imaginação que acompanham a experiência do social. Simmel define a sociabilidade como a forma lúdica da sociabilização, ou seja, a experiência prazerosa, alegre e agradável decorrente da interação das pessoas na sociedade. Imagine-se a situação social perfeita: divertir-se com os pares, conversar, rir, brincar e desfrutar o prazer completo de estar junto com outras pessoas. Para Simmel, essa experiência é a essência da sociabilidade. Esse prazer puro da sociabilidade é possível porque atores sociais são capazes de se desprender das formas reais, materiais e concretas da vida social, que envolvem estruturas e posicionamentos relacionados a hierarquias e à desigualdade nos campos sociais. Ao se conseguir abstrair a riqueza, a posição e o poder, esquecer o *status* e outras obrigações da vida "real", então é possível envolver-se ludicamente no jogo da sociabilidade, na apreciação da presença de outros, nos jogos de conversação e de relação que produzem a convivência e a experiência compartilhada. Elemento básico da cultura brasileira, a sociabilidade como ludicidade está particularmente presente na cultura da favela, como expressão da identidade cultural e como um ato de resistência contra as duras condições de vida. Ao relacionar a sociabilidade com a brincadeira, o jogo e a arte, Simmel enfatiza o poder da imaginação como um recurso importante da vida individual e social. Para entender a cultura e a sociabilidade da vida da favela, também utiliza o conceito de *mundo da vida* (Schutz, 1967), um sistema de significados, práticas, valores e objetos que constrói o horizonte de fundo no qual as pessoas vivenciam suas vidas. O mundo da vida das sociabilidades subterrâneas tende a permanecer invisível e, consequentemente, subterrâneo; ele é escondido por uma cortina de segregação, que não permite que as suas formas se aproximem da luz plena de uma esfera pública integrada. Contra essa tendência, a pesquisa buscou identificar como as energias lúdicas e relacionais da sociabilidade funcionam como ferramentas para reescrever vidas

pessoais, regenerar espaços sociais e unir ambientes urbanos nos quais a segregação é uma característica predominante.

Outro conceito importante na pesquisa foi o de *representações sociais*. As representações sociais são sistemas de ideias, valores e práticas construídos por grupos sociais, com a dupla função de orientação e de comunicação. Introduzidas pelo psicólogo social Serge Moscovici (1961-2008) em um estudo sobre como as ideias mudam na esfera pública, as representações sociais são maneiras de pensar e de agir no mundo; expressam a mentalidade de um grupo, o pensamento e o comportamento, as identidades e a cultura de uma comunidade. O mundo contemporâneo é composto por uma pluralidade de representações sociais, cada uma expressando projetos, identidades, modos de vida e diferentes níveis de poder nos campos sociais. A forma como as representações se encontram, competem entre si e transformam umas às outras em esferas públicas é um dos problemas mais interessantes do tempo presente (Bauer; Gaskell, 2008; Jovchelovitch, 2007). A pesquisa relatada neste livro buscou estudar as representações sociais desenvolvidas pelas comunidades do Rio sobre si mesmas, suas trajetórias individuais, seu bairro, a cidade e o futuro. A pesquisa procurou mapear o modo como as comunidades da favela manifestam as suas lutas representacionais na esfera pública geral da cidade, tentando ressignificar como são vistas e percebidas pela sociedade em geral no Rio de Janeiro. De extrema importância para a experiência do AfroReggae e da CUFA é a transformação das representações sociais das favelas e dos moradores da favela, demonstrando ativamente que o crime, as drogas e a violência estão longe de ser as características dominantes da sua cultura. Empurrando o que é invisível para a esfera pública aberta, esses grupos desafiam estereótipos e símbolos dominantes e contribuem significativamente para mudanças nas relações intergrupais e nas identidades sociais de toda a cidade. Ao mesmo tempo, pesquisou-se como os diferentes atores da cidade – incluindo a academia, as ONGs, as organizações internacionais, a mídia e a polícia – constroem representações sobre a vida da favela e sobre o trabalho do Afroreagge e da CUFA. O foco principal foram as encruzilhadas em que diferentes representações, originárias de diferentes elementos na cidade, se encontram e transformam umas às outras.

Como a arte e a criatividade constituem um componente crucial para a regeneração social nas favelas, a *imaginação* foi um conceito central da pesquisa. A imaginação se refere à capacidade humana de ir além do presente imediato e brincar com realidades possíveis. Envolve a projeção de esperanças e a antecipação de futuros que desafiam a configuração presente e real das coisas. Imaginar outros mundos é uma adaptação fundamental única aos seres humanos modernos (Bloch, 2008). O pensamento contrafatual coincidiu com o aumento significativo no tamanho do cérebro dos hominídeos há cerca de 300 mil anos e, há aproximadamente 50 mil anos, a proliferação de atividades artísticas humanas manifestadas em pinturas em cavernas, rituais, músicas, dança e ornamentos de corpo, demonstrou o início e a aceleração súbita dessa capacidade cognitiva nova e distintamente humana. Sabe-se também que, na ontogênese, a capacidade humana de imaginar possibilidades alternativas e pensar nas suas implicações surge cedo e transforma profundamente a concepção de realidade em desenvolvimento na criança. Isso permite que a criança realize uma alternância de estruturas, passando da realidade para o faz de conta e vice-versa, estabelecendo uma relação de inspiração mútua entre esses dois registros. Para a criança, o faz de conta não é uma distorção, mas uma relação lúdica com a realidade que é imprescindível para um saudável desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Harris, 2000; Winnicott, 1971). Fantasia, jogo, devaneio e imaginação são essenciais para o desenvolvimento saudável do pensamento e da racionalidade. Nesse sentido, o trabalho da imaginação é extremamente importante para a produção de visões e de representações alternativas que conduzam os indivíduos, as comunidades e as esferas públicas a adotar ações sociais que promovam uma mudança social positiva. Por meio da brincadeira e da arte, o AfroReggae e a CUFA estão reposicionando a vida da favela na agenda da sociedade brasileira e apresentando o trabalho da imaginação, ao desenvolver resiliência e resistência a contextos de pobreza.

Finalmente, a noção de *cartografias psicossociais* provém do trabalho da psicóloga social brasileira Sueli Rolnik. Inspirado principalmente na obra de Deleuze e Guattari (2004), tal conceito combina uma perspectiva psicológica e geográfica para expressar como mundos vividos podem estar compreendidos em territórios que são tanto espaciais quanto psicossociais. Estes contêm linguagens e padrões comportamentais que definem determinadas paisagens, necessitando entendimento

e análise cuidadosa. O conceito é utilizado para descrever um espaço ou um território na sua totalidade subjetiva e objetiva: suas linguagens, representações, práticas, investimentos emocionais, padrões comportamentais, modos de relação dentro e fora dos seus limites, assim como a sua materialidade geográfica, onde está localizado, e como demarca as fronteiras e as travessias em relação a espaços maiores e a territórios mais amplos. Rolnik sugere que uma cartografia psicossocial "não é uma representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem" (Rolnik, 1989). A noção de cartografias psicossociais foi a última a chegar à pesquisa. Foi inspiradora no momento de análise dos dados, quando ficou claro, por meio da análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas com os moradores da favela, que cada uma das comunidades que se estudou revelava uma cartografia psicossocial específica, que era tanto psicológica quanto territorial.

1.5. A estrutura do livro

Este livro contém sete capítulos, cada um apresentando elementos da pesquisa e seus resultados, bem como os aportes conceituais que lhe nortearam e que foram utilizados para dar sentido aos achados. O capítulo 1 introduz a pesquisa e a parceria que a sustentou, buscando situar o leitor e relatar o processo de produção do estudo, enfatizando o ponto de partida da pesquisa, apresentando o seu desenho e metodologia, os conceitos que a nortearam e a importância de parcerias interinstitucionais para a eficácia investigativa e o aprendizado de todos os envolvidos.

O capítulo 2 introduz o contexto e as áreas pesquisadas, bem como o problema central da pesquisa. Nesse capítulo, discute-se o Rio de Janeiro, cidade de belezas naturais incontestáveis, mas de território socialmente dividido, formado por complexas relações de convivência entre dois mundos. É nesse cenário urbano que surgem novas ações e novos atores como o AfroReggae e a CUFA, desafiando o contexto e apresentando um laboratório vivo para o estudo da capacidade para a ação e respostas positivas de base para a exclusão, a pobreza e a violência.

O capítulo 3 apresenta um panorama sistemático do mundo da favela, tal como é narrado e vivido por seus moradores. Nesse capítulo, apresentam-se as instituições, o cotidiano e a vida que corre nas veias das favelas cariocas, ressaltando-se trajetórias individuais e coletivas por meio da análise da experiência do Eu e seus estados afetivos, bem como da análise da comunidade, da cidade e das relações entre a favela e a cidade. Ao se conhecer o mundo vivido da favela, conhece-se também os principais elementos que impedem ou possibilitam a capacidade para a ação e a resistência ao contexto.

O capítulo 4 apresenta um estudo de caso das relações entre a polícia e a favela, que inclui dados sobre as percepções da polícia e dos moradores das favelas sobre si, sobre o outro e sobre suas relações. O capítulo demonstra como as relações entre a favela e a polícia foram construídas e em que direção elas caminham. Como será visto, a pesquisa descobriu que essas relações, historicamente complexas e conturbadas, estão mudando.

O capítulo 5 sistematiza o método de trabalho e os objetivos das organizações AfroReggae e CUFA, tais como são descritas e vividas por moradores, ativistas, líderes e observadores externos. O capítulo analisa a identidade e as principais inovações dessas organizações, demonstrando como elas transformam as sociabilidades subterrâneas e constroem um modelo que pode ser transmitido para outros contextos semelhantes.

O capítulo 6 apresenta um quadro teórico-conceitual e uma síntese dos resultados da pesquisa, oferecendo um modelo para se entender as rotas de exclusão e de inclusão vividas pelas sociabilidades subterrâneas. Nesse capítulo, discutem-se as relações entre a capacidade para a ação e os contextos sociais, apresentando-se as cartografias psicossociais de cada uma das comunidades estudadas, bem como a porosidade das fronteiras entre a favela e a cidade como fator central para as trajetórias de vida e as rotas de socialização. Discutem-se os determinantes de escolhas e de rupturas nas rotas de socialização, assim como a importância de andaimes psicossociais como elementos centrais que definem tais momentos.

O último capítulo apresenta uma síntese do livro, com os principais achados da pesquisa e uma apresentação de conclusões e recomendações. No final, o leitor encontrará anexos com informações detalhadas sobre a pesquisa e a bibiografia.

2. Rio de Janeiro: cidade maravilhosa, cidade partida?

"Jovem, preto, novo, pequeno
Falcão fica na laje de plantão no sereno
Drogas, armas, sem futuro
Moleque cheio de ódio, invisível, no escuro".
(MV Bill)

2.1. Pobreza, desigualdade e violência

Um menino negro, novo e pequeno, vigia obedientemente a entrada da favela, exposto às drogas e às armas, invisível, cheio de ódio, esperando no escuro: é assim que a sensibilidade combativa de MV Bill, um *rapper* brasileiro e líder da CUFA, descreve a difícil situação das crianças empregadas pelo tráfico de drogas nas favelas do Rio. Eles são o outro lado do Rio, uma cidade cuja beleza natural e humana coexiste com a pobreza, com a desigualdade e com a violência. Embora esses níveis tenham diminuído drasticamente no Brasil e, até certo ponto, no Rio de Janeiro, a paisagem urbana da cidade, tanto em números absolutos como em experiências humanas de sofrimento, de perda e de segregação, continua a desafiar a imaginação de políticos, de cientistas sociais e de legisladores. Essa cidade maravilhosa e mista é também uma cidade partida, onde a beleza da paisagem natural, a abertura para o mundo, o calor e a cordialidade do carioca coexistem com a violência, com a criminalidade e com divisões sociais radicais.

Já por duas décadas, a ideia da "cidade partida" proposta por Ventura (1994) capta a complexidade das divisões e das linhas de segregação que caracterizam o Rio de Janeiro e, em certa medida, todo o Brasil. Essa é uma ideia que se acrescenta à noção de "Belíndia" – um neologismo criado com base nos nomes de dois países contrastantes, Bélgica e Índia – que marcou, por toda uma geração, a condição e a imagem do Brasil como um país formado por uma enorme desigualdade, contendo em si tanto a Índia como a Bélgica, produto e ao mesmo tempo produtor de uma separação interna aguda que veio a ser conhecida como o *apartheid* social brasileiro.

Embora discussões mais recentes convidem a reposicionar a descrição clássica do Rio como uma cidade partida e a reconhecê-la como um todo integrado de múltiplas interconexões das suas diferentes áreas e cidadãos (Souza e Silva, 2003, 2009), os indicadores socioeconômicos e as experiências subjetivas de sua população pobre fornecem provas convincentes de que a metáfora da "cidade partida" não pode ser colocada de lado tão facilmente. A realidade da segregação e da desigualdade no Rio está clara em números, no baixo nível dos serviços prestados pelo Estado e pelo setor privado dentro dos territórios das favelas, e nas vozes de seus moradores. Em 2010, mais de 20% da população do Rio vivia em aglomerados subnormais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) descreve as áreas conhecidas na cidade como favelas ou *comunidades*.

As favelas são definidas como aglomerados urbanos subnormais, assentamentos irregulares em áreas consideradas inapropriadas para a urbanização, como as encostas íngremes das montanhas do Rio: "conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.), ocupando – ou tendo ocupado – até período recente, terreno de propriedade alheia (público ou particular); dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais e privados" (IBGE, 2011).

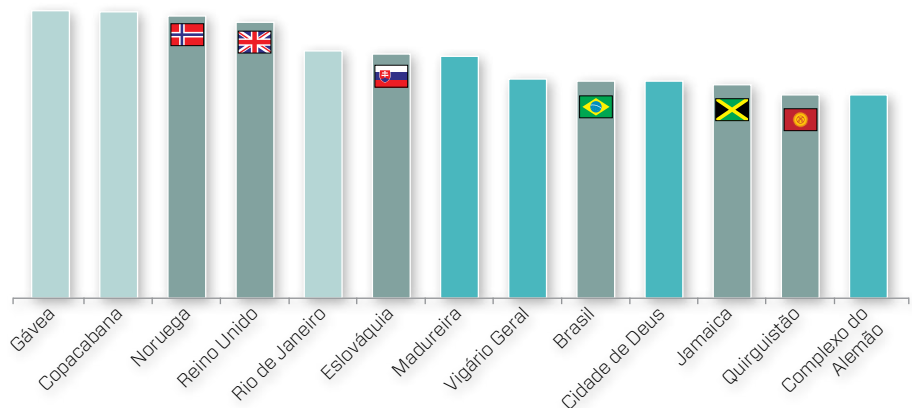
Mais de um milhão de pessoas vivem nessas áreas da cidade, que vêm crescendo acentuadamente desde a década de 1950, como pode ser visto na Tabela 2.1.

Tabela 2.1 Crescimento da população nas favelas e no Rio de Janeiro

Ano	População favelas	População Rio	%	% Cresc. pop. das favelas	% Cresc. pop. do Rio
1950	169.305	2.337.451	7,24%	-	-
1960	337.412	3.307.163	10,20%	99,3%	41,5%
1970	563.970	4.251.918	13,26%	67,1%	28,6%
1980	628.170	5.093.232	12,33%	11,4%	19,8%
1990	882.483	5.480.778	16,10%	40,5%	7,6%
2000	1.092.958	5.857.879	18,66%	23,9%	6,9%
2010	1.393.314	6.288.588	22,16%	27,5%	7,4%

Fonte: IBGE.

A Figura 2.1 mostra as disparidades do índice de desenvolvimento humano (IDH) nos diferentes bairros do Rio. Com alguns números mais altos do que os da Noruega, que apresentou o IDH mais alto para um país em 2000, e outros próximos do Quirguistão, classificado na 102ª posição, as diferentes áreas da cidade mostram, em sua impressionante desigualdade, o que a imaginação carioca chama de divisão entre morro e asfalto. Há uma divisão clara entre as favelas nos morros e os elegantes bairros nas áreas asfaltadas.

Figura 2.1 Comparação ilustrativa do IDH em bairros do Rio e em países

Fonte: IPP, 2004; PNUD, 2002.

Os dados acima são os últimos disponíveis sobre o IDH dos bairros cariocas, e desde então houve mudanças importantes no quadro da desigualdade e da pobreza no Brasil. O índice de pobreza se reduziu marcadamente na última década, e o Brasil faz parte de um seleto clube de nações cujo coeficiente GINI melhorou. Contudo, a cidade do Rio não acompanhou essa evolução, como se pode observar na Tabela 2.2. Os índices de desigualdade e de pobreza mostram que pouco mudou nos últimos anos, em termos de desigualdade no Rio (Neri, 2010). Hoje, a situação é pior do que a do Brasil como um todo. O índice de pobreza da cidade igualmente aumentou, embora a pobreza nas favelas tenha, de fato, diminuído. O aumento é devido ao empobrecimento e à desigualdade que afeta as regiões administrativas do asfalto, como se pode ver na tabela abaixo.

Tabela 2.2 GINI e índice de pobreza para o Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, a favela e o asfalto

	GINI		Índice de pobreza	
	1996	2008	1996	2008
Brasil	0,602	0,549	28,82%	16,02%
Rio	0,577	0,576	9,61%	10,18%
Favela	0,397	0,384	18,58%	15,07%
Asfalto	0,564	0,570	7,87%	9,43%

Fonte: Neri, 2010.

Apesar da sua importância, a melhoria do índice de pobreza das favelas não apaga os outros números, que continuam a contar uma história em que a morte precoce por homicídio, a baixa renda, o analfabetismo e a gravidez na adolescência, entre outros indicadores, têm um endereço certo na cidade. Um relatório recente da Fundação Getúlio Vargas (Neri, 2010), que comparou as cinco maiores comunidades de baixa renda do Rio com os seus bairros de alta renda, concluiu que é a variável *favela* que explica mais da metade dos diferenciais relacionados à renda *per capita*. O fato de morar em uma favela diminui significativamente a renda média das pessoas com ocupações similares. Por exemplo, profissionais que moram nas favelas ganham em

média 4,8 vezes menos do que profissionais que moram fora das favelas. Monteiro (2004) concluiu que a residência em uma favela e a falta de educação materna desempenham papel fundamental na determinação da mortalidade infantil, notando-se em particular o aumento do risco de mortalidade para infantes com menos de 5 anos de idade nas favelas.

O contexto social, econômico e geográfico fornece uma indicação clara do problema, mas a sua configuração geral vai muito além desse contexto, apresentando dimensões psicológicas e culturais específicas. As favelas do Rio são ambientes de grande complexidade psicossocial e cultural, nos quais a instituição de fronteiras internas e externas circunscreve a experiência de indivíduos e de grupos que vivem dentro e fora desses territórios. As relações entre a favela e a cidade, caracterizadas pela dicotomia morro-asfalto, trazem à tona os problemas políticos e psicossociais da segregação e da exclusão causados pelas representações que sistematicamente discriminam e estigmatizam o morador da favela. Conforme muitas vezes se ouviu durante a pesquisa,

> *"A gente tem uns preconceitos, polícia é polícia, favelado é favelado, cada um no seu quadrado, vamos dizer assim... Ah, favelado é tudo igual, favelado ninguém presta, é semente do mal".*
>
> (Comandante policial de Unidade de Polícia Pacificadora, com base na comunidade)

A psicologia social da favela mostra que a invisibilidade crônica da sociabilidade subterrânea é causada por lentes que apagam a sua realidade vivida, transformando-a em uma identidade criminosa e violenta, uma "semente do mal". Ser da favela, morar na favela e ir para a cidade com a marca social da favela constituem uma experiência de discriminação e de luta identificatória que retira da sua população o direito a uma autointerpretação positiva.

“Aqui, o que mais acontece é isso, não no morro, mas lá embaixo. Eles já olham pra você, ‘ih..., é do morro’, na cara de pau mesmo, escondem a bolsa, fingem que tá falando com alguém atrás de você, ‘oi fulano’, só pra passar, atravessa a rua na cara de pau, sai correndo, com medo”.
(Cantagalo, homem, 21 anos)

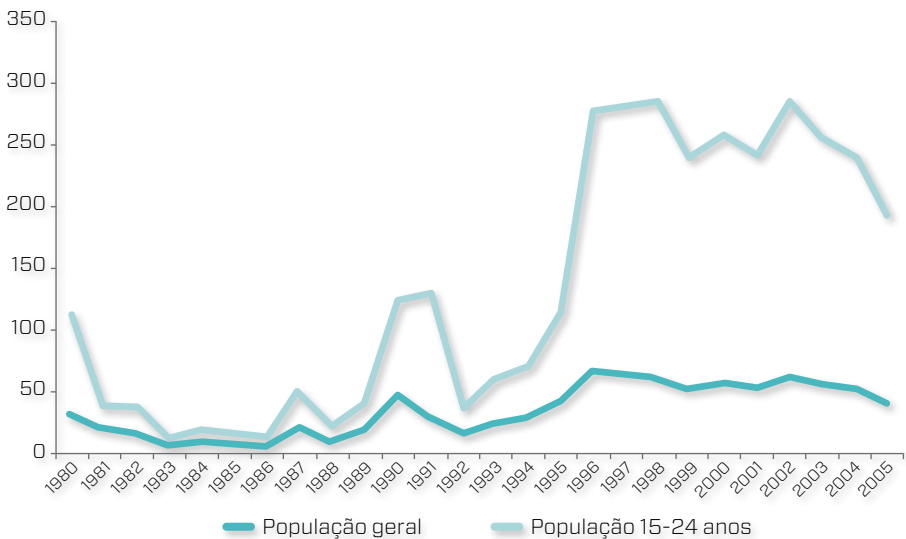
“A área em que eu moro é de difícil acesso pra trabalho, por exemplo, já cheguei a perder uns quatro ou cinco empregos, devido à área em que eu moro... Falou ‘Cidade de Deus’, o pessoal já fica meio naquilo, devido à cor da pele também, entendeu... é muito preconceito devido à área e também à cor da pele...”.
(Cidade de Deus, homem, 25 anos)

No entanto, como será visto adiante, é precisamente para resistir e lutar contra situações como essas que são forjadas novas iniciativas por parte das comunidades das favelas.

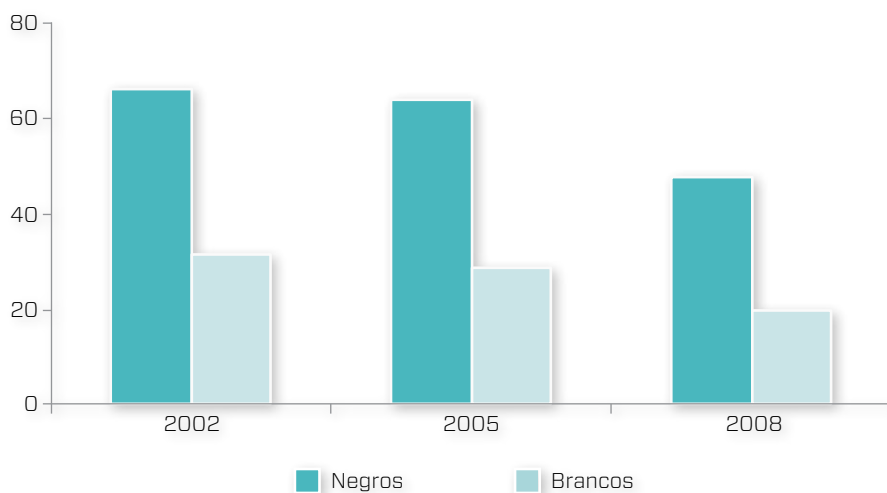
2.2. Território em guerra: socialização e violência

Durante as décadas de 1970 e 1980, o tráfico de drogas aumentou drasticamente no Rio de Janeiro. Essa expansão foi acompanhada pelo enraizamento territorial do tráfico nas favelas do Rio, descrita por Misse (1999) como um processo político, territorial e militar. A estrutura paramilitar das organizações do narcotráfico instituiu uma guerra territorial entre as suas próprias facções internas e entre estas e a polícia. A polícia, tendo herdado da ditadura militar brasileira uma ideologia de segurança nacional preocupada com a eliminação do “inimigo interno”, encontrou

nas favelas uma oportunidade de mudar o inimigo de lugar e preencher o vazio deixado pela democratização do país na década de 1980. A ocupação das favelas pelo narcotráfico, bem como a guerra entre as facções e a polícia, provocaram um aumento acentuado da violência, claramente observado na evolução dos números de homicídios na cidade do Rio de Janeiro, em especial em sua população jovem (Dowdney, 2003).

Figura 2.2 Evolução do índice de homicídios no Rio de Janeiro, 1980-2005

Fonte: SIM-DATASUS.

Enquanto os dados mais recentes do relatório "Mapa da violência" (Waiselfiesz, 2011) mostram que as taxas de homicídios de jovens diminuíram substancialmente no Rio (de 1.352 em 1998, para 675 em 2008), os níveis continuam alarmantes no que diz respeito à cor e à raça, o que mostra a distribuição desigual das mortes violentas na cidade. A Figura 2.3 mostra que, para cada pessoa branca assassinada no Estado do Rio, mais de duas pessoas negras morrem nas mesmas circunstâncias.

Figura 2.3 Taxa de homicídios (em 100 mil) por raça/cor na população total no Rio de Janeiro, 2002-2008

Fonte: Waiselfiesz, 2011.

A professora Sílvia Ramos, uma das maiores especialistas brasileiras em segurança e direitos humanos, com um papel importante no desenvolvimento de pesquisas e de políticas nessa área no país, disse durante a entrevista realizada neste estudo:

"O Brasil tem a sexta maior taxa de homicídios do mundo, a quinta maior taxa de homicídios de jovens de 15 a 24 anos do mundo: são 50 mil homicídios por ano. Cinquenta mil! Sete mil apenas no Rio de Janeiro. A taxa de homicídios é de 26 por 100 mil. A da Inglaterra deve ser 0,8 ou 0,9. A taxa dos Estados Unidos é 4 ou 5 por 100 mil. A taxa da Europa Ocidental é 1,5 ou 2. A do Brasil é de 26 por 100 mil. A do Rio de Janeiro é de 50 por 100 mil. Ou seja, é o dobro da do Brasil [...]. A taxa de homicídios de jovens no Rio de Janeiro é de 100 por 100 mil, mas a de jovens negros é de 400 por 100 mil. Então, o que acontece com o problema da violência no Brasil é que ele é grande o suficiente para se dizer que é um problema nacional, tanto em números absolutos quanto ponderados como taxa, que é um número espetacular. Mas acontece que a sua distribuição na sociedade é tão concentrada, que permitiu que o Brasil se desse ao luxo – entre aspas – de passar décadas sem responder a esse tema, porque é subterrâneo, porque esse é um tema que não tem visibilidade, porque quem está morrendo todos esses anos são os meninos negros das favelas".

Além de ser um dos principais determinantes da violência letal, o tráfico de drogas afeta indiscriminadamente a totalidade das comunidades das favelas, funcionando como um dos mais importantes organizadores da sociabilidade subterrânea. Sua presença possui poder institucional, oferecendo um sistema paralelo de normas e de códigos comportamentais, bem como uma trajetória de trabalho e de "desenvolvimento profissional". O narcotráfico regula, permite, interdita e comanda a vida de crianças, jovens, homens e mulheres na favela, o que explica e dá origem à expressão "dono

do morro". Ao mesmo tempo, a violência que produz cria uma ecologia psicossocial marcada pelo perigo e pela morte fácil, uma exposição constante a armas de fogo e a formação de uma cultura em que a força bruta e a criminalidade se tornam naturais. Como uma cultura predominante, que se soma à ausência crônica do Estado e dos seus serviços, o narcotráfico institui nos territórios da favela a dura realidade de uma sociedade sem Estado, na qual direitos, responsabilidades e padrões de sociabilidade carecem de um marco legal e normativo.

Na sua totalidade, o tráfico de drogas significa medo, sofrimento e perda, para a grande maioria dos moradores da favela, embora também possa ser, às vezes, a única opção. A falta de oportunidades, associada à segregação e à discriminação, mostra que as rotas de socialização para os jovens que escolhem fazer parte de grupos criminosos envolvem uma combinação de dificuldades socioeconômicas, a ausência de serviços públicos básicos e variáveis psicossociais, como o desejo de reconhecimento e de pertença a um grupo que dê *status*, um papel e uma identidade. Como será discutido mais detalhadamente adiante, não há nada natural na criminalização do jovem que escolhe a rota do tráfico de drogas e, como mostra a pesquisa, a sua escolha não é uma decisão pessoal.

2.3. Um novo modelo de segurança pública?

Durante a realização da pesquisa que deu origem a este livro, essas condições começaram a mudar, devido à introdução das Unidades de Polícia Pacificadora, as UPPs. Gradualmente, as UPPs estão recuperando territórios da favela dos chefes do narcotráfico e mudando radicalmente a ação da polícia no interior das comunidades pobres. As UPPs são apresentadas pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro como "um novo modelo de Segurança Pública e de policiamento que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades"[1]. A meta é construir uma relação nova

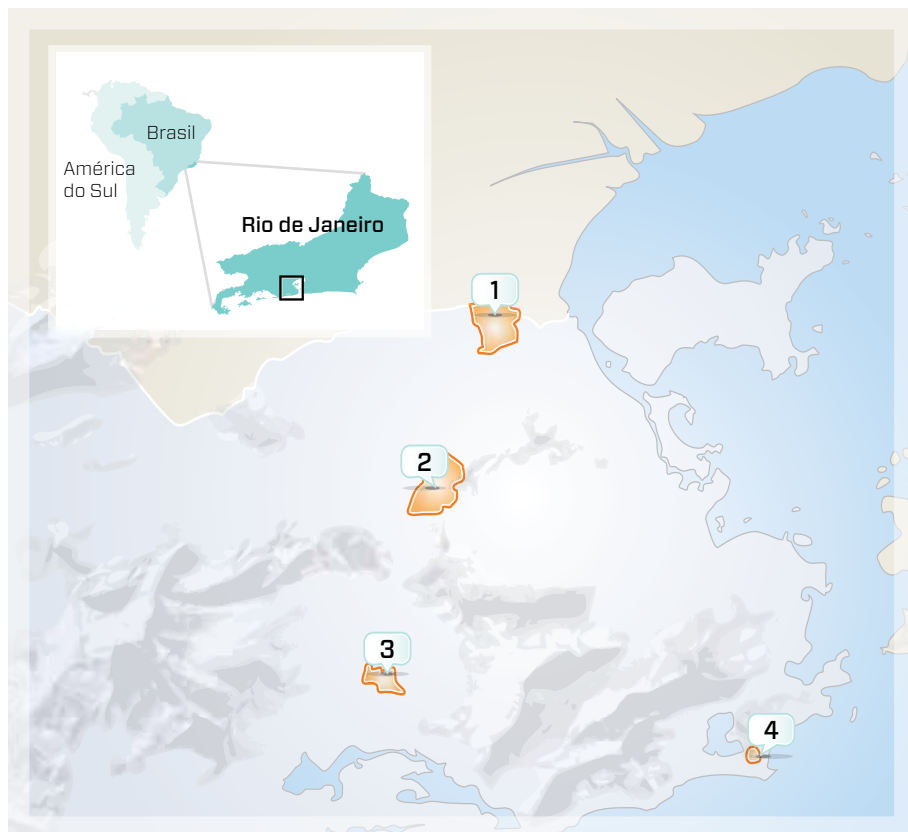
[1] RIO DE JANEIRO. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Disponível em: <http://www.upprj.com/>.

e positiva com as favelas e, ao mesmo tempo, recuperar o controle do Estado e expulsar os chefes do narcotráfico dessas áreas. Foram realizados grandes investimentos no recrutamento e na qualificação de pessoal, tendo sido dada uma forte ênfase a uma abordagem humanista baseada no policiamento comunitário. Desde 2008, quando a primeira UPP foi instalada, a polícia vem lançando novas unidades em áreas diversas do Rio de Janeiro, hoje com um total de 18 unidades em operação em toda a cidade. Em todas essas áreas, a polícia deslocou o tráfico de drogas e está trabalhando com outros setores – Estado, setor privado e ONGs – para reconstruir as relações com a comunidade.

Essas mudanças são bastante reais para as comunidades que foram estudadas. Contudo, conforme é relatado no capítulo 3, a socialização e a subjetividade dos moradores da favela continuam a ser marcadas profundamente pela cultura e pela governança impostas pelo tráfico de drogas, bem como a sua guerra com a polícia. As percepções sobre a polícia são contraditórias, algo que é reforçado por processos de transição e de mudança dentro da própria instituição; assim, vê-se que as UPPs constituem um processo ainda aberto à mudança e à consolidação. Essas questões serão discutidas com mais detalhes no capítulo 4, onde será examinado como as novas relações entre favelas, a polícia, o AfroReggae e a CUFA desafiam e transformam as divisões urbanas tradicionais do Rio de Janeiro.

2.4. As áreas da pesquisa

A pesquisa estudou quatro áreas no Rio de Janeiro, incluídas na amostra considerando sua localização e sua ligação com o AfroReggae e a CUFA. Cantagalo e Vigário Geral estão associadas ao AfroReggae, enquanto Cidade de Deus e Madureira estão ligadas à CUFA. Essas associações são fortes e fundamentais para se entender tanto as áreas quanto o AfroReggae e a CUFA.

Figura 2.4 Localização das áreas de pesquisa

1. Vigário Geral | 2. Madureira | 3. Cidade de Deus | 4. Cantagalo

A Figura 2.4 mostra a localização de cada uma das comunidades na cidade. Cantagalo situa-se em um morro perto do mar na Zona Sul do Rio, enquanto a Cidade de Deus, Madureira e Vigário Geral encontram-se longe da praia, nas regiões oeste, central e norte da cidade. Cantagalo e Vigário Geral são favelas clássicas, como definidas pelo IBGE, ao passo que a Cidade de Deus foi construída como área planejada para alocar os moradores retirados das favelas no centro do Rio, durante o regime militar. Madureira é um bairro formal rodeado por favelas. Todas essas áreas sofreram com

a falta de serviços públicos e privados, e com a desvalorização histórica. Esse é o caso inclusive de Madureira, apesar de ser um bairro formal. Todas estão expostas ao crime organizado e, em diferentes níveis, à guerra entre a polícia e os chefes do narcotráfico.

Embora muito diferentes, as áreas pesquisadas compartilham uma história de estigmatização e, como foi visto acima, indicadores sociais que as colocam em desvantagem em relação à média da cidade.

Cantagalo, visto de Ipanema e a vista do Cantagalo

Cantagalo faz parte de um grupo de três favelas (Cantagalo, Pavão e Pavãozinho) localizadas em uma das áreas mais ricas do Rio de Janeiro, entre Ipanema, Copacabana e Lagoa. É uma favela pequena, se comparada com as outras da cidade. No entanto, o fato de a favela de Cantagalo estar localizada em um morro, dá a impressão de ela ser maior do que realmente é. A sua localização em uma área de classe média alta imediatamente torna visíveis as diferenças na paisagem construída da favela e as fachadas sofisticadas dos edifícios dos bairros ao seu redor. Essa proximidade com bairros de classes média e alta acentua os contrastes, bem como as tensões entre a favela e os bairros formais. Isso é patente no incômodo causado pela presença de moradores da favela em Copacabana e Ipanema, um incômodo agravado pelo medo e pelo preconceito, particularmente em relação aos moradores jovens e negros.

A favela do Cantagalo está ligada a Ipanema por um elevador e por uma estrada pavimentada, o que facilita o deslocamento e o trânsito de e para a cidade formal. Em dezembro de 2009, uma UPP foi instalada, e o tráfico de drogas foi retirado da sua posição de organizador da vida da comunidade. Houve grandes investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal, o que possibilitou urbanização e novas moradias. A favela do Cantagalo conta com um grande centro de atividades sociais e de educação, proporcionado pelo Espaço Criança Esperança, um programa nacional de desenvolvimento social liderado pela UNESCO e pela TV Globo (maior organização de mídia do Brasil).

O AfroReggae tem uma presença importante no Cantagalo. A sua sede, ao lado do Criança Esperança, constitui um polo de atividades sociais, oficinas e serviços psicossociais, que atrai pessoas de diferentes áreas da cidade.

A Cidade de Deus, na década de 1960, e durante o trabalho de campo, no início de 2010

A **Cidade de Deus** é conhecida internacionalmente devido ao filme homônimo indicado ao Oscar de 2004. O bairro foi construído durante a década de 1960 pelo regime militar, como um importante assentamento para abrigar famílias pobres provenientes das favelas que estavam sendo "erradicadas" do centro da cidade. Localizada na região de Jacarepaguá, em seus primeiros anos, a área não contava com infraestrutura urbana e com linhas de transporte, e o deslocamento até o centro do Rio poderia levar quase 3 horas. Isolamento, ausência de infraestrutura básica e de empregos significavam o agravamento das condições sociais e a falta de meios para pagar e manter as novas

casas, que se depreciavam gradativamente e foram drasticamente modificadas com a chegada do tráfico de drogas e de outros assentamentos ilegais. Nos anos seguintes, a Cidade de Deus transformou-se em uma das áreas mais problemáticas do Rio, devido à pobreza e às ações do tráfico de drogas.

Hoje, a Cidade de Deus é formada por uma área residencial formal e por diversos assentamentos informais, que podem ser chamados de favelas. A sua posição é remota em relação à Zona Sul do Rio. Desde a expansão do extremo oeste do Rio (Barra), a Cidade de Deus encontrou novas conexões com a cidade, não estando mais tão isolada como anteriormente. Em fevereiro de 2009, uma UPP foi instalada, o que acabou com o longo controle dos chefes do tráfico na área. A CUFA tem uma presença significativa na Cidade de Deus, por meio dos projetos, das oficinas e das atividades sociais.

Sol e chuva em Madureira durante o trabalho de campo

Madureira é um bairro bastante grande do Rio e o centro da Zona Norte da cidade. É um grande eixo de transporte e um centro comercial ativo e importante. A formação do bairro ocorreu no início do século XX, quando o Mercado de Madureira foi criado pelos produtores locais. Esse mercado cresceu muito e se popularizou na década de 1960, sendo hoje um dos maiores da cidade. Madureira é distante da "maravilhosa" Zona Sul do Rio, mas abriga dentro dos seus limites muitas das fontes populares que fazem do Rio a Cidade Maravilhosa: samba, cultura popular, convivência e música. A área é o lar de importantes locais culturais

ligados às escolas de samba, como a Portela e a Tradição, assim como o Jongo da Serrinha, um tradicional grupo afro-brasileiro.

Devido às suas atividades comerciais, o bairro abriga um número considerável de moradores de classe média, fato que melhora seus indicadores socioeconômicos, trazendo-os para perto da média da cidade. Entretanto, esses números são baixos se comparados aos de outras áreas de classe média. No geral, o bairro é considerado uma região de classe operária que pertence à cidade formal, com assentamentos legais sob o controle do Estado. No entanto, está cercado por favelas e por várias facções do tráfico de drogas, o que faz dele um ponto de passagem, uma comunidade na encruzilhada.

Vigário Geral nas manchetes e a equipe de pesquisadores atravessando a ponte em 2009, com o Centro Cultural Waly Salomão ao fundo.

A favela de **Vigário Geral** está situada na região norte do Rio de Janeiro, perto do Aeroporto Internacional, naquela que hoje é considerada uma área industrial em decadência. Os primeiros assentamentos em Vigário Geral ocorreram durante os anos 1940, após a construção de uma nova linha de trem (Leopoldina). A construção da Avenida Brasil – uma rodovia central de movimento intenso que liga o Rio às áreas circundantes – também contribuiu para o aumento da população na região. Durante a década de 1960, o governo construiu habitações extras na área, para acomodar

populações de baixa renda removidas das favelas no centro de cidade – uma política que também deu origem à Cidade de Deus. A sua localização coloca-a claramente no limite da cidade e distante da Zona Sul, que se estende ao longo da costa. A linha de trem fica exatamente em frente à comunidade, sendo ligada pela ponte que funciona como um marcador de fronteira.

Vigário Geral sofre uma forte influência do tráfico de drogas; traficantes armados fazem guarda na entrada da comunidade e determinam quem pode ir e vir. Qualquer rosto estranho é visto com suspeita nessa fronteira. Somente o AfroReggae tem o acesso aberto, e a sua marca vale como um passaporte para a fácil entrada e circulação. De especial importância é o relacionamento com Parada de Lucas; as duas comunidades, que são vizinhas, foram por quase duas décadas o centro de uma guerra entre as facções do tráfico. A disputa ganhou fama na cidade, e o limite entre as duas favelas ficou conhecido como "a Faixa de Gaza brasileira". A comunidade tornou-se também conhecida pelo trágico episódio de 1993, em que 21 de seus moradores foram assassinados por policiais que queriam vingar a morte de um colega. Esse acontecimento adquiriu um importante significado na vida de Vigário Geral, sendo amplamente reconhecido como o episódio que ajudou a fundar o AfroReggae.

2.5. Novos atores, novas ações: AfroReggae e CUFA

Pesquisas têm apontado consistentemente a singularidade do capital social brasileiro (Zaluar; Ribeiro, 2009) e uma sociedade civil caracterizada por fortes laços associativos. Com base em uma cultura de miscigenação, convivência e sociabilidade intensa, o país tem produzido tecnologias de intervenção para a transformação social que se tornaram referências internacionais em áreas como a saúde, a educação e a alimentação. Essas políticas estão sendo institucionalizadas por uma nova vontade política, que colocou o Estado em um diálogo muito próximo com os movimentos sociais e com as experiências populares (Avritzer, 2002). No entanto, o surgimento de grupos organizados de moradores de favelas é um desenvolvimento novo e marcante na paisagem política brasileira, que se diferencia de todas as manifestações precedentes da sociedade civil no Brasil (Ramos, 2006; Vianna, 2006).

Desde o início dos anos 1990, as iniciativas de origem popular implementadas nas comunidades pobres e da periferia do Rio, bem como em outras regiões brasileiras, levaram à criação de grupos como o AfroReggae, a CUFA, o Nós do Morro e o Olodum. Eles diferem radicalmente das organizações tradicionais que "educam" e "intervêm" em áreas pobres, porque são formados e administrados por pessoas das próprias favelas e que mantêm um relacionamento forte e íntimo com esses territórios específicos. Eles utilizam a arte e a produção cultural para resgatar a identidade e para reposicionar as ideias, as visões, as perspectivas e as experiências da juventude da favela na agenda da sociedade brasileira.

O que é imprescindível para essas experiências é a introdução de um novo ator social no processo de redemocratização do Brasil: a presença dos moradores jovens e negros da favela nas ações da sociedade civil organizada. Esses novos atores sociais, como observa Ramos (2007), inovam em várias dimensões. Eles resistem a contextos de segregação, considerando e até enfatizando as trajetórias individuais e a subjetividade. Eles se relacionam com o mercado, com o setor privado, com os meios de comunicação e com o Estado, defendendo e reivindicando seu território, bem como colocando abertamente o problema do orgulho racial na agenda política. Com a sua própria existência, sinalizam novas condições na cultura e na vida política brasileiras. O antropólogo e produtor cultural Hermano Vianna – cujo texto seminal "Central da periferia", de 2006, aponta claramente as novas inter-relações entre o centro e a periferia da cidade – declarou durante a entrevista para este estudo:

> "Acho que a maior atuação política dos anos 90 foi o aparecimento desses grupos. E a outra coisa foi o aparecimento da nova cultura de massa, que no Rio de Janeiro é o *funk* carioca – tem o forró *pop* nordestino, tem o *tecnobrega* em Belém do Pará etc. – que surgiu não das grandes gravadoras ou dos grandes meios de comunicação, e são fenômenos de massa, comerciais que não passam pelos centros tradicionais de produção cultural. Você não precisa mais estar na Globo para fazer sucesso".
>
> (Hermano Vianna, acadêmico e produtor cultural)

Quando Vianna (2006) escreveu que a favela agora diz "Qualé, mané! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente!", ele estava se referindo a um novo tipo de protagonista que abraça a identidade, o modo de vida, os recursos e as potencialidades da vida na favela como paradigmático do que pode acontecer sob o signo da exclusão e das duras condições de vida. Trata-se de um novo tipo de ator que resiste à estigmatização e à homogeneização para mostrar que, apesar da pobreza e da exclusão, existem resiliência, inteligência e uma identidade orgulhosa de si mesma nas favelas e na periferia da cidade. Isso é corroborado por Salles (2007), que vê no movimento desses jovens a introdução de uma nova subjetividade nas periferias do Brasil. Aqui, está-se diante de um processo de renovação de atores políticos tradicionais e de inovação dos métodos de intervenção na esfera pública, no qual a agenda de transformação social encontra-se descentralizada e nas múltiplas localizações da ação coletiva não convencional das populações jovens da periferia.

O AfroReggae e a CUFA são exemplos desses novos atores sociais e de novas formas de ação coletiva. O AfroReggae surgiu em 1992, por meio das ações de um pequeno grupo que utilizava a música e a dança como plataforma de mobilização e de auto-organização. A sua missão explícita é "promover a inclusão e a justiça social utilizando a arte, a cultura afro-brasileira e a educação como ferramentas para a criação de pontes que unam as diferenças e sirvam como alicerces para a sustentabilidade e o exercício da cidadania"[2]. Sua história está diretamente ligada ao conhecido massacre de Vigário Geral, e essa área da cidade é um componente fundamental da sua identidade.

A CUFA surgiu em 2001, com uma pauta política e racial explícita, associada à cultura e à identidade das favelas. Nascida em Madureira, a organização continua a ter fortes ligações com essa comunidade. Nas suas publicações, a CUFA define sua missão como "agir para promover a transformação social, o desenvolvimento e a inclusão social e contra a discriminação racial"[3]. Para ela, embora seja importante a

---

[2] AFROREGGAE. *Grupo Cultural AfroReggae*: site oficial, 2010. Disponível em: <http://www.afroreggae.org/>.

[3] CUFA. *Central Única das Favelas*: site official, 2012. Disponível em: <http://cufa.org.br/>.

conscientização sobre o fato de que as favelas são estigmatizadas, a questão central é a internalização da condição invisível pelo morador da favela. Por meio do esporte, da arte e da ação conjunta, seu objetivo é mudar essas condições.

Tanto o AfroReggae quanto a CUFA utilizam a cultura, a arte e as novas tecnologias de comunicação para se apresentar na esfera pública. Estão conectados com a mídia tradicional e, mesmo assim, são independentes dela, crescendo por meio de atividades virais e rizomáticas. A literatura acadêmica apenas começou a documentar esse processo, que vai exigir mais estudo e sistematização. Investigar a identidade, a metodologia e os objetivos do AfroReggae e da CUFA, em relação ao mundo da vida das comunidades das favelas no Rio de Janeiro, constitui a espinha dorsal do estudo relatado neste livro.

3. O mundo da vida da favela

"A gente tem que ser contra o gueto, acima do gueto, fora do gueto. E criar essa conexão. Uma ponte, uma via de mão dupla onde você integre pensamento e espaços sociais diferentes".

(José Junior)

3.1. Instituições sociais

O mundo da vida da favela tem regras e códigos próprios. É uma outra cidade dentro da cidade. Sua estrutura institucional é complexa, e a escassez de serviços públicos, a família, as igrejas de denominação evangélica e ONGs, como o AfroReggae e a CUFA, coexistem com a presença do tráfico de drogas como um organizador central da vida cotidiana.

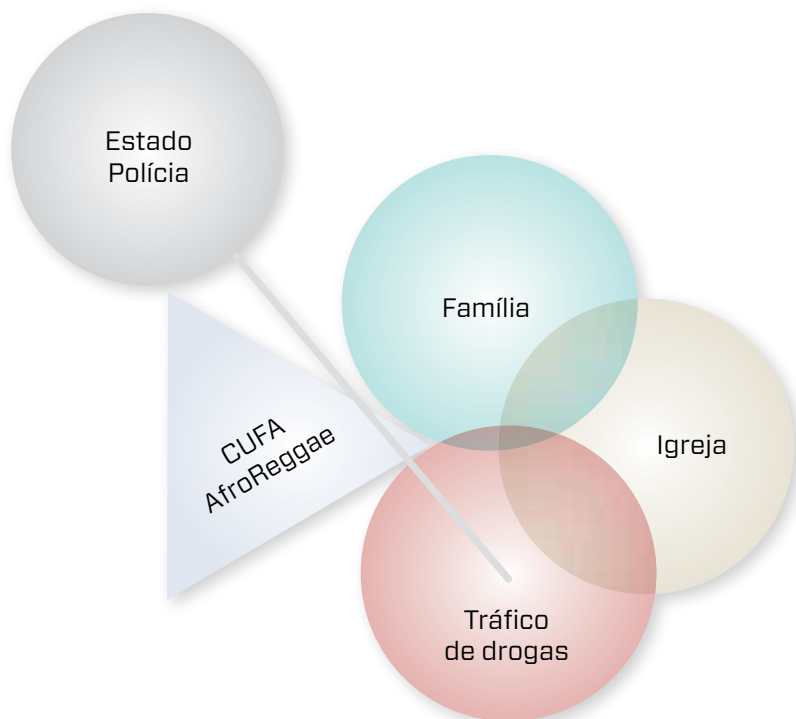
A Figura 3.1 descreve as instituições sociais da vida da favela, mostrando a sobreposição entre família, igreja e tráfico de drogas, a ação ocasional do Estado, por meio das invasões da polícia – que mudou agora com as UPPs – e a ação do AfroReggae e da CUFA em relação a cada um deles. As áreas de sobreposição indicam as conexões e a constante comunicação e troca entre as instituições da favela. Membros de uma mesma família pertencem a diferentes instituições, e a mesma pessoa pode circular ou ter amigos e parentes em todas elas.

Figura 3.1 Instituições sociais da vida da favela

Estado
Polícia

Família

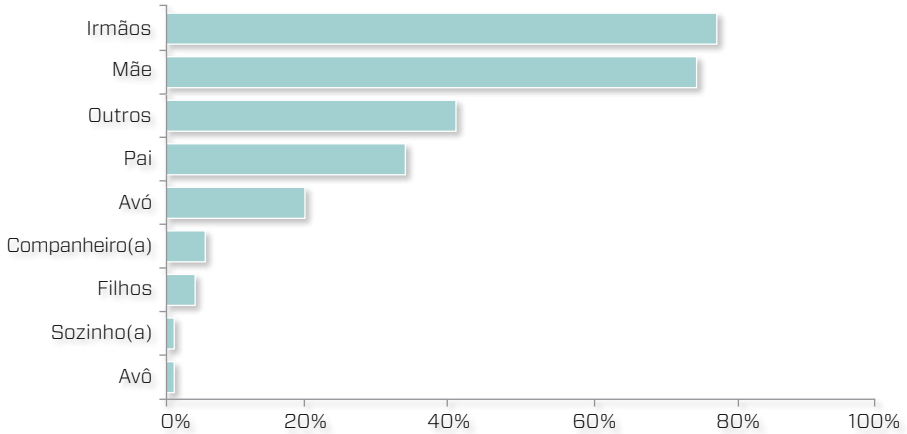
Igreja

CUFA
AfroReggae

Tráfico
de drogas

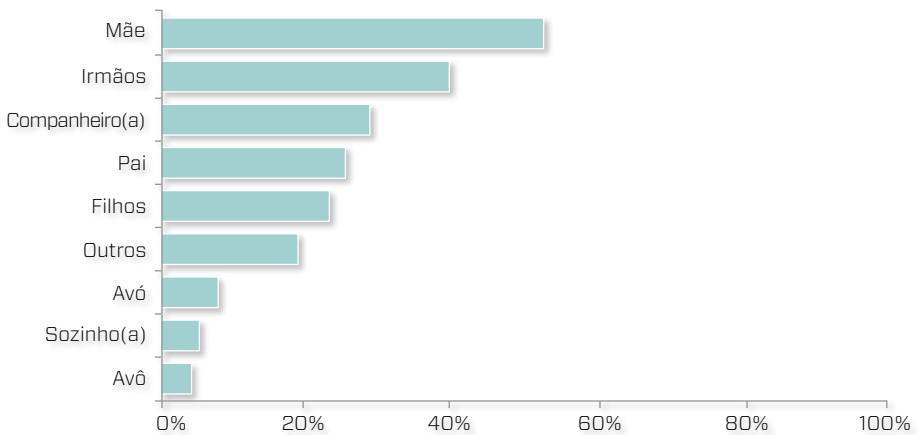
Nota. A família, as Igrejas e o tráfico de drogas estão presentes e se sobrepõem na vida da favela. O Estado está representado apenas pela polícia, que intervém ocasionalmente ao combater o tráfico de drogas. O AfroReggae e a CUFA assumem funções de todas essas instituições.

A família

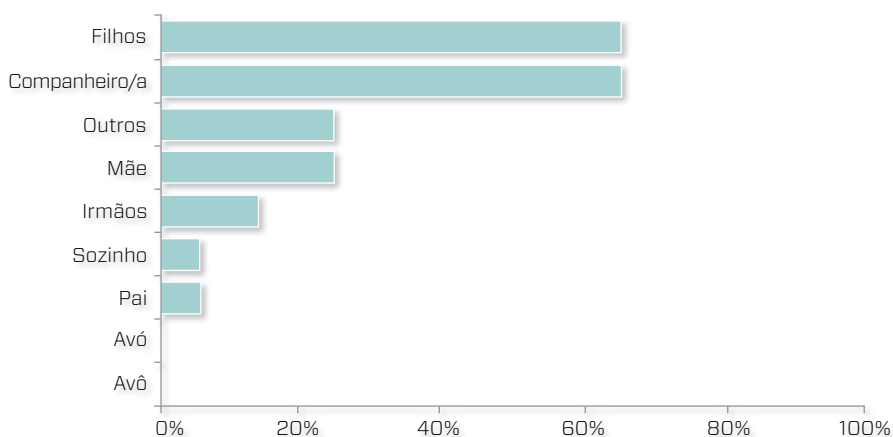
A família aparece com grande intensidade nas vozes dos moradores das favelas, apesar de ser, no geral, uma instituição instável em suas vidas. A Figura 3.2 mostra que, na faixa entre 12 e 17 anos, para cada três jovens, dois relatam a ausência do pai (apenas 33,3% moram com o pai), um em cada quatro relatam a ausência da mãe (26,4% não moram com a mãe) e 18,1% relatam a ausência do pai e da mãe; por fim, 5,6% já têm um companheiro(a), e 4,2% têm filhos.

Figura 3.2 Composição familiar (12-17 anos)

Nota. Percentagem de membros de uma família no mesmo domicílio. Várias respostas possíveis.
Fonte: Questionário da pesquisa.

À medida que as pessoas crescem, a composição familiar se altera. A Figura 3.3 mostra que um em cada dois jovens relata morar com a mãe (51,6%), e quase um em cada quatro viu sua família aumentar com a inclusão de um companheiro(a) (28%) e/ou filhos (22,6%).

Figura 3.3 Composição familiar (18-29 anos)

Nota. Percentagem de membros de uma família no mesmo domicílio. Várias respostas possíveis.
Fonte: Questionário da pesquisa.

Na idade de 30 anos ou mais, a composição familiar passa a incluir principalmente filhos (61,5%) e um companheiro(a) (61,5%). No entanto, a família extensa ainda está presente, com quase um em cada quatro adultos relatando morar com a mãe (23,10%) e com outros parentes, ou com parentes do seu companheiro(a) (23,10%). "Outros", que inclui amigos e pessoas não especificadas, também constitui uma categoria importante, que pode se referir àqueles que estão nas ruas ou mudando constantemente de endereço por causa do envolvimento com o tráfico de drogas. Isso pode ser observado na Figura 3.4.

Figura 3.4 Composição familiar (30+ anos)

Nota. Percentagem de membros de uma família no mesmo domicílio. Várias respostas possíveis.
Fonte: Questionário da pesquisa.

Ainda que a maioria das pessoas relate ambientes familiares instáveis, os participantes são unânimes em descrever a família como um fator de suma importância na definição de suas trajetórias de vida. A instabilidade é uma marca importante da família, mas os moradores da favela, de todas as idades, mencionaram a importância da família em suas vidas. Como será visto adiante, a discussão sobre a família apareceu por meio de duas experiências muito diversas: a família que apoia e "salva do ambiente" e a família que condena e "permite que o ambiente domine". Há histórias de abandono e de entrada precoce no mundo do crime e, em menor proporção, histórias de resiliência e de resistência ao contexto adverso. A experiência da instabilidade reforça a visão de que uma

família amorosa e estável é essencial para se sobreviver às dificuldades do ambiente. As mulheres desempenham um papel fundamental na manutenção dessa estrutura, tanto da família nuclear como da família extensa, dada a considerável incidência da ausência de pais. O medo da perda de entes queridos é um aspecto importante da experiência familiar; há muitos relatos de perda dos filhos para o tráfico de drogas, ou nos frequentes casos de fogo cruzado entre facções rivais e entre estas e a polícia.

O tráfico de drogas

O tráfico de drogas é considerado uma instituição que organiza a vida da comunidade. Mesmo com a introdução das UPPs durante a realização da pesquisa que originou este livro (vide capítulo 2), não há dúvidas que o tráfico de drogas seja a instituição que tem definido, aproximadamente nos últimos 25 anos, a experiência vivida nas favelas do Rio. Ao firmar sua base nesses territórios há cerca de 30 anos, o tráfico de drogas criou um conjunto informal de regras e regulamentos que dirige a vida moral, política e comportamental das comunidades da favela, estabelecendo códigos de conduta e até mesmo o direito físico de ir e vir. Os traficantes impuseram sua lei paralelamente ao ordenamento jurídico formal – que até pouco tempo era, e até certo ponto continua sendo, regularmente violado pela própria polícia. Os moradores normalmente se veem em situações paradoxais: se seguirem as leis do tráfico, estarão violando a lei do Estado e, se violarem a lei do tráfico, estarão suscetíveis a serem mortos ou a ter um ente querido morto. O tráfico de drogas é, de longe, a instituição mais significativa que define as leis e os regulamentos da favela, tanto para os indivíduos como para a comunidade.

O Estado e a polícia

A polícia, que tende a ser o único ou o principal rosto do Estado na vida das comunidades das favelas, encontra-se em uma relação direta e complexa com o tráfico de drogas e com a própria comunidade. Associada ao tráfico de drogas por um sistema de subornos e de corrupção e, até recentemente, conhecida por sua

política de confronto violento, a Polícia Militar do Rio tem sido representada pelos moradores da favela predominantemente como uma força de perseguição, uma fonte de agressão e de crime, homogeneizando moradores e traficantes e tratando todos como criminosos. O massacre de Vigário Geral, ocorrido em 1993, no qual 21 pessoas inocentes foram assassinadas pela polícia como um ato de vingança contra a facção criminosa que "dominava" essa comunidade, fez com que esse tipo de episódio ocupasse uma posição central no imaginário da cidade e, em especial, dos moradores da favela. Participantes de todas as comunidades estudadas manifestam medo da polícia e veem essa instituição como uma força sem controle e agressiva. A introdução do policiamento comunitário produz uma mudança e gradualmente permite o aparecimento de um tipo diferente de representação; as conclusões deste estudo, porém, mostram que as representações negativas são resistentes à mudança e continuam presentes na comunidade. Em sua maior parte, os participantes são otimistas quanto às UPPs, mas ao mesmo tempo eles narram histórias de agressão policial e mostram ambivalência quanto à transformação em curso nessa instituição.

A Igreja

As Igrejas evangélicas têm uma forte presença nas favelas e surgem como uma importante referência no discurso de seus moradores. A religiosidade e a fé representam um aspecto fundamental na experiência do Eu, e muitos relatam que a crença e as práticas religiosas funcionam como um meio de apoio e de salvação aos desafios impostos pelo ambiente. As Igrejas trabalham em conjunto com as ONGs, e até mesmo com o tráfico de drogas, para dar apoio às famílias e para manter os jovens longe da polícia e do crime.

As ONGs (AfroReggae e CUFA)

As ONGs têm uma importante presença no mundo da vida das comunidades que foram estudadas, sendo mencionadas como uma fonte de ocupação, de apoio e de

desenvolvimento de competências. Elas agem sobre a vida da favela assumindo vários papéis institucionais, incluindo o da família e dos serviços públicos. Competem diretamente com o tráfico de drogas por primazia nas rotas de socialização dos jovens. O capítulo 5 discute detalhadamente o papel dessas organizações.

Todas as instituições acima coexistem e se relacionam de maneira complexa para formar o mundo da vida da favela. A escassez dos serviços do Estado, a instabilidade da família nuclear, o tráfico de drogas como um organizador central da vida da comunidade e, por fim, a polícia como a face concreta de um Estado agressivo, compõem o ambiente da favela. Todos têm um canal direto de comunicação com o tráfico de drogas, competindo, mas também trabalhando com ele se necessário e, em vários níveis, negociando o cotidiano e a cultura da vida na favela.

Entender a estrutura institucional da favela é importante, devido ao papel que essas instituições desempenham na definição das rotas de socialização. Viver no fogo cruzado entre essas instituições, aprender a se jogar no chão para se proteger e encontrar estratégias para lidar com os chefes do tráfico de drogas e com as invasões da polícia, faz parte da sabedoria da favela. Isso se expressa na sua linguagem, nos seus códigos de comportamento, nas gírias, na intensidade das histórias de perda humana e de sofrimento que são contadas nas entrevistas. As Igrejas e, às vezes, a família, são as instituições que justapõem ações positivas à crueldade do ambiente e competem pela atenção e pela formação dos jovens.

3.2. A experiência do Eu

As narrativas do Eu são dominadas pela experiência da miséria, do sofrimento e do trabalho pesado para ganhar a vida, educar os filhos em segurança, e crescer sem sucumbir àquilo que os residentes da favela veem como as ameaças e os perigos de seu contexto. Suas histórias contam a discriminação, a pobreza, a perda de amigos e familiares, e de que forma eles lutam para levar uma vida positiva. A centralidade do tráfico de drogas é inequívoca; praticamente todos os partici-

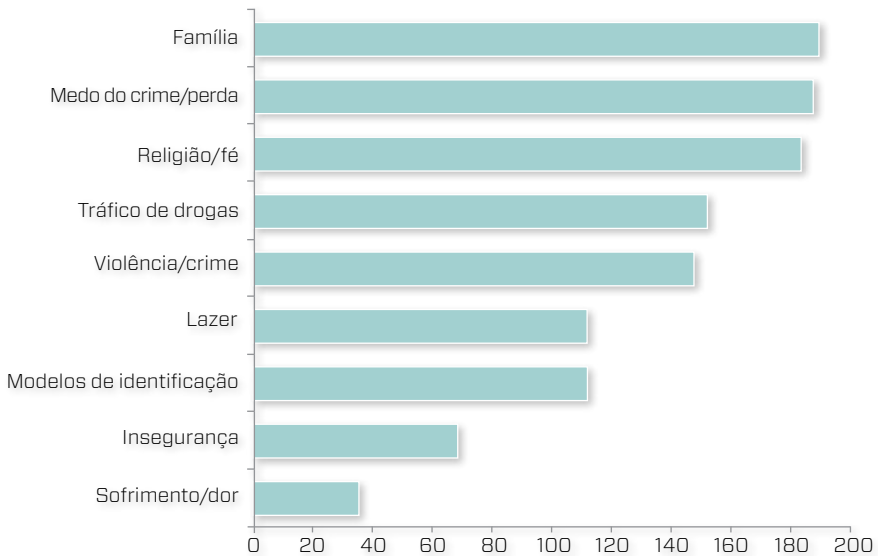
pantes da pesquisa falaram sobre "estar envolvido", o eufemismo utilizado para descrever aqueles que se juntam ao narcotráfico. A violência e a guerra entre a polícia e as facções criminosas são uma parte normal do cotidiano, e faz parte dos saberes do Eu reconhecer os sinais de perigo, saber quando olhar para o outro lado, evitar áreas específicas e atividades dentro da comunidade e, o que é muito importante, não atravessar a fronteira errada na cidade. Eles entendem a importância do contexto na realização das trajetórias de vida, porque os determinantes externos do ambiente da favela impactam suas vidas com uma força construtiva. Em contextos de pobreza, a interface entre o indivíduo e a sociedade é concreta e real; "nenhum homem é uma ilha", escreveu o poeta, e os moradores da favela sabem muito bem disso.

"... Eu falo pra você que sou feliz, mas a gente tem uma vida muito sofrida, aqui nada é muito fácil, porque aqui construir uma casa... tudo é muito sacrifício, material é tudo caro, você tem que pagar pessoas pra carregar. Então pra criar um filho, é muito sacrifício, muito luta, não é fácil...".
(Cantagalo, mulher, 37 anos)

"A minha maior conquista, oh meu Deus... A minha maior conquista talvez seja viver todas as experiências que a gente vive dentro de uma favela e conseguir até hoje estar ilesa, conseguir viver isso tudo e não... assim: conviver e não viver a situação, né? Conviver com ela, mas não viver. Eu acho que essa é das maiores conquistas, porque não é nada fácil".
(Cantagalo, mulher, 47 anos)

A dor humana domina as narrativas do Eu; em cada uma das entrevistas, há histórias de abandono, de morte precoce, de segregação e de racismo. Mesmo assim, o Eu na favela não é desprovido de esperança e de prazer. As pessoas encontram formas de lidar com a situação e continuar vivendo. Permeando as descrições de sofrimento, de privação e de perda, existem as chamadas "âncoras do Eu": o papel de uma família amorosa e estável, da religiosidade e da fé, do lazer e dos modelos de identificação oferecidos por organizações como o AfroReggae e a CUFA, que são descritos como salva-vidas e fontes de empoderamento, fornecendo condições às pessoas para lidar e superar suas perdas, o vício e o crime.

A Figura 3.5 mostra a importância da família, do medo, criminalidade e perda, da exposição diária ao tráfico de drogas e à guerra entre suas facções e a polícia. Com essas dimensões, pode-se observar também a predominância da religiosidade e da fé, seguida da importância dos modelos de identificação e das experiências contraditórias de lazer e de sofrimento. As instituições sociais da favela estão presentes na experiência do Eu em e seus estados emocionais.

Figura 3.5 A experiência do Eu

Nota. Experiências relatadas do Eu, classificadas por frequência. Codificação múltipla possível.
Fonte: Entrevistas da pesquisa.

A família

Como foi visto anteriormente, a instabilidade da família é predominante no mundo da vida da favela. É em relação a essa instabilidade que os participantes da pesquisa consideram a existência de uma família estruturada e acolhedora como fator determinante para o Eu e sua trajetória, tanto para a trajetória pessoal narrada como para o futuro sonhado e projetado. Como foi mencionado anteriormente de forma resumida, a família se apresenta na vida das pessoas de dois modos:

- *a família incapacitante* – é a família relatada como a causa do descaminho, a razão pela qual a vida tomou o rumo errado. Neste modo, encontram-se pessoas com pais envolvidos no tráfico de drogas, histórias de abandono e de vida nas ruas. Esse tipo de história familiar é narrada frequentemente como razão para se procurar uma vida nova, motivada, em geral, pelo nascimento de uma criança.
- *a família capacitante* – refere-se à família que funciona como estrutura de apoio para manter a violência e a criminalidade à distância, ao mesmo tempo em que desenvolve resiliência quanto ao ambiente imediato e ao convite para o tráfico de drogas. Neste caminho, encontra-se a presença de uma mãe heroica, que trabalha muito para criar seus filhos e mantê-los longe de problemas. Ela é vista como uma guerreira que sustenta seus filhos, sendo comumente descrita da seguinte forma: "foi por causa da minha mãe que eu sobrevivi e fiquei longe do tráfico de drogas".

Para os entrevistados, quase não há dúvida de que uma boa estrutura familiar garante uma trajetória de vida positiva. A família positiva frequentemente é sustentada por mães e avós: elas formam o cerne da família, criando um ambiente seguro, ocupando-se das crianças, organizando suas vidas e fornecendo-lhes cuidado e, por fim, saindo de casa para trabalhar como principal provedoras. As mães trabalham, atuam em ONGs, tentam fazer as crianças irem para a escola – normalmente longe de suas residências – e conseguem encontrar o apoio de vizinhas e de outras mulheres para que sempre haja alguém cuidando de seus filhos. Muitos dos participantes referem-se às mães e às avós como ídolos.

"É, minha mãe cuidava da gente... meus pais viviam uma relação muito conturbada, e quem tomou as rédeas da família foi a minha mãe. Foi ela que educou nós dois. Ela era uma mulher muito ágil, ativa. E trabalhava muito. Ela lavava roupa dentro de casa, lavava seis cestos de roupa. Então, a visão que eu tinha era só de trabalho, ela levar a gente pra escola, ela preparar aquela comidinha simples... Mas era tudo tão gostoso, tão assim saudável. E esses princípios marcaram muito a vida da gente. Era uma família assim pobre, humilde, mas com... com... Como é que eu vou te explicar? É... com a presença de uma mãe".

(Madureira, mulher, 39 anos)

A família está associada a sentimentos e emoções cruciais na vida da favela, como o medo da perda e a violência causada pelo envolvimento com o tráfico de drogas, bem como o orgulho por ser capaz de "salvar" jovens de um ambiente desfavorável.

"O meu sonho é poder tirar a minha mãe daqui, porque aqui quando tem tiroteio, os bandidos ficam dando tiro do lado do meu quarto. E eu tenho medo de bala perdida. É por isso que eu tenho medo, daí que eu nunca gostei de morar aqui, não. Se eu pudesse, eu iria pra casa do meu pai, mas eu não quero sair do [AfroReggae]*".*

(Cantagalo, menino, 12 anos)

Medo da criminalidade e de perdas/violência e crime

A exposição à violência e ao crime é uma experiência frequente do Eu. Isso faz parte do cotidiano e é um assunto discutido intensamente. Os participantes da pesquisa relatam situações extraordinárias, em que fogo cruzado, balas perdidas, armamento, e o assassinato de familiares e de amigos são ocorrências comuns. O medo da criminalidade e de perdas é um elemento básico do mundo da vida das sociabilidades subterrâneas e uma dimensão fundamental na vida dos entrevistados, dos jovens aos idosos. A grande maioria fala sobre o medo de balas perdidas e sobre como é viver no fogo cruzado. Violência e armas de fogo fazem parte da experiência de vida cotidiana, exigindo um esforço cognitivo e emocional para se ler e entender os sinais e os comportamentos criminosos que cercam a comunidade. Os participantes também relatam medo de perdas e frequentemente referem-se à possibilidade de perder um filho, um parente ou um amigo no fogo cruzado.

"Porque o meu maior medo, cara, é isso mesmo, é meu filho pegar e falar assim: 'Pô, meu pai era... meu pai morreu no tráfico... Pô, vou vingar a morte do meu pai!' Como eu já vi tanta gente fazer isso. O meu maior medo é esse".

(Vigário Geral, mulher, 29 anos)

A maioria dos participantes já foi diretamente afetada pela violência, e tem um membro da família ou amigo envolvido com o narcotráfico, com consequências que vão desde a prisão até a morte.

"Os que estudaram comigo na época de ginásio, da quinta à oitava série não tem mais muita gente viva. A maioria dos garotos faleceu por causa do tráfico, se envolveram e acabaram falecendo. Tem poucos vivos hoje, dá para contar

nos dedos... É triste. Você acaba perdendo um pedaço da sua história. Você acaba lembrando de coisas que você fez, amigos que você tinha que de repente se foram, outros por balas perdidas".

(Vigário Geral, homem jovem, 23 anos)

Religiosidade e fé

A religiosidade e a fé são categorias importantes para o Eu, embora seja importante observar que a alta frequência da categoria ocorreu em função do guia da entrevista, que continha uma pergunta específica sobre o tema. Dito isso, a análise do conteúdo mostra que a religiosidade e a fé são aspectos importantes na vida dos moradores da favela. Elas aparecem como dimensões básicas de apoio no esforço pessoal para sustentar um caminho positivo de socialização e/ou de mudança na própria vida. Têm uma função clara de andaime psicossocial, envolvendo uma dimensão relacionada às Igrejas e uma dimensão relacionada à crença. A Tabela 3.1 mostra a distribuição da religião nas quatro comunidades estudadas.

Tabela 3.1 Denominação religiosa nas comunidades estudadas

	Evangélica	Católica	Nenhuma	Mista	Espiritismo	Test. Jeová	Ateu
Cantagalo	29%	32%	26%	5%	8%	-	-
Cidade de Deus	41%	29%	7%	19%	2%	-	2%
Madureira	40%	17%	13%	11%	13%	6%	-
Vigário Geral	44%	23%	18%	13%	-	3%	-
Total	39%	25%	16%	12%	6%	2%	1%

Nota. A denominação religiosa foi codificada a partir de dados das entrevistas. N = 166, o que corresponde a 81,4% de todos os casos, pois nem todos os entrevistados mencionaram religião. Os números foram arredondados.

A grande maioria dos participantes relata ter uma religião e ser membro de uma Igreja, sendo distribuídos entre as Igrejas evangélicas (39%), a Igreja católica (25%), uma mistura de religiões (12%) e outras, incluindo testemunhas de Jeová e o espiritismo kardecista. Enquanto 16% relatam não ter nenhuma religião, todos, com apenas uma exceção na amostra, acreditam em Deus. Muitos evitam o contato com as Igrejas, porque estas impõem um estilo de vida que os participantes consideram contraditório com o deles, conforme se pode ver no depoimento abaixo:

"Não, eu não vou à Igreja, mas eu acredito em Deus. Não sou de ficar indo, porque dizem que quando a pessoa vai pra Igreja, não pode sair, não pode fazer nada, ir a esses lugares tipo festas, bailes funk. *Eu gosto de dançar, eu danço todos os estilos e eu não gosto que me proíbam de nada, ainda mais Igreja, por isso que eu não vou".*

(Cidade de Deus, homem jovem, 18 anos)

Enquanto para os católicos a observância das práticas e dos rituais religiosos não é comum, esse é um comportamento frequente entre os evangélicos, que observam e participam ativamente das atividades da Igreja. Quando histórias de libertação do tráfico de drogas e de comportamentos antissociais estão relacionadas à conversão religiosa, todas elas estão relacionadas às Igrejas evangélicas. Essas Igrejas claramente competem com o tráfico de drogas; esse é o caso na rota de socialização e no processo de "conversão", de apoio àqueles que querem abandonar o tráfico de drogas. É interessante observar que foram obtidos relatos de que isso é bem aceito pelos chefes do narcotráfico, que não interferem em relação àqueles que querem sair, contanto que isso seja visto como uma escolha de vida.

Dez por cento (10%) das pessoas entrevistadas relatam ter uma mistura de religiões às quais se adaptam e que utilizam, dependendo dos aspectos que consideram estar de acordo com as suas necessidades e perspectivas na vida. Evidência direta do

sincretismo religioso brasileiro, os entrevistados descrevem a sua religião como "um pouco de cada". Na Cidade de Deus, quase 20% dos participantes relataram ter uma religião "mista".

A maioria dos entrevistados acredita em destino, e acha que isso é definido por Deus para cada pessoa desde o começo de sua vida. No entanto, eles qualificam essa proposição introduzindo um subconjunto de ideias que quase a transforma no seu oposto: os entrevistados afirmam que, dentro do destino determinado de uma pessoa, Deus oferece opções, de modo que essa pessoa pode ser agente e protagonista de sua vida. Essa é uma visão muito forte e generalizada entre os moradores da favela, a ideia de que a vida de uma pessoa é feita por ela mesma e que "se quiser, você consegue". Essa relação entre fé e destino expressa um estado de *polifasia cognitiva* (Jovchelovitch, 2007; Moscovici, 2008), uma estrutura mental em que representações e formas de pensar contraditórias convivem lado a lado. Essas reservas de conhecimento baseado no bom senso funcionam como um recurso construtivo no desencadeamento de ações positivas, porque permitem que a capacidade de ação coexista com a crença no destino e a fé; é um dos ricos recursos da cultura local que, em combinação com outros elementos, guarda o potencial para um desenvolvimento individual e social efetivo.

Pesquisador: *Você acredita em destino?*
Participante: *Acredito mais ou menos. Deus traça o destino, mas Ele coloca as escolhas em suas mãos. Ele pode traçar dois destinos: se a pessoa for pra esse lado, vai acontecer isso, se for pra outro lado, vai acontecer aquilo. Ele sabe o que vai acontecer e dá a escolha pra gente.*
(Madureira, mulher jovem, 17 anos)

Essa visão é corroborada pela filosofia manifestada pelo líder do AfroReggae, ao falar sobre a mistura e a religiosidade em relação à identidade deles:

"A gente tem esse aspecto. É um aspecto... espiritual. Mas é espiritual, não tem movimento religioso. É Shiva e é Ogum, sabe? É Alá. É Nossa Senhora de Fátima. É Jesus... É uma mistura. É uma mistura... São influências culturais de vários credos. É uma coisa meio... Porque pra você estar no AfroReggae, as pessoas acabam tendo uma espiritualidade muito aflorada, sem necessariamente ter um credo determinado".

(AfroReggae, líder)

O tráfico de drogas

A pesquisa descobriu que a presença do tráfico de drogas e suas consequências é uma das mais importantes experiências do Eu. Trata-se de um referente constante do qual é difícil escapar. Ele define a percepção do ambiente imediato e a reflexão sobre a trajetória do Eu. Geralmente, faz parte do que os participantes descrevem como a melhor e a pior experiência de suas vidas, e é um fator fundamental nas experiências de perda e de sofrimento. Na descrição do tráfico de drogas em suas vidas, pode-se observar a lógica que o torna uma dimensão quase "natural" da vida na favela, o que oferece e o que ordena.

"... O tráfico te oferece mais oportunidades. Você trabalha um mês inteiro às vezes pra ganhar um salário mínimo, e você trabalha uma semana e ganha um salário. Não é mais atraente? Não é mais fácil o dinheiro? Então, isso é muito difícil, sabe? A família passando fome, às vezes não tem como comer nada. E aí nego te oferece, aí tu pega e: 'Ah, eu vou pegar essa boca, vou trabalhar. Apareceu, então eu pego'. É um filho atrás do outro, a mãe não trabalha, vive de cesta básica, de doação... vão vendo a mãe naquela

situação, aí daqui a pouquinho você vai vendo as crianças entrando, entrando, entrando e daqui a pouquinho tá todo mundo, você entendeu? Eles têm vida curta, e isso corta muito o coração da gente".

(Cidade de Deus, mulher, 29 anos)

"Porque no morro você sabe que tem um código de ética, de honra, que é seguido muito mais à risca do que no asfalto... Aqui, se tu estiver errado, a lei vai ser aplicada, não tem como tu se desvencilhar disso...".

(Cantagalo, homem, 30 anos)

"A pior coisa que já me aconteceu foi quando tiveram umas operações aí no morro, entendeu? As piores coisas que acontecem é quando tem tiroteio e aí, o coração, né, fica acelerado, não gosto, dá nervoso, medo. As pessoas, moradores, trabalhadores acabam morrendo, com essa violência. Mas, como a gente diz: 'É a vida'. Aí, a gente tem que prosseguir".

(Cantagalo, mulher jovem, 17 anos)

"Porque assim, vira e mexe tem guerra... quando tem guerra aqui, é cada um por si, se está na rua tem que procurar se precaver, se esconder quando tem guerra, quando a polícia chega... é difícil. É muito tiro, tiro pra lá, tiro pra cá, não quer saber se é bandido, se é polícia, se é morador... Se tá na rua... tipo assim, estourou a guerra e você está na rua, tu é bandido!"

(Vigário Geral, homem jovem, 20 anos)

Essas descrições mostram o tráfico de drogas como provedor, legislador e organizador do cotidiano na favela. Os moradores da favela convivem e lidam com ele: encontra-se uma rica diversidade de estratégias adotadas para lidar com as imposições do tráfico de drogas. As diferentes dimensões e valores associados ao tráfico, tal como foram mencionadas, compreendem:

1. *Controlador do espaço, da circulação e do comportamento na favela* – os traficantes são agentes de controle, de determinação de horários, de relacionamentos e do espaço.

- A guerra entre facções criminosas impõe toques de recolher e evita o trânsito entre comunidades, de modo que, para a maioria das pessoas, o direito de ir e vir na cidade é ditado pelos chefes do tráfico. Uma experiência comum aos entrevistados é o fato de não poderem visitar um parente ou amigo que mora em outra favela, porque esta era controlada por uma facção do tráfico diferente daquela que controla a sua própria comunidade.
- Além de lidar com a guerra entre facções, os moradores devem adaptar-se aos perigos da guerra entre o Estado – representado pela polícia – e os traficantes de drogas. Para quem vive nas favelas, é simplesmente impossível ignorar as leis – diferentes e incompatíveis – impostas por essas duas instituições em conflito, que usam armas de fogo como prática normal e com frequência. Para muitos dos ex-traficantes que foram entrevistados, a vida era uma batalha entre a sua lealdade com a comunidade, suas obrigações com o tráfico e a guerra contra a polícia. Muitos enviaram seus filhos para as ONGs que são objeto deste estudo, relatando: "não quero para os meus filhos a vida que eu tenho; é uma vida ruim, uma vida difícil".

2. *Trabalho e sobrevivência* – o tráfico de drogas é, para muitos, uma opção de trabalho e sobrevivência, uma situação diretamente associada com a ausência do Estado e com a discriminação de empregadores do "asfalto".

3. *Agente de perdas e separação* – o tráfico de drogas está fortemente ligado às experiências de sofrimento e de perda, com histórias de morte e de luto envolvendo parentes próximos e amigos. Quando perguntada sobre a sua pior experiência de vida,

a grande maioria dos participantes relata alguma situação relacionada com a violência do tráfico e a perda de amigos e familiares.

4. *Apelo em direção à socialização* – o tráfico de drogas é um forte atrativo para um caminho de socialização que promete "poder, mulheres e armas", mesmo que este seja um breve sonho e uma ilusão. Esse é particularmente o caso de meninos que moram nas favelas, embora também possa ser, em menor grau, atraente para meninas.

5. *Estigma* – o estigma do tráfico de drogas é um pesado fardo para os moradores da favela, devido à homogeneização das comunidades pobres e a representação generalizada que iguala a favela ao tráfico de drogas. Muitos falam desse fardo e do desafio de evitar o estigma, afirmando, por exemplo, que uma criança pequena brincando com uma arma é um fato aceitável e "normal" em um contexto do asfalto, mas altamente problemático nas favelas, pois evoca o medo de ser associado a uma identidade criminosa.

6. *Organizador do futuro* – o narcotráfico impõe o medo do futuro e do que ele pode trazer, o que compromete o planejamento e a elaboração de projetos, diminuindo a percepção psicológica do ciclo de vida e criando um estado de imediatismo constante para o Eu.

Modelos de identificação

Existe uma significativa referência ao papel de modelos de identificação estáveis e amorosos na trajetória do Eu e, em particular, ao papel que esses modelos desempenham para ajudar as pessoas a enfrentar e superar experiências difíceis. Os participantes têm consciência de como o apoio da família e/ou das instituições ajuda-os a fazer escolhas e a evitar o apelo de uma esfera pública na qual o tráfico de drogas é uma presença constante. Ações de apoio e a presença de modelos que permitam a identificação positiva são identificadas tanto em figuras familiares, como em organizações como o AfroReggae e a CUFA. É interessante notar que muitos dos participantes utilizam a palavra *mãe* para descrever essas organizações e comparam-nas à família.

“Eu só tinha 13 anos, era uma fase de curtir tudo, muita influência dos amigos, entendeu? E tudo eu falava pra minha mãe: ’Mãe, isso é certo? Isso é errado?’. Ia conversando com ela, abrindo a mente. A CUFA, [como minha mãe]*, representa muita coisa, pois acho que sem ela eu teria mudado bastante, poderia ter ido pra outros caminhos. Quando venho pra cá, acontece bastante coisa, muda tudo. Acho que é o melhor caminho pra mim”.*

(Cidade de Deus, mulher jovem, 15 anos)

Vê-se, portanto, que modelos de identificação podem ser encontrados muito além da família, nas ONGs e nas Igrejas. Essas instituições oferecem andaimes psicossociais e *holding* (sustentação, acolhimento, aconchego) e *handling*[1] (o manejo com cuidados), definidos como estruturas intersubjetivas que fornecem suporte, amor-próprio, incentivo e limites e. Esses conceitos serão discutidos nos capítulos 4 e 5.

Lazer

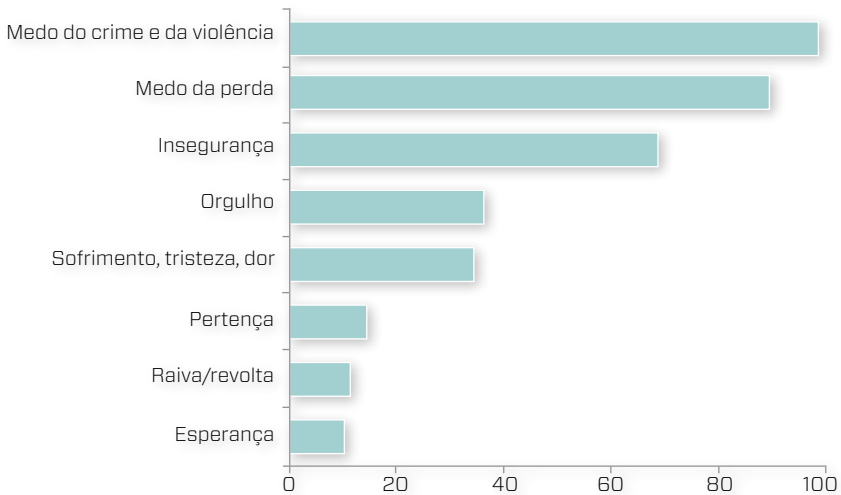
Dança, esporte, convivência, sair com os amigos, festas, apreciar a paisagem natural do Rio e a praia são descritas como as principais fontes de lazer, e são importantes para a experiência do Eu. Os moradores da favela gostam de se divertir, gostam de música e de socializar, e mantêm vivas práticas e tradições culturais, por meio da interação social e de um forte envolvimento com a música, com a dança e com as festas da cultura popular do Rio de Janeiro. O Carnaval é importante, assim como são os bailes *funk*, que agora estão ameaçados pela entrada das UPPs na Cidade de Deus e no Cantagalo. Os participantes se ressentem da perda desses espaços, aos quais se referem como importantes para a manutenção da felicidade e da leveza que fazem parte da sua autointerpretação.

[1] *Holding* e *handling* são termos advindos da teoria psicanalítica de desenvolvimento humano de D. Winnicott (1965). Normalmente, eles são mantidos no original inglês na literatura especializada em português.

Ainda que as opções de lazer dependam da localização da comunidade em relação à cidade, encontrar tempo para a cordialidade e a diversão é fundamental para a vida da favela e para a experiência do Eu. Existe uma sociabilidade intensa dentro das favelas, manifestada no modo como as pessoas se reúnem para cantar, dançar ou jogar futebol. Apesar da pobreza e das privações, o prazer da sociabilidade não desapareceu da vida na favela.

Estados afetivos do Eu

A Figura 3.6 mostra a predominância de emoções como o medo, a insegurança e o sofrimento coexistindo com o orgulho, o sentimento de pertença e a esperança. Embora com menos intensidade, essas emoções mostram os conflitos e as contradições na relação entre o Eu e o seu contexto.

Figura 3.6 Estados afetivos do Eu

Nota. Emoções e sentimentos relatados, ordenados por frequência. Múltipla codificação possível.
Fonte: Entrevistas da pesquisa.

Ao expressar o contexto por meio da experiência pessoal, os moradores da favela mostram como o Eu é constituído em relação à sua posição social. Sentimentos negativos e experiências de sofrimento coexistem com expectativas positivas, bem como com o desejo de superar dificuldades e construir um futuro melhor. O Eu, no contexto da favela, encontra-se no meio de forças contraditórias, moldadas por instituições que estão elas próprias em oposição, oferecendo rotas paralelas de socialização que podem levar à inclusão e à exclusão. Isso pode ser visto na voz de Ana Carolina, que reúne os seus dilemas como moradora de favela e as forças contraditórias que dão forma à sua mente e à sua experiência:

"Vigário... eu amo a minha favela. Tenho orgulho de morar aqui, porque aqui a gente aprende, eu aprendi a vida boa e a vida má... entendeu? Sei quais são os dois caminhos, entra quem quer, quem é cabeça fraca, eu penso assim... Vejo pelo meu pai, meu pai foi viciado, morreu com maconha, mas minha mãe foi lá, pegou a maconha e jogou fora, e acho que tipo assim... Era pra mim, hoje... eu podia ser viciada, podia ser alcoólatra, porque meu pai sempre foi, e hoje em dia eu penso assim, acho que as pessoas têm que parar pra pensar e ver o que realmente é a vida. Porque a favela, tudo bem... mostra um lado, um lado ruim, entendeu? Mas também mostra coisas boas, pessoas que vêm de fora trazem pra cá... E dão oportunidade pras pessoas crescerem um pouco, ou mudar o pensamento, entendeu? Eu vejo assim".

(Vigário Geral, mulher jovem, 24 anos)

3.3. A comunidade

Os resultados mostram que o forte capital social dentro das comunidades da favela coexiste com uma percepção nítida das divisões entre a favela e a cidade. O sentimento de pertença, a tentativa de rejeitar o medo, e a percepção da coesão social e da convivência são os três fatores que surgiram na análise, corroborando estudos anteriores que identificaram laços sociais fortes e altos níveis de capital social em comunidades pobres do Rio (Pearlman, 2010; Zaluar; Ribeiro, 2009).

A Tabela 3.2 mostra cada um dos itens investigados, bem como os fatores encontrados e seu peso. O primeiro fator, *pertença*, representa forte apego ao lugar e às pessoas, bem como sentimentos de pertencimento e o desejo de permanecer na comunidade. Isso é reforçado pelo segundo fator, *rejeição do medo*. Os itens que compõem esse fator mostram que 77% dos entrevistados discordaram totalmente, ou apenas discordaram do item "Tenho medo de viver aqui", enquanto 61% dos respondentes discordou totalmente ou apenas discordou do item "'É perigoso viver nesta comunidade". Essa rejeição do medo é mais uma indicação do apego dos participantes ao local, bem como da necessidade de defender a comunidade. Isso está confirmado nas entrevistas, nas quais fica claro que o medo não está no fato de se morar na área, mas é o medo de uma bala perdida, o medo da perda e do sofrimento relacionados à guerra entre o narcotráfico e a polícia. A comunidade não é considerada perigosa e inspira um forte sentimento de pertencimento.

Tabela 3.2 O Eu na comunidade: pertença, rejeição do medo e coesão

Itens	Fator 1 Pertença	Fator 2 Rej. Medo	Fator 3 Coesão
Sou muito ligado a este lugar.	0,820		
Eu gosto de viver em...	0,722		
Se pudesse, deixaria de viver em...	-0,670		
Neste local eu me sinto em casa.	0,645		
Quando saio daqui, fico com vontade de voltar.	0,633		
Tenho uma ligação forte com as pessoas que vivem aqui.	0,548		
Tenho medo de viver aqui.		0,884	
É muito perigoso viver aqui nesta comunidade.		0,883	
As pessoas aqui são unidas e lutam pelo que querem			0,839
As pessoas aqui em... se dão bem umas com as outras.			0,817
Eigenvalues[2]	3,512	1,442	1,166
Alfa de Cronbach	a=0,765	a=0,795	a=0,619

Nota. Solução de 3 fatores rotados. Rotação Varimax. Itens ordenados pelas cargas fatoriais. 61,2% da variância explicada. Fonte: Questionário da pesquisa.

O medo é um forte sentimento no mundo da favela e está relacionado aos perigos de se perder uma pessoa amada para o narcotráfico, ao medo de se perder no caminho da socialização e constatar que o crime e a exclusão venceram a educação, a autorrealização, o trabalho e a inclusão social: é disso que os moradores das favelas têm medo, não de suas comunidades. Essa complexa experiência de medo pode ser observada na fala de um jovem de Vigário Geral. A narrativa dele foi encontrada nas quatro comunidades estudadas.

[2] Ver DAMASIO, B.F. Uso da análise fatorial em psicologia. *Avaliação Psicológica*, v. 11, n. 2, p. 213-228, 2012.

Pesquisadora: *E como é morar aqui hoje?*
Participante: *É bem tranquilo, é bem tranquilo. A gente só fica naquela, apreensivo, né? Pode ser que a qualquer momento pode ter uma invasão, ou não. Entendeu? Só ficamos apreensivos aqui. A gente não sabe o que...* [vai acontecer]. *Tudo pode acontecer, por morar aqui dentro! Não é ruim, é só essa questão mesmo de... pode estourar uma bomba aí ou ter um tiroteio de repente. Mas fora isso, tirando o tráfico, é bem tranquilo morar aqui. Mais seguro né, do que lá fora.*

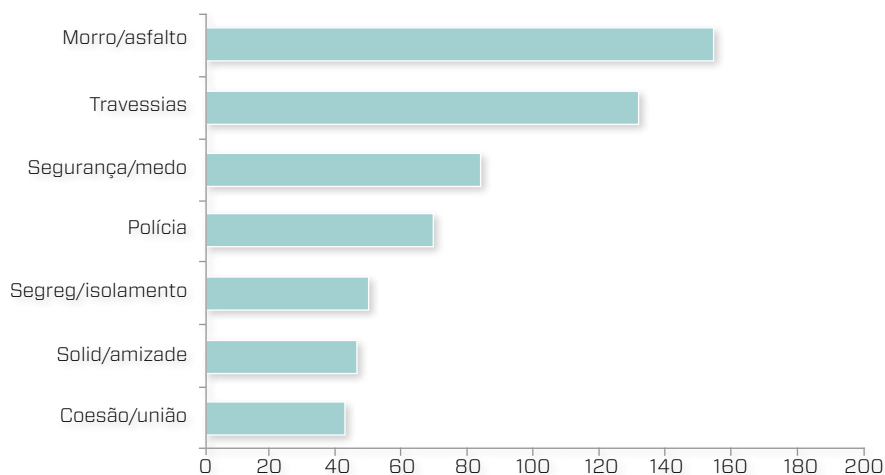
Pesquisadora: *Mas por que é mais seguro?*
Participante: *É mais seguro... por exemplo, aqui você tem certeza que ninguém vai entrar na sua casa e vai te assaltar, e botar a arma na sua cabeça. Isso a gente tem certeza. Assalto aqui, só se for muito doido pra roubar na favela! Lá fora, o que a gente vê aí na Zona Sul, acontecendo aí, é bem complicado.*
(Vigário Geral, homem, 28 anos)

O que o trecho acima demonstra é que, se não fosse pelo tráfico de drogas, esse jovem consideraria a sua comunidade mais segura do que o resto da cidade. Para ele, Vigário Geral é livre dos perigos que ele identifica fora da favela.

O terceiro fator encontrado é a *coesão comunitária*, com participantes tendendo a concordar que as pessoas nas comunidades são unidas e gostam umas das outras. Esse fator contribui para o sentimento de pertença e sugere que as comunidades de favelas sustentam fortes laços e capital social. Isso é corroborado pela literatura e incorporado em práticas como o mutirão, no qual esforços coletivos são empregados para ajuda mútua, para construir casas, reparar áreas públicas ou executar serviços que beneficiam toda a comunidade (Pearlman, 1978, 2010; Moreira Alves; Evanson, 2011; Zaluar; Ribeiro, 2009).

A análise dos questionários, complementada pela análise qualitativa dos dados, revela em mais detalhes as contradições e ambivalências que permeiam o vínculo positivo e a relação das pessoas com o lugar. Ainda que a solidariedade, a amizade e a coesão social sejam importantes aspectos no discurso dos participantes, é a dicotomia entre morro e asfalto, bem como o problema da travessia entre esses dois mundos, que estão no centro das atenções quando os moradores de favelas falam sobre a comunidade.

A Figura 3.7 mostra a preponderância da segregação, das fronteiras urbanas e da segurança, seguidas pela presença da polícia e pelo capital social da comunidade. Pode-se observar que esses elementos contraditórios compõem a totalidade do mundo da favela, tanto no nível do Eu quanto no nível da comunidade.

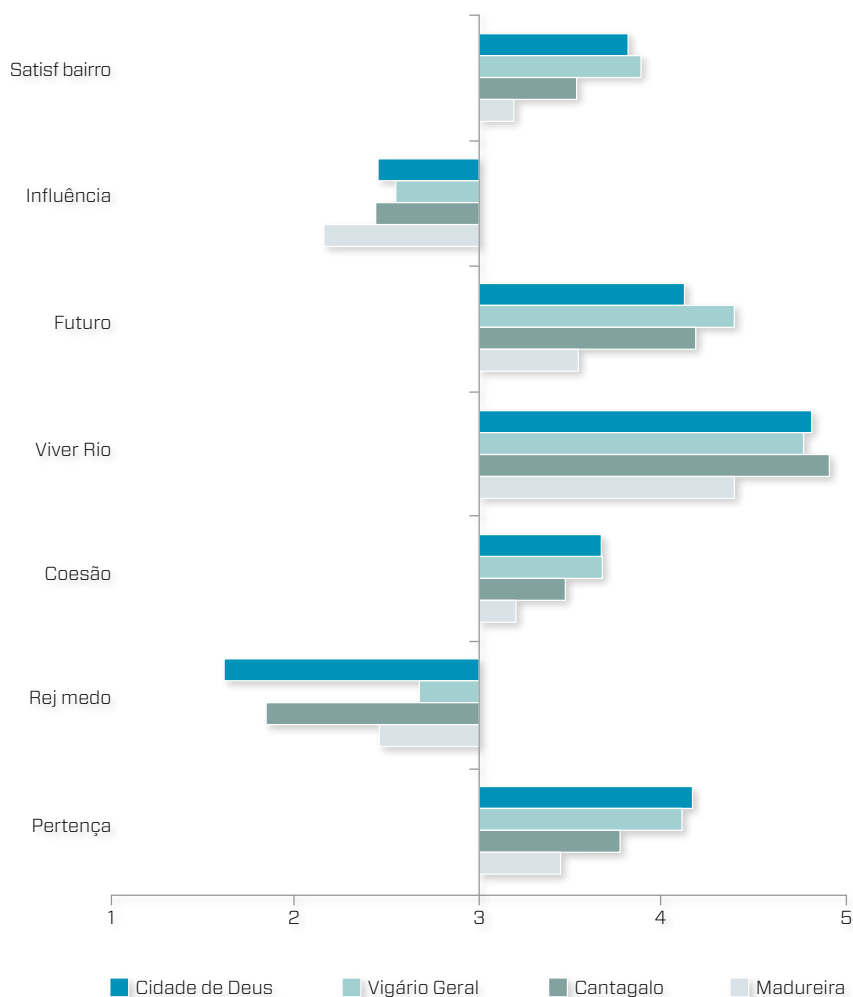
Figura 3.7 A comunidade

Nota. Experiências relatadas do Eu sobre a comunidade classificadas por frequência. Codificação múltipla possível. Fonte: Entrevistas da pesquisa.

A importância do lugar

Existem diferenças significativas entre as percepções sobre o mundo vivido em cada comunidade estudada. Elas diferem em termos de pertença, do medo, das perspectivas para o futuro e da satisfação quanto a morar no Rio e na vizinhança. Não foram encontradas diferenças significativas nos sentimentos de coesão e de influência.

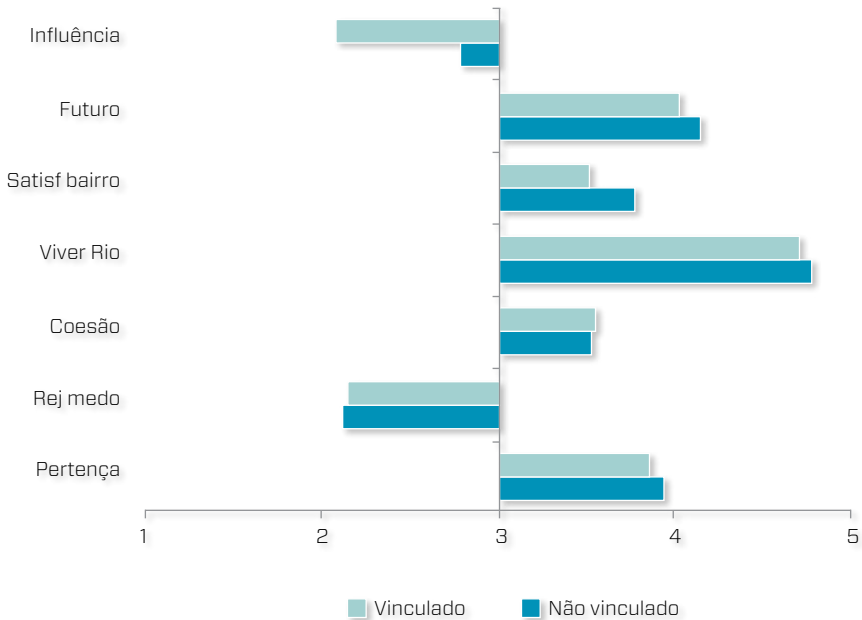
Vigário Geral e Cidade de Deus demonstram um maior sentimento de coesão e de satisfação com a casa, com os vizinhos e com a cidade. São seguidos por Cantagalo e Madureira, onde a coesão e a satisfação são menos proeminentes, o que é compatível com o fato de que este último é um distrito grande e com uma população mais diversificada. Ainda que não seja estatisticamente significativo, isso também explica porque é em Madureira que as pessoas se sentem menos capazes de influenciar sua comunidade. Ao contrário do que se poderia esperar, são as comunidades mais pobres e com mais problemas que revelam sentimentos mais fortes de coesão, de pertença e de satisfação. O apego ao lugar e às pessoas explica essas percepções e sentimentos. Por outro lado, a rejeição do medo é menos predominante em Vigário Geral, o que pode ser explicado pela presença do tráfico de drogas e da violência que normalmente o acompanha. Essa é, de fato, a explicação oferecida pelos moradores nas entrevistas.

Os resultados mostram que, embora similares em diversos aspectos, existem importantes diferenças a serem consideradas nas favelas do Rio de Janeiro, e que nenhum contexto deve ser tratado como igual a outro. Os resultados demonstram a heterogeneidade das comunidades populares e a importância do lugar para circunscrever e definir experiências. Essas questões serão discutidas em mais detalhes quando forem apresentadas as cartografias psicossociais de cada uma das comunidades estudadas.

Figura 3.8 A importância do lugar na vida da comunidade

Nota. Média das respostas em uma escala de 1 a 5, correspondendo a: 1 = discorda muito; 2 = discorda um pouco/em parte; 3 = não concorda nem discorda; 4 = concorda um pouco/em parte; 5 = concorda muito. As respostas foram revertidas, quando necessário. “Futuro” refere-se a repostas ao item “E nos próximos anos, acha que sua comunidade vai...”: 1 = mudar para muito pior; 2 = mudar um pouco para pior; 3 = continuar na mesma; 4 = mudar um pouco para melhor; 5 = mudar para muito melhor. “Satisf bairro” refere-se ao nível de satisfação com a casa, com os vizinhos e com a cidade.

Participação no AfroReggae e na CUFA

Os resultados mostram que participar do AfroReggae e da CUFA não altera a avaliação e a percepção sobre a comunidade e a cidade, assim como os sentimentos de pertença, de rejeição ao medo e de coesão; apenas a percepção de influência revelou diferenças, indicando que as pessoas que participam se sentem menos capazes de influenciar o que acontece em suas comunidades. A percepção de menor influência sugere que a participação aumenta a avaliação crítica e o realismo da percepção.

Figura 3.9 A experiência da vida na favela e a participação no AfroReggae e na CUFA

Nota. Média das respostas em uma escala de 1 a 5, correspondendo a: 1 = discorda muito; 2 = discorda um pouco/em parte; 3 = não concorda nem discorda; 4 = concorda um pouco/em parte; 5 = concorda muito. As respostas foram revertidas, quando necessário. "Futuro" refere-se a repostas ao item "E nos próximos anos, acha que sua comunidade vai...": 1 = mudar para muito pior; 2 = mudar um pouco para pior; 3 = continuar na mesma; 4 = mudar um pouco para melhor; 5 = mudar para muito melhor. "Satisf bairro" refere-se ao nível de satisfação com a casa, com os vizinhos e com a cidade.

As principais descobertas relacionadas com a experiência da comunidade são:

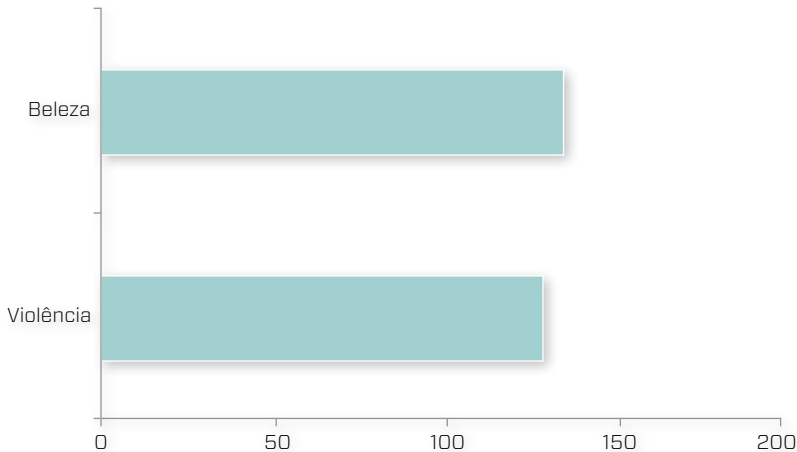
- *o forte capital social* – apesar das dificuldades impostas pelo contexto, as comunidades da favela mantém um vínculo positivo com o lugar e com os vizinhos, demonstrando coesão e a tentativa de viver sem medo;
- *a rejeição do medo em relação ao lugar* – essa é uma questão que se destaca, considerando a presença da violência e a predominância do medo como um estado afetivo do Eu. Os participantes relatam que se sentem em casa e que não têm medo do seu ambiente imediato. Muitos dizem que sentem medo quando têm de ir para as áreas do "asfalto", que percebem como mais perigosas. O medo da comunidade, que surgiu fortemente associado com a experiência do Eu, refere-se claramente ao medo da guerra entre a polícia e o tráfico de drogas, e suas consequências devastadoras;
- *o* vínculo e *a participação no AfroReggae e na CUFA* – que afetam o modo como as pessoas percebem sua influência em relação ao que ocorre na comunidade, sendo as pessoas que participam mais propensas a expressar uma avaliação crítica dos limites de seu poder em relação ao que ocorre nas comunidades em que vivem;
- *a importância do lugar* – na medida em que a variável *comunidade* é a que altera mais significativamente as percepções e as experiências dos moradores das favelas. Tais diferenças devem ser compreendidas e levadas em consideração, pois as comunidades das favelas não são idênticas e não devem ser homogeneizadas.

3.4. A favela e a cidade

É evidente e generalizado o amor pela cidade do Rio de Janeiro: 93,1% dos entrevistados concordaram ou concordaram fortemente com o item "Eu gosto de viver no Rio" do questionário. No entanto, os fortes vínculos afetivos que ligam as comunidades de favelas à cidade são marcados pela ambivalência entre a beleza e a violência.

Ambivalência na cidade

A Figura 3.10 mostra uma divisão quase perfeita entre beleza e violência na caracterização do Rio de Janeiro.

Figura 3.10 Rio de Janeiro: beleza e violência

Nota. Experiências relatadas do Eu, classificadas por frequência. Codificação múltipla possível.
Fonte: Entrevistas da pesquisa.

Essa divisão mapeia, ainda que imperfeitamente, as relações entre a favela e a cidade, com a ideia generalizada de que a beleza do Rio está associada à suas áreas ricas, e que a violência está associada às favelas. Essa divisão ergue uma complexa fronteira urbana na cidade, feita por dimensões geográficas, socioeconômicas e simbólicas que caracterizam as relações internas entre diferentes comunidades e as outras áreas da cidade.

Fronteiras urbanas

A preponderância de fronteiras urbanas marcadas é um componente central do mundo da vida da favela. Os moradores amam suas comunidades, mas são extremamente conscientes das representações sociais negativas e do estigma criados no "asfalto". O crime, a violência e a marginalização são equiparados, por aqueles que a veem de fora, à identidade dos moradores das favelas, que relatam uma série de experiências marcadas pela discriminação e pela segregação, quando atravessam as fronteiras da cidade.

"... Na rua acontece direto. A gente andando na rua, a pessoa vê a gente ... e se esquiva. Eles veem a gente e discriminam. A gente tá passando e elas seguram a bolsa, mudam de caminho, acham que a gente vai roubar... Isso é horrível! Porque as pessoas acham que todo preto é ladrão, que vai fazer mal, vai roubar, vai matar..."

(Cantagalo, homem, 28 anos)

"Porque a impressão que as pessoas têm do morro é muito chocante, que as pessoas falam com gírias, não têm educação, que descem e criam problema. As pessoas acham que quem mora no morro é favelado, que mora num barraco caindo aos pedaços, numa casa suja, simplesmente associam pobreza com sujeira. Então, as pessoas têm essa impressão e não contratam, porque acham que vão ter problema."

(Madureira, mulher, 35 anos)

"Uma vez, eu fui procurar emprego, e a mulher falou assim: 'Toma aí o dinheiro da sua passagem. Você mora onde?' Aí eu

> *falei: 'Vigário Geral'. E a mulher: 'Vigário Geral? Você não pode trabalhar aqui, não!' E eu perguntei: 'Por quê?' E a mulher: 'Porque você mora em Vigário!' E eu falei: 'Me fala o motivo!' E ela: 'Porque as pessoas de lá são muito brabas!' Eu falei: 'Todo mundo não, porque eu sou trabalhador!' A mulher não me deu o serviço porque eu morava na favela. Muita gente não consegue arrumar serviço e às vezes não trabalha porque mora em Vigário."*
> (Vigário Geral, homem jovem, 24 anos)

Essas representações negativas têm uma carga afetiva para o Eu e para a comunidade e, ao mesmo tempo, consequências concretas para a empregabilidade e para as possibilidades de levar uma vida com direitos e sem discriminação na cidade. Estigma e discriminação prejudicam psicológica e socialmente, afetando a autoestima e a identidade e, ao mesmo tempo, barrando o acesso ao trabalho e à renda.

Entretanto, atravessar fronteiras urbanas é uma prática complexa, que envolve movimentos dos dois lados da cidade. Como escreveu José Júnior, líder do AfroReggae, sobre a "boca de fumo", em 2002:

> "A popular 'boca de fumo' é um ponto de encontro de pessoas de classes diferentes, e de jovens em busca de um lugar ao sol. Você já viu alguma? À noite, ela se torna o *point* da galera, reunindo gente bonita e bem-vestida, armas, garotas ao redor, música alta, o comércio funcionando a pleno vapor e uma quantidade enorme de pessoas indo e vindo. Parece que existe nesse local um campo magnético que atrai as pessoas, uma vez que muita gente que fica ao seu redor não é usuário, nem bandido. Muitos meninos e meninas estão ali porque é legal – e muitas vezes é só por isso... porque é legal!"

Muitos dos depoimentos reunidos ecoam tal descrição, o que revela a atração da cidade pela favela e as várias interações e trocas que ocorrem entre o morro e o asfalto.

"Discriminação eu nunca senti. Eu senti muito um olhar de curiosidade, de conhecer a minha realidade. Quando eu falava que na favela eu não pagava água, não pagava luz, só pagava o gás, o telefone e o gatonet*, eles ficaram impressionados. Eu falei que com 10 mil reais você faz uma casa de dois andares no morro, com ladrilho com tudo. Eles ficaram impressionados, porque muitos amigos meus estão juntando dinheiro, tipo 100 mil reais, pra comprar um apartamento. Eu, com 100 mil reais, comprava o morro."*

(Cantagalo, homem jovem, 20 anos)

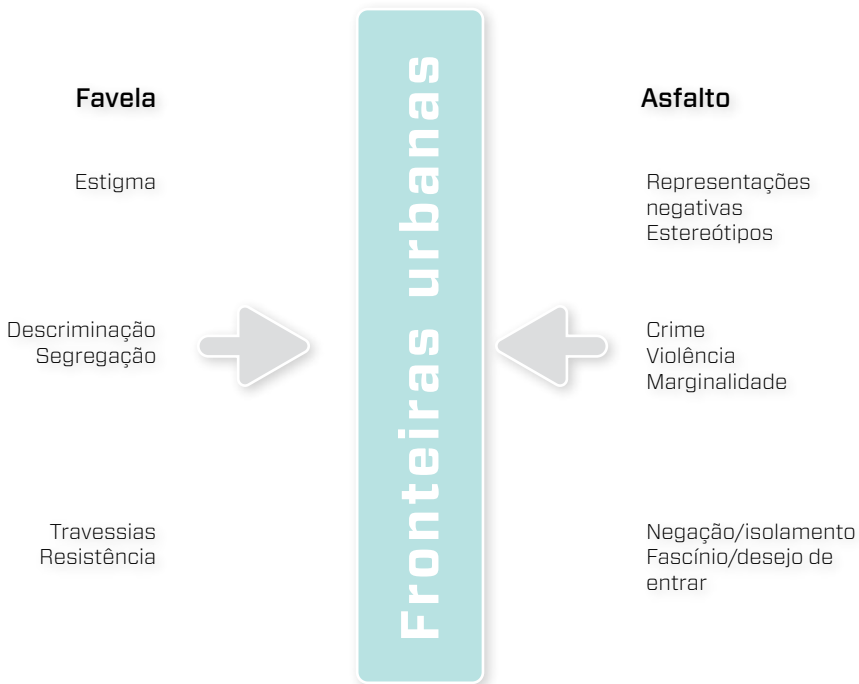
"Eles estudam na mesma escola Tem umas meninas do asfalto que namoram traficantes, tem viciado que vai lá pro morro pegar droga. E também tem muita menina da favela que namora menino do asfalto."

(Madureira, mulher jovem, 20 anos)

Isso se torna evidente nas travessias das produções culturais da favela, que são fundantes da cultura brasileira e alcançam não apenas o conjunto da cidade, mas todo o país. As travessias entre a experiência da favela e a produção cultural, que são ativamente apropriadas pela cidade como um todo, fazem parte das contradições que permeiam as fronteiras urbanas, envolvendo sentimentos de negação e de atração, da necessidade de isolar e separar e, ao mesmo tempo, do desejo de cruzar e entrar na cultura e na vida da favela.

Em última instância, contudo, os moradores da favela percebem claramente que o acesso a recursos, bem como e a violência, têm endereço certo na cidade. Apanhados

em meio ao tráfico de drogas e à polícia, eles têm poucas chances de sair ilesos. Muitos são os fatores que não os deixam escapar: há questões de representação social, quando os moradores de favelas são vistos como criminosos e perigosos pelo "asfalto" e pela polícia; há questões de sobrevivência, quando as famílias não podem contar com o Estado para os caminhos de socialização para suas crianças; há violações de direitos humanos, como quando a polícia invade casas, mata sumariamente e falha na investigação desses crimes. O que o imaginário da cidade denominou como a divisão entre o morro e o asfalto é tão real como nunca para o morador de favela no Rio de Janeiro atual.

Figura 3.11 Dinâmica psicossocial das fronteiras urbanas

Nota. Representações estereotipadas de crime, violência e marginalidade, fora, produzem estigma, discriminação e segregação, dentro. As tentativas de resistir e de cruzar fronteiras se deparam com a negação e com o isolamento, bem como com o fascínio dos que estão fora da comunidade.
Fonte: Pesquisa Sociabilidades Subterrâneas.

Pensando uma sociedade dividida

A complexidade das fronteiras urbanas e das divisões sociais no Rio cria um quadro psicológico para se lidar com os obstáculos e transitar nas relações entre a favela e a cidade. O estudo descobriu que os moradores de favelas desenvolvem dois conjuntos de representações e comportamentos para cada um desses territórios da cidade, que se tornam recursos a serem utilizados dependendo das exigências do contexto:

- A cidade fora da favela é pensada como relativamente desconhecida e perigosa, um lugar com o qual se deve lidar com cuidado: comparada com a segurança do quadro oferecido pela proximidade das comunidades da favela, a cidade é vista como "solta", um lugar onde as pessoas são apenas "indivíduos", sem apoio e sem direitos. A cidade é regulada por um pequeno número de leis ambivalentes, uma visão justificada pela percepção de corrupção na polícia e na administração pública.
- A favela é pensada como um lugar seguro e familiar, apesar da violência no ambiente imediato: as pessoas são mesmo identificadas como "pessoas", conhecidas e amparadas por amigos e familiares; as regras e os regulamentos são claros: as leis do narcotráfico podem ser duras, mas são claras e inequívocas.

As percepções sobre as relações entre a favela e a cidade corroboram algumas dicotomias clássicas da esfera pública brasileira – ver da Matta (1990), para uma discussão sobre as diferenças entre *indivíduo* e *pessoa* na cultura e na vida pública brasileiras – e ilustram a complexidade de dois mundos separados, mas ainda assim inter-relacionados, que vivem lado a lado na cidade. Administrar as travessias entre esses dois mundos, bem como transformá-las em recursos positivos para o desenvolvimento social, é precisamente o que será discutido nos próximos capítulos como central para a contribuição das organizações de base das favelas para a cultura do Rio de Janeiro.

4. Conversando com o inimigo? Transições na relação polícia-favela

"A essência da Polícia Militar é essa, em companhia do povo, em companhia da cidade, é estar junto das pessoas. E nós criamos uma barreira entre polícia e sociedade, separando uma coisa da outra... Não digo que isso encerrou, mas que nós hoje temos uma postura diferente...".
(Comandante de UPP, com base em uma comunidade)

Considerando a importância da polícia no mundo da vida da favela, na dinâmica da violência dentro das favelas, e como interlocutora do AfroReggae e da CUFA, foi realizado um estudo de caso específico que centrou-se nas relações entre a polícia e a favela. Foram realizadas cinco entrevistas com diferentes atores das forças policiais do Rio de Janeiro: quatro com membros seniores da Polícia Militar, com níveis diferentes de participação nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), e uma com um membro da Polícia Civil, com experiência de trabalho em projetos do AfroReggae. A visão desses agentes está justaposta à dos moradores da favela, que narraram suas experiências e opiniões sobre a polícia.

O que se segue é um estudo de caso que coloca uma lente de aumento em um relacionamento específico, construído em meio ao conflito e ao confronto. O estudo mostra os processos dialógicos presentes no trabalho entre as organizações de base da favela e instituições sociais, bem como os dilemas e as contradições envolvidas nos processos de mudança. Os dados fornecem uma visão particular e esclarecedora da Polícia Militar como uma instituição que passa por processos de mudança quanto ao seu pensamento, aos seus procedimentos e às suas relações internas e externas. As percepções sobre as

favelas e seus moradores, bem como sobre as relações com o AfroReggae e a CUFA, devem ser vistas nesse contexto de transição, que é descrito pelos entrevistados por meio de várias categorias fundamentais e temas principais. Os depoimentos dos moradores da favela confirmam esse processo de mudança, e mostram como as representações e as práticas historicamente constituídas estão sendo ressignificadas e mudando as suas vidas.

4.1. O ponto de vista da polícia

Reforma institucional

A polícia é unânime sobre o fato de estar passando por um processo de reforma institucional; os entrevistados relatam grandes mudanças em curso na Polícia Militar do Rio de Janeiro, as quais claramente foram desencadeadas pela política de pacificação e pelo abandono de uma política explícita de confronto com o tráfico de drogas nos territórios das favelas. Isso é considerado positivo, porque há evidências claras de que o confronto e a guerra não funcionavam.

> *"Confesso à pesquisadora que muita coisa também foi mudando na minha cabeça, ao longo do tempo. Quando a gente é mais novo, fica naquele ímpeto de achar que muitas coisas poderiam ser resolvidas dentro de uma cultura repressiva... Hoje eu tenho certeza que não é, nós temos que fazer esse trabalho de pacificação que vem dando certo...* [Eu tenho] *uma história de combate, mas eu considero ter uma história de amor com a minha instituição. Gosto demais de ser policial militar, gosto do que eu faço e já convivi com esses 'extremismos' aí, com essas repressões que, eu posso dizer à senhora, não levam a nada, não resolvem o problema da questão de segurança".*
> (Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

“A questão do narcotráfico e da geopolítica criminosa impactou aqui... muitos postos comunitários foram experiências que ficaram fragilizadas. Quando ficaram sozinhos e sem apoio... você deixava essas policiais à própria sorte, e isso fragilizou porque destruiu simbolicamente, porque eles ficaram com uma imagem de falência, inoperância, fraqueza, entendeu? Então, isso ficou com um discurso dos mais conservadores. Os mais conservadores aqui [na PM] *tiveram sempre esse discurso... Hoje está tendo uma inversão. Hoje tem uma disputa... sempre vai ter. Mas a questão é a de fortalecer simbolicamente as UPPs. Eles fortalecem essas estratégias de comunicação social na mídia, fortalecem com a própria comunidade... Porque o produto não é nosso, é da sociedade. Todo mundo abraçou. E agora tem que dar certo”.*
(Comandante de UPP, quartel-general)

“Nós, em décadas passadas, prendíamos, nos envolvíamos em muitos confrontos, mas o que acontecia? Esses marginais da lei ou morriam ou eram presos, e outros da mesma forma acabavam os substituindo. E aquela territorialidade ainda continua na mão desses marginais. [...] E hoje eu posso falar que as coisas estão literalmente mudando aqui no nosso Estado. Está provado que aquela repressão continuada, sem um objetivo que viesse culminar na permanência de um serviço para dar satisfação àquelas pessoas, foi uma política que não deu certo”.
(Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

Os entrevistados da polícia relatam a ideologia de segurança nacional contra um inimigo interno como sendo fundamental para a sua forma de pensar e treinar como soldados/policiais. Deixando de ter um alvo claro após a ditadura militar, as

disputas territoriais com o tráfico de drogas foram enquadradas nessa ideologia, que homogeneizou todos os moradores de favelas como inimigos. Por meio da guerra contra o tráfico de drogas – e, por extensão, contra os moradores da favela – era possível encontrar o inimigo e sustentar os rituais e os quadros mentais que preparam os policiais para a guerra.

"A gente poder ver... um ritual de humanização. Porque, por nós sermos Polícia Militar, nós temos no DNA a referência do militarismo. Não tem jeito, tem isso [de] *segurança nacional... e você forma o guerreiro, seu ethos guerreiro. Então, você está construindo simbolicamente o guerreiro. São rituais, e a nós são impostos esses rituais, você precisa da virilidade masculina. Esse ritual é de afastamento... temos um lado que é a polícia, tentando ser uma instituição moderna, com interação, contato e, no outro extremo, o lado militarizado... E tivemos uma forte influência da ditadura... nós mesmos dizemos isso, é uma crise de identidade".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

"O policial militar, por causa dessa natureza da formação militar, que é muito mais presente e forte, a transmissão do conhecimento, ela não se dá por essa tradição oral, como é na universidade, onde a oralidade é mais fascinante, do professor. Ela se dá pelo ritual, pelo mimetismo, pela cópia: eu aprendo fazendo. Então, eu posso ter os melhores currículos da polícia comunitária, mas se eu não tiver um laboratório ***prático****, que eu chego e pratico aquilo, eu não consigo bater esses outros rituais...".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

Os entrevistados falam abertamente sobre seus próprios preconceitos e sobre a comparação dos moradores de favela com os traficantes de drogas. Anteriormente, a prioridade era a guerra contra o tráfico de drogas em vez de se entender as comunidades da favela, o que começou a mudar com o trabalho das UPPs e com o contato contínuo entre as favelas e a polícia. No entanto, é unânime a percepção de que o preconceito é um dentre os principais obstáculos para uma nova polícia.

"Porque a polícia do Rio tem uma outra história: 'Ah, favelado é tudo igual, favelado ninguém presta, é semente do mal'. Realmente, vai ser 'semente do mal' se ninguém olhar para aquela semente. Vai ser, porque ele está em um meio que tem um mal presente, e que o mal pra eles é uma referência boa, porque o mau tem mulher bonita, tem roupa, tem ouro, manda e desmanda, o mau é bom... Isso vai mudar, porque hoje já existe outra visão. E não adianta querer só criticar, porque quem vai pagar é a gente. Essa minha visão sobre a comunidade foi adquirida aqui, eu não tinha isso, não. Hoje eu vejo aqui que, em uma comunidade de 10 mil, eu posso tirar 80 pessoas que não prestam... O resto é trabalhador, e trabalhador [para quem] *eu bato palma, porque se eu estivesse na condição dele, de repente eu nem teria conseguido o que ele tem".*

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

Estereótipos e preconceito

Uma mudança nas políticas implica desafiar atitudes, representações e rituais estabelecidos que, historicamente, formam a cultura organizacional da polícia e da favela. Isso é identificado e descrito como um processo que requer interação e contato contínuos,

para que os dois lados possam aprender a coexistir e a mudar A polícia aponta para os problemas da sua própria cultura, e como eles mudaram suas concepções depois de começar o trabalho nas favelas.

"Eu sou prova da resistência, pois eu não queria vir. Sabe quando você assume um trabalho, e todo dia você solta um palavrão? Você vai se superando, depois você ouve um negócio que foi resultado de algo que você fez. Então isso vai mudando. E há resistência, é claro, desde mim até os policiais mais modernos que eu tenho. E eu, como comandante, não podia passar essa coisa para a tropa, porque se não nego ia sair por aí pegando morador de porrada".
(Comandante de UPP, com base na comunidade)

"Nós fomos perdendo essa sensibilidade, por conta dessa formação do guerreiro. O camarada tem que perder a sensibilidade, porque ele tem que ouvir, vai lá, faz e executa, às vezes sem saber exatamente o que aquela operação representa, mas, por ordem, foi lá e executou. Ele matava, morria, prendia".
(Comandante de UPP, com base na comunidade)

"Em uma das minhas primeiras operações policiais, morreram três meninos. Houve uma troca de tiros muito grande, eles atiraram na gente, a gente revidou, aquela história toda que a gente ouve falar muito, e os meninos morreram. E quando a gente chegou perto e eu vi os meninos, foi uma situação muito ruim, porque eu me remeti

àquela memória que eu tinha, daqueles vários meninos que eu tinha visto nas várias favelas em que eu tinha entrado no Rio de Janeiro. Me lembrei de uma mãe negra chorando, de uma avó, de possíveis filhos... Mas, em contrapartida, eu vi no rosto de alguns policiais uma certa indiferença. Não era uma indiferença por que o cara já não amava mais, já não sentia mais aquilo. Era uma coisa da rotina... não vou levar isso para dentro da minha casa. Era uma coisa de autodefesa, e não de desdém".

(Policial, Polícia Civil)

Esses relatos exemplificam a carga negativa das relações anteriores entre a favela e a polícia, bem como a extensão dos preconceitos mútuos e do confronto real pelo qual passaram. Os relatos mostram a dificuldade e o desafio de percorrer o caminho da mudança, e a força que têm o contato, o desejo e a experiência conjunta para superar uma história conturbada. Indicam também quão necessário é que as comunidades da favela possam ressignificar a polícia como instituição, e aprender que a lei é um elemento da cidadania, não algo que a polícia utiliza de acordo com sua própria vontade.

Direitos e obrigações

Os entrevistados observam também que a ordem imposta pelo tráfico de drogas, bem como as experiências negativas da polícia, deslocaram o que deveria ser uma relação normal, entre os moradores da favela e a lei. Há histórias de como essas questões são vividas no cotidiano e de como os policiais estão aprendendo a mudar sua abordagem, ao mesmo tempo em que novos serviços, procedimentos e regulamentos entram nas favelas. Essas histórias falam da sensação de libertação e de alívio real por parte dos moradores da comunidade, que agora se sentem livres das armas de fogo e do comportamento criminoso sem controle na porta de suas casas.

"Com as UPPs, essa relação entre polícia e comunidade hoje é melhor, mas no início das ocupações foi complicado, foi difícil em virtude da forma como as pessoas viviam, numa comunidade onde o tráfico era que imperava e a lei não era cumprida. Mas o cumprimento de leis e normas é muito complicado, principalmente para essas pessoas que nasceram com o domínio do tráfico. Quem é mais antigo, é até mais fácil do camarada dizer: 'Não, vivi um período ruim, mas hoje, graças a Deus, hoje a gente conseguiu retomar a nossa vida normal'. Mas as pessoas que nasceram com o tráfico aqui, é difícil esse início, essa nova relação. E nós, policiais, como vamos lidar com isso? Com porrada? Não dá mais. Com tiro? Não resolveu. Com armas de guerra? Tem, sim, os seus momentos necessários, mas não pra fazer um trabalho de proximidade. A gente viu que errou, e hoje a gente toma uma nova atitude, uma nova era, e não tô sonhando, não, tô bem com os pés no chão".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

"Questão de cultura é complicado: assim como muito de nós, policiais, temos aquela cultura repressiva, aquela demanda reprimida por dentro, tem aquelas pessoas lá que foram injustiçadas, muitos que perderam filhos, se não foi em confrontos, foi pelos próprios marginais. Essas são localidades onde não existia lei".

(Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

Existe a visão de que as UPPs enfocam os direitos e reivindicam o território para o Estado, a fim de reintroduzir a sociedade e seus regulamentos em benefício das comunidades da favela. Isso é visto como mais importante do que a luta contra o tráfico de drogas; a luta contra os criminosos e a sua expulsão dos territórios da favela não constituem um fim, mas o meio pelo qual outros serviços e o processo geral de integração social podem começar a acontecer.

"Porque a UPP veio para resgatar os direitos... É o direito da pessoa sair, ir num pagode e voltar sem a preocupação de uma bala perdida. O domínio do território, pelo Estado, através das nossas operações, é o ponto: onde era domínio de traficante, hoje é o Estado que domina. Outro dia, um garotinho perguntou pra mim: 'Capitão, o senhor que é o dono do morro?' Quer dizer, era a referência que ele tinha do traficante dono do morro. E eu: 'Que é isso, meu filho? O dono aqui é você, é ele, o morro aqui não tem dono, quem é dono do morro é a comunidade, o morro é da comunidade, o morro não tem dono. Eu não sou dono de nada, isso aqui é nosso, pra gente poder brincar, andar de bicicleta, estudar, trabalhar, isso aqui é nosso'. A referência que ele tinha era de um líder, de alguém, de um chefe, de um dono, e que todo mundo tinha que pedir a benção a ele. E eu quebrei essa questão: 'Não, meu filho, não é assim'. E a referência que ele tem hoje é outra, a de um policial que trabalha na comunidade para ajudá-lo, para acompanhá-lo".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

Relações entre polícia e comunidade

Os depoimentos da polícia indicam um processo gradual de transformação nas relações entre as comunidades da favela e a polícia. Esse processo acontece por meio de políticas institucionais mas, também e principalmente, por *práticas cotidianas de diálogo e comunicação* na ponta do trabalho da polícia nas favelas. É um processo que encontra apoio em reuniões e programas conjuntos desenvolvidos pela polícia e pela comunidade, bem como em políticas públicas intersetoriais que buscam uma nova intervenção em territórios de favelas.

Os entrevistados da polícia, com unanimidade, apontam a conscientização e o reconhecimento dos preconceitos e das percepções negativas como ponto central para o processo de mudança.

"É uma questão da cultura, uma questão da violência que é passada para o policial, as cobranças, de que muitas das vezes nós estamos indo como entidade repressora dessas comunidades. Então, não tenha dúvida de que esse é um fator que dificulta, porque a cultura fica impregnada, e pra gente ir retirando todo esse peso é uma dificuldade na cabeça das pessoas: como vou estar ali, junto com favelado? Mas, aí, a gente tem que explicar, fazer com que aquele policial venha a entender. Por isso, a gente defende que os policiais mais novos é que devem servir nessas comunidades, porque eles já são formados com essa concepção, com esse entendimento de polícia de proximidade, de polícia comunitária".

(Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

"Vou ser muito sincera para falar sobre isso. Eu acredito que a maioria, a gente tem uns preconceitos: polícia é polícia, favelado é favelado, cada um no seu quadrado. Era praticamente impossível, durante muito tempo, a gente imaginar um bom convívio entre esses dois grupos distantes. Quando a gente iniciou esse trabalho, não se tinha essa dimensão que hoje temos... A gente passou por muitos problemas, que a gente vê que são culturais, de relacionamento, não exatamente problemas violentos ligados ao crime... Pessoas que viam a Polícia Militar como inimiga, mesmo não fazendo parte de crime nenhum. E a mudança aconteceu de uma maneira mais rápida, acredito eu porque nós não entramos sozinhos, veio um grupo de Secretarias visando toda essa melhoria".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

Outro aspecto importante é a natureza gradual e de desenvolvimento desse processo, que requer tempo, compreensão da resistência à mudança e, o que é essencial, compreensão da cultura e do modo de pensar da comunidade.

"... nos primeiros meses, era pedreira. Policial passava ali pelos becos, e era xixi na cabeça, urina dentro do saco, fezes, pedrada, tijolada. E aí, como resolver isso? Da mesma forma? Vai dar tiro, vai dar pancada? Não! Aí, a gente tem que ir lá e conversar, e foi assim que a gente começou a fazer. Eu criei aqui o 'grupamento de aproximação'. Pronto: no papo, na conversa, no diálogo, e a gente conseguiu a multiplicação disso, e aí a comunidade foi entendendo".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

Igualmente importante para os entrevistados é a ênfase nos processos de contato e de interação, que também produzem transformações dentro da polícia. O contato e a interação são processos que desafiam a lógica histórica de separação entre o soldado e a sociedade, herdada da cultura institucional do Exército brasileiro. O preconceito interno contra as UPPs refere-se à sua busca pela comunidade e à oposição a uma lógica de guerra, o que agora é visto precisamente como a fonte de sua eficácia. Geralmente apelidado de "pato", o policial da UPP está agora se transformando em um "cisne", uma vez que pode empregar diferentes técnicas e dominar diferentes habilidades.

"Lá no [Complexo do] *Alemão,* [o Exército] *está se arrebentando, a gente precisa chegar lá o mais rápido possível. Olha só, vai falar pra um cara do Exército, que é todo formal, pra interagir com a comunidade, estar brincando, soltando pipa e jogando uma capoeira? Porque é a lógica da separação, eu tenho que separar, é a coisa do contágio, da poluição, do perigo. Se eu me despir dessas minhas identidades e começar a misturar, eu me contamino. Nas UPPs, se eu mostrar as fotos, aí o policial não quer nem saber, tá soltando pipa com a criançada, tá brincando, tá jogando capoeira. O [...] lá no Cantagalo, ele* ***é*** *percussionista. Eles não vão nem pedir, ele vai lá brincar... Essa é que é a magia da interação, essa é que é a magia".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

"Porque, infelizmente, um policial da UPP, quando em contato com policiais de outros batalhões, às vezes é até: 'Ah, esse aí é de UPP, não troca tiro, não prende ninguém e tal', como se o nosso trabalho fosse só dar tiro. É totalmente o

inverso, você tem que ser mais perspicaz, mais atencioso, mais antenado. O policial de comunidade, ele tem que se antecipar ao problema, ele tem que ser proativo, ele tem que usar a inteligência".

(Comandante de UPP, quartel-general)

"A UPP é a grande possibilidade da polícia se transformar. E por quê? O policial tá recebendo aplauso, tá recebendo carinho. Eu tenho, na minha equipe, um subcoordenador operacional, ele é 'caveira', ele é ex-bopiano, Mas eu falei: 'Taí, eu vou fazer uma [risos]*, uma alquimia' [...] Ele veio pra cá. Mas ele é um cara que também tá na área de gerência. Então: 'Olha só, meu amigo, nosso negócio é outro, vamos lá?'. 'Vamos'. Aí começa, ele vai, foi lá. Só que eu já contava com isso, essa coisa do contato vai ser fundamental pra ele. Ele é muito robotizado mas, quando chegou, não teve jeito, o cara se debulhou em lágrimas* [risos]*. O cara ficou sentimentaloide: 'Pô, coronel, eu nunca tinha recebido um abraço na comunidade, só recebia tiro'".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

Nesses depoimentos, pode-se observar que as UPPs e as novas relações que elas promovem estão produzindo uma nova autopercepção para os próprios policiais, não apenas para a comunidade. Há muitas histórias de "humanização", de redescoberta de que existe uma dimensão humana neles e no seu trabalho. Isso produz uma nova sensação de orgulho e de valor; isso muda identidades e práticas, tanto do lado de dentro quanto do lado de fora da polícia.

O futuro: "Não estou sonhando, tenho os pés firmes no chão"

Existe um forte sentimento de que as UPPs vão mudar a relação entre a polícia e as comunidades das favelas, e que as parcerias atuais e a colaboração diária com as organizações da favela estão levando ao desenvolvimento das competências dialógicas necessárias para mudar os estereótipos e as representações negativas de ambos os lados. Neste estágio, os dois lados relatam ambivalência e contradições, e é necessário observar sistematicamente como as UPPs evoluem. A evidência inicial é positiva, não somente porque há um claro processo de mudança institucional na polícia – sendo que o AfroReggae e a CUFA elegeram a polícia como parceira importante em suas atividades –, mas também porque as próprias comunidades estão começando a ver que a polícia pode tomar uma forma diferente e deixar de ser a face agressiva que o Estado apresentou ao longo da história. Os dados apontam para a transição na polícia, nas favelas e na cidade como um todo.

"... é uma transformação mútua de representações, tanto da comunidade para com a polícia e com o Estado, como do Estado e seus segmentos para com a comunidade. Então, é uma transformação mútua. Pra gente, esse contato é fantástico. Nossa formação, através desses rituais, a gente se desumaniza, perde a sensibilidade... Nesse sentido, a UPP é ao contrário, é a possibilidade de a gente [se] *humanizar, o contato que é fundamental, o contato principalmente com esses símbolos de sensibilidade, a criatividade da humanização, que nos remete para o nosso lado mais humano, que é a criança, a mãe, a família... Então, isso está sendo fantástico".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

"Isso é interessante, porque a gente percebe que a comunidade está gostando do policial. Hoje, a gente é abraçado aqui. [...] Aqui na comunidade, dois jovens fizeram provas para soldado, passaram e estão aguardando serem chamados. Quando, há uns tempos atrás, eles poderiam fazer essa prova? Se fizessem, iam ter que sair daqui".
(Comandante de UPP, com base na comunidade)

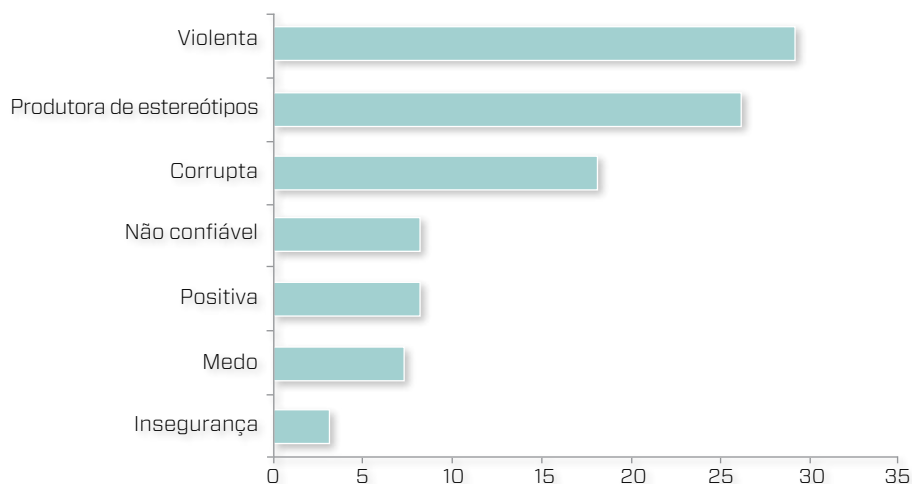
"A cidade do Rio de Janeiro vive um momento de singularidade, um momento de credibilidade das instituições policiais, principalmente da Polícia Militar".
(Comandante, Polícia Militar, quartel-general)

4.2. O ponto de vista da favela

Para os moradores da favela, a polícia é percebida por meio de uma representação social dupla, que divide a instituição entre ameaçadora e criminosa, e as UPPs. No entanto, nem mesmo as UPPs são vistas como inteiramente positivas. Também existem contradições na imagem e na experiência direta que os moradores têm em relação às UPPs.

Percepções da polícia

De todos os participantes que falaram sobre a polícia, a grande maioria relata experiências de violência, de discriminação, de corrupção e de falta de confiança. Há pouquíssimos relatos com uma percepção positiva. Isso pode ser visto na Figura 4.1, que mostra a preponderância das categorias negativas. Esses dados configuram uma visão da polícia como sendo ameaçadora e criminosa.

Figura 4.1 Representações da polícia

Observação: Representações relatadas sobre a polícia, ordenadas por frequência. Múltipla codificação possível. Fonte: Entrevistas da pesquisa.

As referências à polícia são entremeadas por narrativas de invasão ilegal de casas, de quebra de portas sem mandado, de revistas corporais frequentes e discriminatórias, e de outras formas de violência. É frequente os moradores dizerem que não ocorrem roubos nem assaltos na comunidade; o único crime que eles temem é o abuso da força e da autoridade por parte da polícia. Ter contato com a polícia e com suas práticas agressivas é considerado, por muitos, como a pior experiência de suas vidas.

"Não gosto da polícia, me sinto mal perto da polícia, porque já tive problemas, de me abordarem porque estava chegando tarde em casa, sendo que eu moro aqui na subida. Se tiver um traficante do meu lado, eu prefiro do que um policial, com aquela arma enorme. Acho que a polícia tem que mudar

completamente, ser uma polícia cidadã, para as pessoas. Eles são muito preconceituosos, já abordaram meu irmão na frente de casa por causa da cor dele, só porque ele é moreno. Acho isso uma absurdo [fala com os olhos cheios de lágrimas]*".*

(Cantagalo, mulher jovem, 23 anos)

Os entrevistados identificam paralelos entre a polícia e os traficantes de drogas, comparando seu modo de agir e intervir, na favela e no asfalto. A polícia é vista como corrupta e indigna de confiança, uma fonte de medo e de insegurança para os moradores da favela.

"... dentro da comunidade, a gente sabe quem são os vilões. E, no asfalto, a gente também vai saber. Porque, aqui, a gente está submerso ao tráfico e, no asfalto, a gente está submerso aos polícias... Polícia já recebe pra isso, pra proteger a gente, mas eles pegam dinheiro dos próprios moradores. Se você quer se ver seguro de assaltante, você tem que pagar. Então, pra mim, eles são a mesma coisa".

(Vigário Geral, mulher, 25 anos)

Essa opinião é compartilhada com contundência por moradores da favela de Vigário Geral, onde quase as mesmas palavras são utilizadas para afirmar que a polícia é corrupta e que existe pouca diferença entre a favela e o asfalto a esse respeito, com a favela sendo "protegida" pelos traficantes, e o asfalto, pela polícia corrupta. Pode-se ver aqui como os moradores da favela estereotipam a polícia da mesma forma, colocando todos os policiais na categoria de corruptos, violentos e ameaçadores. A natureza engessada dessas identidades, bem como o fato de serem mutuamente estabelecidas, são desafios para a mudança, tanto nas comunidades quanto na polícia como instituição.

A intensidade dessas experiências é transferida para as representações sobre o Rio – como foi visto no capítulo 3, a violência é um significante muito importante nas representações da cidade –, porque a categoria da violência é consistentemente desencadeada por referência à polícia. Na verdade, morar na favela e morar no Rio são experiências descritas como agradáveis e tranquilas, exceto pelas ações da polícia e pelo tráfico de drogas.

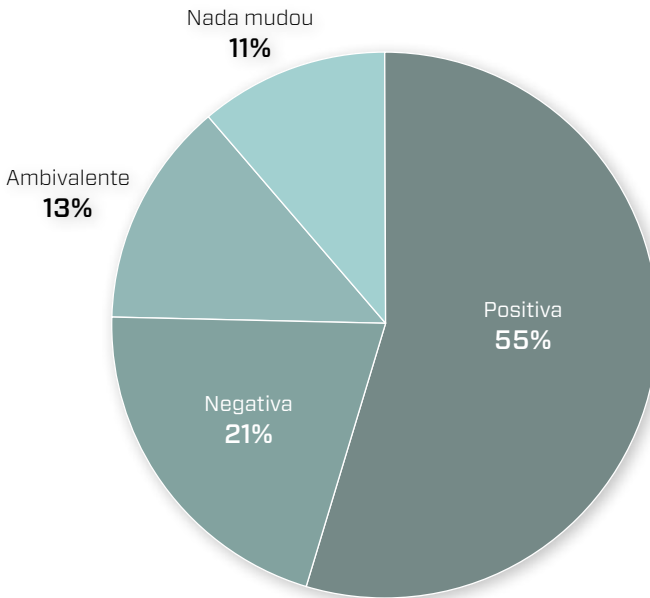
"Acho que tem o lado positivo, sim, mas também tem o outro lado, negativo. Por causa da violência, da polícia. Não violência na favela, mas violência dos policiais".

(Cantagalo, homem, 28 anos)

A pesquisa mostra que existe um considerável caminho a ser percorrido até que as favelas deixem para trás a natureza negativa das suas experiências e os consequentes estereótipos e preconceitos, fatores que comprometem a disposição dessa população para se envolver de forma diferente com a polícia. Como essas experiências estão associadas, na vida do Eu, a fortes sentimentos de discriminação e de raiva, são difíceis de serem esquecidas e marcam as pessoas pela vida inteira. Mudar essa história e construir outra, diferente, é um grande desafio que norteia as novas práticas que estão sendo implementadas pela polícia.

As UPPs

As UPPs estão fazendo diferença, e há uma clara distinção na percepção da polícia entre as comunidades com e sem a sua intervenção. A Cidade de Deus, em particular, mostra que as UPPs mudaram a vida na comunidade e vêm ajudando a melhorar as relações entre polícia e favela. Contudo, há um longo caminho a ser percorrido, como mostra a Figura 4.2.

Figura 4.2 Percepções sobre as UPPs

Nota. Percepções sobre as UPPs, tais como relatadas pelos entrevistados, que se referiram a elas quando falaram sobre a polícia. Fonte: Entrevistas da pesquisa.

Quando as UPPs são mencionadas, a polícia surge de forma mais positiva, e é vista passando por um processo de mudança. Mesmo assim, as representações sobre as UPPs não são consensuais. De todos os participantes que falaram sobre as UPPs, apenas pouco mais da metade vê essas instituições como um desenvolvimento positivo e como uma força de mudança. Outras percepções, como se observa nas falas abaixo, são negativas, indiferentes ou expressam que nada mudou.

Participante: ... *a Cidade de Deus tá mais tranquila, não tá tendo tiroteio. Aqui não era nem tanto assalto, era mais tiroteio, estar passando no meio das balas perdidas, polícia de um lado, polícia do outro, você não saber pra onde ir. Isso era difícil. Agora tá tranquilão.*
Pesquisador: *Você acha que melhorou?*
Participante: *Melhorou. Só o fato de não estar tendo tiroteio, de você saber que pode ficar sentado aqui. A segurança tá maior* [só] *de você saber que não vai vir uma bala perdida acertar a sua cabeça."*
(Cidade de Deus, homem jovem, 20 anos)

"... todas a entradas da favela têm cabine policial, eles não estão protegendo a população: eles estão vigiando a população. Então, é ridículo dizerem que estão pacificando, fazendo isso ou aquilo, porque eu não vejo um guarda cumprimentar um cidadão, não vejo um guarda desarmado. Então, não tem nenhuma pacificação: eles estão controlando a população".
(Cidade de Deus, mulher, 25 anos)

"Continua a mesma coisa, o morro sempre foi bom, ninguém mexe com ninguém".
(Cantagalo, mulher, 26 anos)

As percepções positivas que estão vinculadas às UPPs referem-se à esperança de que vai haver paz dentro das favelas, e que estas se tornarão um lugar melhor para se viver.

4.3. Novos rumos: entre o medo e a esperança

A sobreposição das opiniões da polícia e dos moradores da favela mostra que existem discrepâncias, e que é necessário um esforço assistido para consolidar as mudanças em suas relações. As narrativas de contato estão repletas de histórias que carregam a carga negativa de identidades rígidas e de estereótipos, de ambos os lados; mostram ainda que os encontros entre os dois constituem territórios instáveis de negociação onde, apesar de novas práticas estarem sendo experimentadas, o remanescente do poder antigo continua em vigor.

A corrupção e a ilegalidade foram fundamentais para definir a perspectiva dos moradores da favela com relação à polícia, uma perspectiva baseada em experiências concretas de violência e de violação dos direitos humanos básicos. Essas opiniões são *vivenciadas*, e é por isso que será difícil mudá-las. Isso trouxe um legado de contradição em relação à lei do Estado, que é observado em toda a dinâmica das sociabilidades subterrâneas. Recuperar a cidadania, bem como compreender que segurança com direitos humanos é essencial para uma sociedade democrática, são tarefas conjuntas para a cidade, para os legisladores e para aqueles que estão trabalhando para concretizar parcerias e encontros positivos na base. Os dados acima indicam que existe um processo de transição nas relações entre a favela e a polícia, e é importante apoiar as suas realizações, reconhecer os seus desafios e o que ainda resta a ser feito.

O medo e a esperança representam os dois lados de um processo de comunicação entre as favelas e a polícia. O medo baseia-se na experiência da violência, das balas perdidas e da convivência com o fogo cruzado, bem como nas complexas e múltiplas relações entre a polícia e o narcotráfico. A intervenção das UPPs e o diálogo entre a favela e a polícia trazem esperança: a esperança que vem da sensação renovada de segurança, da liberdade quanto ao controle das fronteiras imposto pelo tráfico de drogas, e da expansão dos horizontes que possibilitou o ir e vir na cidade. Por enquanto, essas são promessas de um futuro ainda não realizado, mas estão orientando decisivamente ações e esforços da polícia e das favelas no Rio.

Como será visto no próximo capítulo, existem parcerias e projetos sendo desenvolvidos entre a polícia e as organizações das favelas. Essas ações têm suas dificuldades, que refletem o que os dados acima indicam. Existe um processo de transição dentro da polícia, bem como uma representação contraditória da polícia dentro das comunidades mas, em ambos os lados, atores estão estabelecendo um diálogo para falar sobre essas questões e encontrar soluções para décadas de conflito. Linguagens artísticas e atividades conjuntas, forjadas no diálogo e no compromisso com um projeto de mudança, estão abrindo o caminho para a renovação das relações entre a favela e a polícia.

5

5. Novos atores, novas ações: o AfroReggae e a CUFA

"... eu quero deixar um legado, deixar frutos, deixar pessoas enxergando um mundo melhor de verdade, sem utopias, pra vida delas e pra outras pessoas também".

(Nega Gizza)

5.1. Quem eles são: identidade e trajetórias de vida

O AfroReggae e a CUFA são organizações híbridas, caracterizadas por uma identidade múltipla: elas combinam elementos de ONGs, de movimentos sociais, de empreendedores e de produtores culturais; são agitadores, artistas, assistentes sociais e parceiros do Estado brasileiro. São entidades que surgiram nas favelas e fazem delas o seu público-alvo, mas sua expansão foi muito além, conquistando parceiros nacionais e internacionais. Sua agenda é política e elas assumem abertamente uma ideologia. No entanto, não têm medo de se envolver com o mercado e ganhar dinheiro, de forma que possam ser financeiramente independentes de patrocinadores e do Estado. Elas contam com líderes fortes e carismáticos: são músicos reconhecidos – principalmente *rappers* e cantores de *hip hop* – no cenário cultural brasileiro. Eles se apresentam na periferia das cidades brasileiras, bem como no grande circuito cultural nacional e internacional. Essas organizações também atraem artistas reconhecidos e personalidades culturais do Brasil, contando com o seu apoio e compromisso para tudo o que fazem. Elas são vistas, interna e externamente, como uma "*holding* de ações" e resistem a uma classificação unívoca, conforme ilustrado pelos seguintes trechos:

“O AfroReggae não é mais uma ONG. É um movimento que tem um ativismo direto e indireto muito forte, muito grande. É complicado, hoje, dizer quem é do AfroReggae e quem não é. Tanto que há pessoas que são tão do AfroReggae quanto eu, e elas nunca foram em favela, nunca vieram no Rio de Janeiro. Levantam uma bandeira, né? Que é essa coisa do AfroReggae de criar uma ponte, uma via de mão dupla, onde você integra classes sociais diferentes, gêneros diferentes, ideologias muito diferentes... Hoje de manhã eu estou fazendo uma ação social no Complexo do Alemão. E depois, de tarde, vou estar no Fórum Econômico Mundial, entendeu? Inclusive, hoje eu decidi que eu vou ao Fórum, mas não vou falar. Quem vai falar é o Feijão, um cara que foi traficante, que foi chefe do tráfico da favela de Acari. E eu acho que vai ser a maior quebra de paradigma dessa edição do Fórum ter um ex-traficante, dono de boca de fumo, falando da economia da favela. O que é que é bom? O que é que é ruim?... Começar a entender que a cultura do outro, mesmo que a gente não goste, deve ser respeitada”.

(AfroReggae, líder)

“Cidadania, gênero, consciência racial, consciência política, a gente coloca isso também nos nossos projetos, nós somos um ato político dentro da sociedade. A gente também acaba induzindo as pessoas a se enxergarem e a conseguirem perceber a importância política no processo, a enxergarem a sua importância política dentro da sociedade, também”.

(CUFA, líder)

Uma característica única e significativa dessas organizações é a sua relação orgânica com o contexto da favela: ao contrário dos modelos tradicionais de desenvolvimento social – nos quais os agentes externos propõem e conduzem a execução dos projetos –, ou mesmo de modelos participativos – nos quais as populações locais estão incluídas nos processos de tomada de decisão, controlados por agentes externos de desenvolvimento ou pelo Estado –, essas organizações não foram criadas por pessoas de fora. Elas surgiram, desenvolveram-se e são amplamente reconhecidas como um produto dos territórios das favelas. Ativistas e lideranças nasceram, cresceram e continuam a viver nas favelas do Rio, e cada uma dessas organizações tem uma forte ligação territorial com uma comunidade específica: Madureira, no caso da CUFA, e Vigário Geral, no caso do AfroReggae. Certamente, o território é vital para a sua identidade e para as suas atividades.

*"... Esses grupos **são a favela**, são a própria expressão genuína, verdadeira, da força da favela, do que há de belo, de diverso, de original nas comunidades cariocas. Isso é o que eles têm em comum".*

(Representação da UNESCO no Brasil, parceira)

A análise das características, dos métodos e das ações dessas organizações mostra que elas são *sui generis* e inovadoras. Seus objetivos explícitos são o reconhecimento da cultura e do rico potencial dos mundos da vida na favela, a destruição das barreiras urbanas e a construção de travessias dialógicas que produzam mudanças transformadoras, tanto na esfera pública quanto na subjetividade individual e social. Elas concorrem abertamente com o tráfico de drogas por influência nas rotas de socialização disponíveis aos jovens da favela, e funcionam como mediadoras de conflitos em disputas entre as facções do tráfico, a polícia e os moradores da favela. Sua gama de ações é extensa, envolvendo as comunidades da favela e a esfera pública da cidade como um todo. A ênfase do seu trabalho recai sobre a regeneração do ambiente construído das favelas, a construção de espaços para a sociabilidade positiva, e o convívio e as intervenções psicossociais que visam a promover a autoestima, o autocontrole e a conscientização para a transformação de trajetórias individuais e coletivas.

Histórias de vida de líderes e ativistas

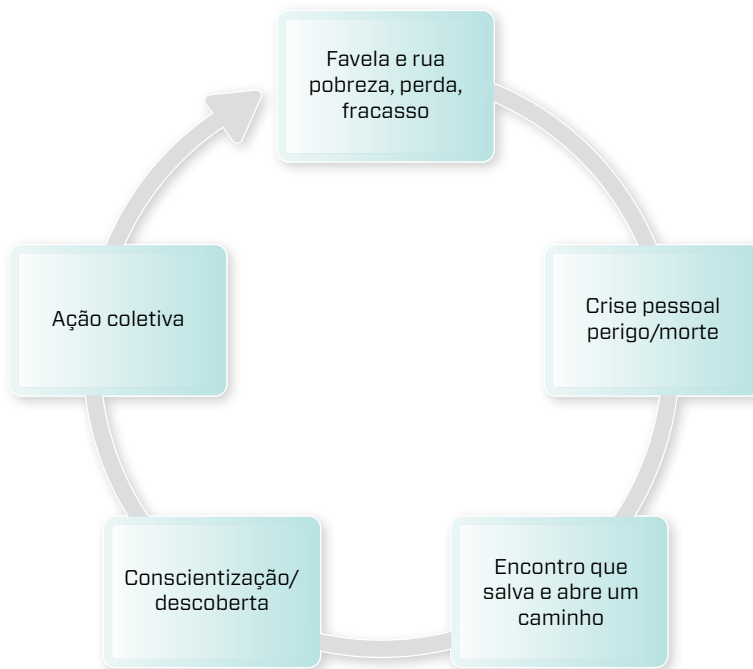
As trajetórias de vida dos ativistas do AfroReggae e da CUFA revelam a importância da experiência pessoal e da identificação social na definição da identidade e do método de trabalho dessas suas organizações. Contar uma história de vida e apresentá-la como um exemplo, expondo suas determinantes e experiências, seus momentos de decisão, de ruptura e de escolha, as lições e o modelo que ela pode oferecer: esse é o método básico que fundamenta todas as conversas e projetos desenvolvidos por essas organizações. Todos contam e utilizam as histórias de vida dos seus líderes e ativistas como ponto de partida, tomando-as como a matéria-prima que exemplifica como o indivíduo e a sociedade se combinam para definir a vida humana. Encontram-se essas histórias de vida consolidadas como narrativas que circulam pelas comunidades e até mesmo no Rio como um todo; circulam como recursos que são contados repetidas vezes como exemplos de sobrevivência e de determinação, como avisos e depositários de esperança e de futuros potenciais, como alternativas para a realidade que existe e orientação para as escolhas e a tomada de decisões.

O elemento essencial dessas histórias de vida é que elas são exemplares de trajetórias da favela; funcionam como histórias que espelham, refletem e expressam caminhos amplamente encontrados nas comunidades e, portanto, são histórias que as pessoas da favela compreendem e reconhecem bem. O primeiro e talvez mais importante resultado relacionado à identidade do AfroReggae e da CUFA, diz respeito a elas serem organizações solidamente ligadas ao mundo da vida na favela: elas não foram produzidas do lado de fora e levadas para o ambiente da favela. Pelo contrário, elas foram geradas dentro da favela, nas mãos de pessoas que pertencem e que estão profundamente ligadas aos territórios da favela.

A análise das trajetórias de vida mostra padrões surpreendentemente semelhantes, descritos por meio de uma sucessão de acontecimentos, que envolvem:

- o crescimento em um contexto de miséria, na favela ou nas ruas;
- uma situação de crise pessoal, de perigo, de quase morte;
- um encontro que salva e abre o caminho para uma vida mais positiva;

- um processo de iluminação, de descoberta, de conscientização;
- o engajamento em ações coletivas;
- a redescoberta do Eu e de um projeto de vida.

Figura 5.1 Trajetória de vida de líderes do AfroReggae e da CUFA

Nota. Ciclo de eventos de vida tais como narrados por lideres e ativistas do AfroReggae e da CUFA.
Fonte: Narrativas de trajetórias de vida.

Os líderes e ativistas nasceram e cresceram nas favelas do Rio, sujeitos a lares desfeitos e à pobreza, acostumados ao confronto com a polícia, e à violência e às perda causadas pelo tráfico de drogas. A maioria não terminou os estudos e, aqueles que terminaram, mencionam problemas de acesso e da qualidade da educação. Contam histórias pessoais em que são frequentes o fracasso, as perdas, a pobreza, o racismo e a discriminação. Nas narrativas das experiências de vida encontram-se situações de desespero, situações que os empurram para a margem e que produzem crises pessoais intensas.

Essas crises incluem a perda de entes queridos, a proximidade da morte, a entrada para o tráfico de drogas e a tentativa de suicídio. Como é o caso da maioria dos entrevistados nas comunidades estudadas, a família aparece como uma estrutura fundamental, que pode salvar ou intensificar essa vulnerabilidade.

"... Muita prostituição, muito tráfico, muito crime, muita marginalidade, muito jogo do bicho... Minha escola foram as ruas do centro. [Foi] *Ali que eu fiz o meu pós-doutorado* [risos]*".*
(AfroReggae, líder)

"Naquele momento [depois que o irmão foi morto pela polícia]*, o que eu enxerguei era ir me envolver no tráfico pra conseguir bater de frente com os polícias e matar eles. Então eu fui na boca, cheguei a conversar com os caras que queria entrar, que queria fazer parte do movimento, pra alguma coisa eu ia servir".*
(CUFA, líder)

"... Eu sou cria de Parada de Lucas... minha vida toda foi ali, naquele gueto, naquela sobrevida de ter poucas opções, poucas oportunidades. Mas meu pai sempre me cobrou muito, tem que estudar, tem que crescer... e eu procurei seguir essas regras... A minha vida foi assim, uma vida comum [como] *a de todos, de um cara da favela, que lutou, que estudou num colégio péssimo, que se formou num colégio horrível, mas que teve uma formação, uma base familiar muito boa... E isso é a chave, dentro de área marginalizada, isso é essencial. Porque senão você vai mesmo".*
(AfroReggae, ativista)

As narrativas continuam com histórias de enfrentamento das dificuldades e da descoberta de uma forma de sair da crise pessoal e do perigo. A maioria do entrevistados conta como foram capazes de se levantar graças a um encontro positivo com as organizações, que proporciona ajuda e apoio intersubjetivo, oferecendo um modelo positivo de relacionamento com os outros, a perspectiva da atividade criativa e o potencial para a ação coletiva.

"O AfroReggae foi muito importante pra mim. Eu tenho um conflito pessoal com uma pessoa da minha família, e isso me ajudou bastante, ajudou a me motivar, a me dar esperança, a me dar garra, a me superar. Eu achava que todo mundo dizia que eu não podia, que eu não ia conseguir, e acabou que eu estou aqui até hoje, lutei pra estar aqui... O Júnior, eu adoto ele como se fosse um pai, porque toda vez que eu precisei dele, ele estava ali, ele quis me ouvir, ele me ouviu, ele é um exemplo".
(AfroReggae, ativista)

"E eu não conseguia entender porque tinha que acontecer assim. E quando o [MV] *Bill me chamou, ele tava me chamando pra essa luta... foi o cara que me deu a mão na hora em que mais precisei. Confiou no meu talento, ele enxergava em mim uma coisa que eu não enxergava...".*
(CUFA, líder)

Esses encontros são apresentados como estruturas importantes para momentos de ruptura e de tomada de decisão na trajetória de vida das pessoas. Nessas trajetórias, encontra-se um processo de "reerguimento", por meio da interação com outra pessoa que mantém e apoia. Conforme será discutido adiante, é essa experiência vital de apoio intersubjetivo que o AfroReggae e a CUFA adotam e colocam em prática como base

de suas metodologias. Cada um desses acontecimentos é descrito por histórias de tensão emocional e de mudança na visão pessoal e na compreensão do contexto. Tais experiências são descritas como momentos de descoberta e de conscientização, por meio das quais as pessoas adquirem uma compreensão mais profunda e mais abrangente da vida e um desejo de transformar a vida e de se engajar na ação coletiva.

A experiência da ação coletiva e da interação com outros que também apoiam desencadeia a conscientização, bem como permite a expansão cognitiva e emocional do Eu. Esse processo confere poder ao Eu e o transforma em um bem que proporciona resiliência e capacidade para lidar com adversidades. A *resiliência* é vista, de forma unânime, como um recurso decorrente das dificuldades, uma habilidade desenvolvida a partir das condições da própria vida que as pessoas querem transformar. Essa habilidade é considerada a verdadeira base da determinação que, ao final, resultou no AfroReggae e na CUFA. Parte do sucesso dessas organizações reside no fato de que seus líderes e ativistas estão cientes de possuir a sabedoria e o conhecimento dos perdedores, daqueles para quem a derrota e o sofrimento são fontes de aprendizado e de motivação para a mudança social. É possível falhar e continuar tentando, como foi imortalizado por Samuel Beckett, em seu poema em prosa "Worstward Ho" (tradução livre): "Sempre tentou. Sempre fracassou. Não importa. Tente novamente. Fracasse novamente. Fracasse melhor".

As histórias de vida mostram a correspondência entre as rotas da socialização vivenciados pelos líderes e ativistas do AfroReggae e da CUFA, e os dos moradores da favela. Aqueles não são estranhos, mas sim pessoas que pertencem psicológica e socialmente às comunidades da favela. Sempre que esses líderes e ativistas falam sobre essas organizações, estão contando suas próprias histórias de vida. Essas são histórias fundamentadas na linguagem e na realidade da favela, que eles tanto expressam como superam com o seu exemplo. São histórias que misturam linguagens da exclusão, da pobreza, da perda e do crime com histórias de resiliência, de enfrentamento do fracasso e, em última instância, de sucesso.

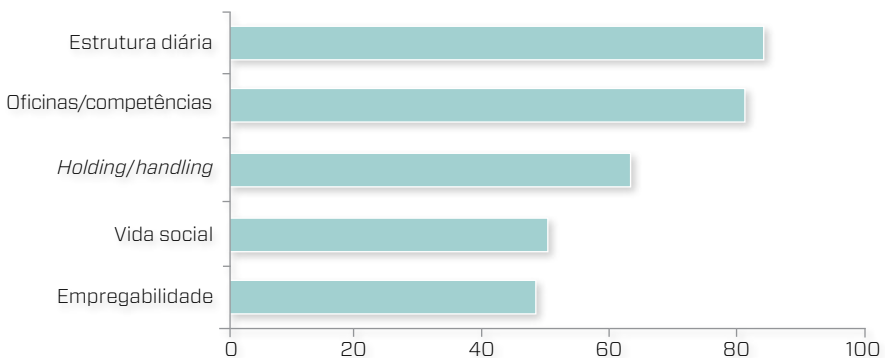
Essa correspondência é primordial para explicar a eficácia do método de trabalho dessas organizações. O AfroReggae e a CUFA, sistematicamente, valem-se de histórias de vida como exemplos e modelos para identificação. As narrativas de vida são utilizadas

como um recurso, uma ferramenta metodológica, que transmite lições, futuros potenciais, caminhos alternativos e modelos a serem seguidos. As histórias se tornam imprescindíveis para a metodologia do AfroReggae e da CUFA, e são empregadas constantemente pelos indivíduos e pela comunidade como ferramentas para reescrever identidades e produzir mudanças sociais. A narrativa geral da vida dos líderes do AfroReggae e da CUFA mostra que estruturas intersubjetivas de apoio são essenciais para os momentos de ruptura e de escolha, constituindo moderadores importantes da tomada de decisão e da ação nos caminhos das sociabilidades subterrâneas.

5.2. O que as organizações estão fazendo

A visão da favela

A Figura 5.2 mostra como os moradores da favela descrevem o significado do AfroReggae e da CUFA em suas vidas.

Figura 5.2 O que o AfroReggae e a CUFA significam para você?

Nota. Significado atribuído às organizações ordenado por frequência. Múltipla codificação possível.
Fonte: Entrevistas da pesquisa.

A estruturação da vida cotidiana assume um papel muito importante, sendo vista como essencial para evitar a criminalidade e engajar as pessoas em atividades produtivas. Os participantes dizem explicitamente que o AfroReggae e a CUFA fornecem a eles algo para fazer, algo com o que se comprometer, uma oportunidade de serem responsáveis, de estabelecerem referências no dia e na semana para, dessa forma, estruturar a vida cotidiana. Rotina, estrutura e atividade são sistematicamente descritas pelos participantes por meio do entendimento popular de que é necessário ocupar o tempo das pessoas, para que elas não levem a "vida errada". Durante o trabalho de campo, ouviu-se frequentemente o ditado popular: "mente vazia, oficina do diabo". O ditado e sua utilização demonstram a sabedoria e a racionalidade incorporadas ao senso comum, pois a ideia apreende a ligação vital entre atividade e mente e, ao mesmo tempo, os perigos da ausência do esforço cognitivo e simbólico.

"Agora estou desempregado, e se eu ficar com a mente vazia, é oficina do diabo. Aí eu venho pra CUFA, aqui me distraio".
(Cidade de Deus, homem, 25 anos)

A importância da atividade e da estruturação de rotinas é relatada com ênfase no desenvolvimento de competências, de habilidades e de apoio psicossocial, o que se denomina *holding* e *handling*, ou "sustentação e manejo", com base na psicologia de Winnicott (1965). Os entrevistados relatam que aprendem como indivíduos quando participam das oficinas; além de habilidades e competências, eles também aprendem como manter o foco, a disciplina, a atenção, o autovalor e a autoexpressão.

"... [Ter algo para fazer, aprender alguma coisa] *me ajuda a me afastar do tráfico, porque é algo contrário, porque é arte, é dança, é salsa, é tudo de bom. Evita muita coisa, de você ir para esse mundo* [de drogas, de perdição]*, pois passa o contrário para você, passa paz, passa tranquilidade, passa*

você usar o seu corpo de uma maneira diferente, você saber valorizar o seu corpo, usá-lo para coisas boas... Eu aprendi a trabalhar em grupo com pessoas que eu não conhecia, que são de outro morro, aprendi muita coisa boa. Aprendi também a ser mais humilde, respeitar pessoas que você não conhece, conversar, aprender coisas que eu nunca imaginei".
(Cantagalo, homem jovem, 21 anos)

"Eu aprendi não só a fazer muitas coisas, eu aprendi coisas que vão ser boas pro meu dia a dia, coisas que eu posso lucrar com isso, em casa... Eu tive ensinos de vida na CUFA. A professora não ensina só a gente a fazer essas coisas. A professora ensina a gente a... um estilo de vida, passa um exemplo de vida pra que a gente possa seguir um exemplo bom. Ela dá conselho pessoal, troca uma ideia legal".
(Madureira, mulher jovem, 16 anos)

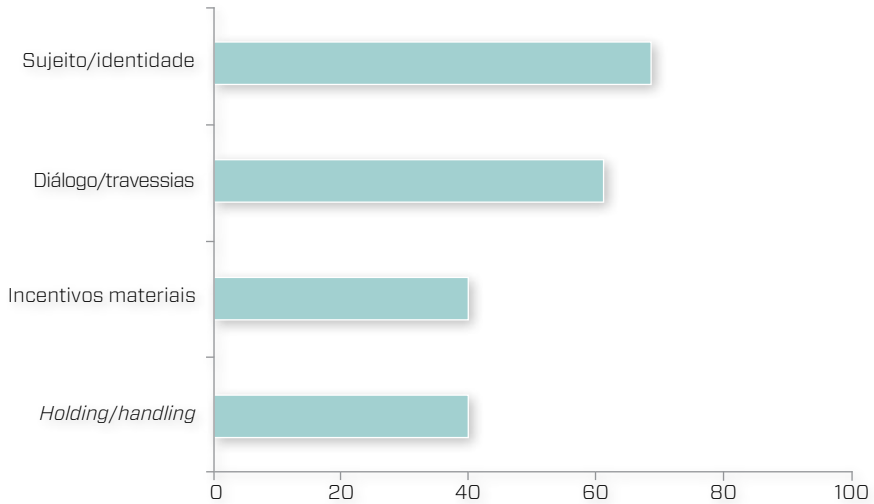
Isso é proporcionado em um contexto de cuidado e de apoio, no qual se combinam habilidades cognitivas, práticas, emocionais e sociais.

"Me ajuda [pausa] *profissionalmente, pois acho que é algo em que eu posso, mais pra frente, me profissionalizar, com certeza. Me ajuda culturalmente, porque aqui eu posso conhecer coisas diferentes, ir a eventos, conhecer pessoas diferentes, coisas que eu não teria oportunidade se não estivesse aqui...".*
(Cidade de Deus, mulher jovem, 17 anos)

"Ser parte do AfroReggae é tudo na minha vida. Porque, hoje, o que eu sou eu agradeço muito ao AfroReggae. Quando eu comecei aqui eu era criança, eu era adolescente, 13 anos. Não sabia nada, não saía ali fora pra comprar um nada. Nem pra pegar um ônibus, tinha que pegar com o pai e com a mãe. Hoje em dia, não. Através do AfroReggae, eu conheci lugares diferentes, eu comecei a viver a vida na verdade. Minha mãe me deu mais liberdade, que é questão de confiança. Minha mãe teve confiança naquelas pessoas ali do AfroReggae, e deixou que eu vivesse a minha vida através do AfroReggae. Hoje em dia, eu sou uma profissional do AfroReggae e, pra mim, a coisa mais importante da minha vida é o AfroReggae".
(Vigário Geral, mulher jovem, 19 anos)

Nesses depoimentos, pode-se observar como os processos de educação e de treinamento proporcionados por essas organizações desempenham o papel da escola e da família, combinando as funções de ambas. As observações do estudo de campo mostram que, ao enfatizar o movimento do corpo e a combinação de atividades mentais e corporais, as oficinas e o treinamento oferecidos contornam aspectos da educação formal, que tendem a excluir as crianças da favela. Tal processo ignora os obstáculos tradicionais da educação formal, que separa as aprendizagens do corpo e da estrutura emocional. Esses fatores são apresentados em conjunto, na forma como os participantes relatam o significado do AfroReggae e da CUFA em suas vidas.

Essas questões são confirmadas pela forma como o trabalho dessas organizações é percebido pela comunidade, e o que os entrevistados consideram ser os seus principais métodos de trabalho. A Figura 5.3. mostra que predominam a atenção à subjetividade individual e à identidade, as travessias/mediações e os diálogos que estabelecem, seguidos pelos incentivos materiais que proporcionam e pelo apoio psicossocial, expresso no expresso no *holding* e *handling*.

Figura 5.3 A metodologia de trabalho do AfroReggae e da CUFA

Nota. Percepções sobre o trabalho das organizações, ordenadas por frequência. Codificação múltipla possível. Fonte: Entrevistas da pesquisa.

Na fala dos participantes, existe a forte presença de metáforas relacionadas à família, como, por exemplo, quando eles afirmam que essas organizações são como "um pai" e/ou "uma mãe", que elas são como "uma família". Sua ação mais importante, mencionada repetidas vezes, refere-se a "estender a mão", a conversar e ajudar, levando as pessoas para fora do caminho do crime.

"... o AfroReggae, ah, [risos] *o AfroReggae é uma mãe! Nossa mãe, o AfroReggae!"*

(Vigário Geral, mulher jovem, 17 anos)

"É como se fosse a minha casa, também. Eu chego aqui, todo mundo me conhece... sou respeitado aqui, como sou respeitado na minha casa... Tenho a minha parcela de responsabilidade aqui, como tenho na minha casa".

(Madureira, homem jovem, 20 anos)

As oficinas com enfoque em várias habilidades e competências permitem o desenvolvimento pessoal e proporcionam apoio psicossocial. Ao mesmo tempo, graças às parcerias e ao financiamento que oferecem, existe a disponibilidade de incentivos materiais, que envolvem pequenas doações, roupas e, mais importante ainda, comida. As roupas são muito desejadas por crianças e jovens nas favelas, e podem constituir um forte atrativo para a entrada delas no tráfico de drogas. O AfroReggae e a CUFA entendem essa cultura e são capazes de fundamentar sua própria conduta e as parcerias que constroem para responder a essa demanda. A Nike, por exemplo, é um patrocinador, e oferece regularmente agasalhos e outras peças de vestuário para as crianças.

"A melhor coisa que me aconteceu [...] mês passado: eu fui na Câmara dos Deputados, havia várias pessoas importantes... As melhores baladas, festas, havia pessoas importantes, e eu tava lá com a CUFA. Acho que foi uma das melhores coisas pra mim".

(Cidade de Deus, mulher jovem, 20 anos)

"... Eles foram lá e me resgataram, e agora eu estou aqui fazendo isso. O que ele fez comigo, eu estou fazendo com os outros. Isso é que dá certo no AfroReggae, a parte do social, ajudando as outras pessoas, as pessoas que não querem mais estar envolvidas no tráfico, que não têm nenhuma ficha

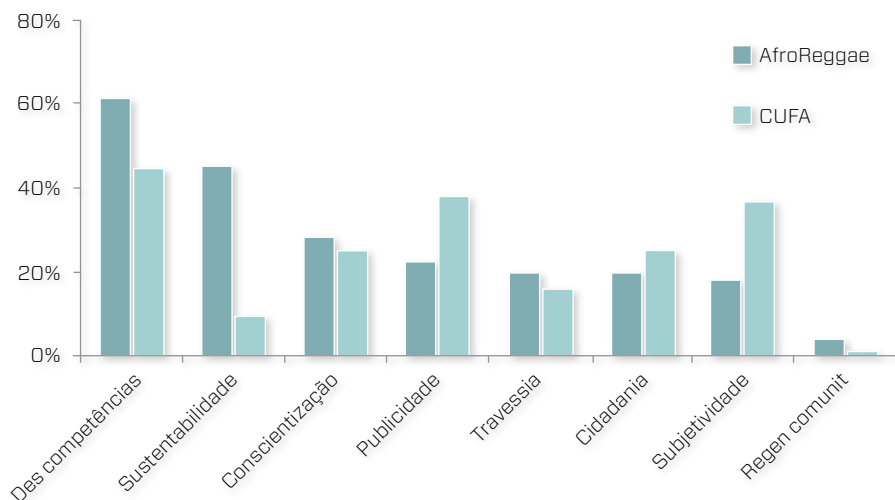
criminal, e isso é muito bom. Dar empregos a ex-presidiários, isso é muito legal. Isso é o que me motiva estar aqui!"
(Cantagalo, homem, 28 anos)

"Acredito que seja que nem Igreja, para o bem social. Tem pessoas que estão desestruturadas e precisam de uma ajuda. Às vezes, nem ajuda financeira, mas uma distração, e aí encontra lá um objetivo de vida. 'Pô, eu não sou nada na vida', e aí encontra o break*. 'Pô, legal o* break*, vou dançar, vou ser um* b-boy*, vou ganhar dinheiro com isso'. Aí a CUFA investe naquela pessoa, cria aquela coisa social que a faz achar que é alguém. Dá apoio moral, pergunta o que está acontecendo na família, faz entrevistas, oferece emprego, faz a diferença".*
(Cidade de Deus, homem, 20 anos)

Os projetos: objetivos, público-alvo e parceiros

A análise dos projetos mostra muitas semelhanças mas, por outro lado, algumas diferenças entre os projetos desenvolvidos pelas duas organizações. Ao mesmo tempo, encontra-se uma correspondência importante entre a percepção das comunidades e o que a análise estatística dos projetos mostra sobre os objetivos e a metodologia de trabalho do AfroReggae e da CUFA. Se a percepção das comunidades da favela é utilizada como indicador, pode-se afirmar que essas organizações estão atingindo seus objetivos e suas populações-alvo.

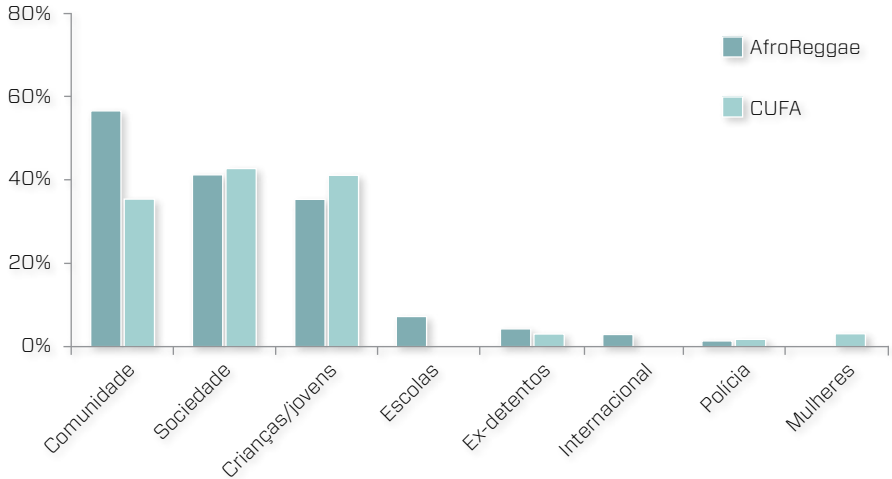
A Figura 5.4 mostra a semelhança dos objetivos dos projetos das duas organizações, com pequena variação em ênfase. Ambas trabalham com o desenvolvimento de habilidades, enquanto os projetos de sustentabilidade são especialmente importantes para o AfroReggae. Os objetivos combinam a atenção individual e social: subjetividade, cidadania, regeneração da comunidade e da esfera pública.

Figura 5.4 Objetivos dos projetos do AfroReggae e da CUFA

Nota. Características dos projetos classificadas de acordo com registros e documentos arquivados. Múltipla codificação possível. Fonte: documentos sobre projetos. N = 130.

Esses objetivos mostram um foco dentro das comunidades, consolidando o autodesenvolvimento, a coesão da comunidade e as redes internas, e fora delas, buscando pontes e comunicação com a cidade. Em geral, pode-se dizer que esses projetos ocorrem na encruzilhada entre a favela e a cidade, desenvolvendo ações que são dirigidas para dentro, para fora e para a comunicação entre as duas instâncias.

Com relação às pessoas atingidas pelos projetos, a análise mostra que o AfroReggae e a CUFA diversificaram os públicos aos quais se dedicam. Em consonância com os objetivos de cruzar fronteiras e expor a cultura da favela para a sociedade em geral, seus projetos tiveram como alvo uma grande variedade de públicos, cuja composição está apresentada na Figura 5.5.

A maioria dos projetos é dirigida às comunidades da favela, às crianças e jovens, e à sociedade como um todo, reforçando a travessia das fronteiras urbanas. Há também a travessia dos limites da cidade e o trabalho de mediação, como em projetos voltados para a construção de relações com a polícia e para o apoio a ex-detentos que desejam abandonar a ligação com as atividades criminosas.

Figura 5.5 Público-alvo dos projetos

Nota. Características dos projetos classificadas de acordo com registros e documentos arquivados. Múltipla codificação possível. Fonte: documentos sobre projetos. N = 130.

Alguns dos projetos da CUFA são diretamente direcionados às mulheres, enquanto o AfroReggae busca públicos internacionais e as escolas.

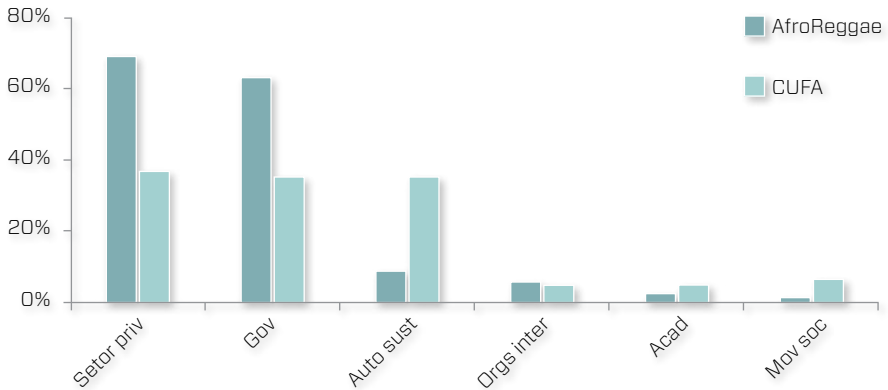
"O AfroReggae cuida; é aquela metáfora que existe sobre jogar água longe, mas a grama que está em volta morre. E aí, a grama vai morrendo, a raiz vai perdendo força, até que as outras que recebem água lá na frente vão morrer também, porque a base ali do entorno não está sendo regada, porque a água não pinga embaixo. O AfroReggae se preocupa com quem está perto pra depois atingir o mundo".

(AfroReggae, ativista)

“Diferente de outras instituições, aqui [na CUFA] *tem uma igualdade que falta no Rio. Aqui, eu posso entrar e encontrar pessoas totalmente diferentes. Por exemplo, no* break *mesmo, tem um garoto que mora na Barra, tem outro que mora em Vila Isabel, ele vem de lá para fazer aula aqui. Aqui é um lugar onde eu sei que vou encontrar essa igualdade”.*
(Cidade de Deus, mulher jovem, 17 anos)

“... A gente tem uma linha de ação, uma estratégia, mas não tem mais um público-alvo. Tinha um público-alvo, hoje não tem mais. Porque, ao mesmo tempo em que a gente está nas favelas, na ação social, nos presídios... a gente está fazendo um trabalho com a Fiesp, em São Paulo. A gente tem um programa de rádio na Eldorado, que é uma das rádios mais elitistas do Brasil. Então, hoje... a gente tem um programa de televisão no canal a cabo, que até pouco tempo atrás era canal de elite. Essa coisa de gueto só falar com gueto é uma visão do passado. Então, a gente tem um programa chamado ‘Da Favela para o Mundo’. E é isso: da favela para o mundo”.
(AfroReggae, líder)

A análise de parceiros e patrocinadores mostra que o AfroReggae e a CUFA trabalham dentro das suas comunidades de origem, embora a sua visão seja muito mais ampla: essas organizações estão interessadas em estabelecer um canal de comunicação com a cidade, com o país e com o mundo. Desenvolvem projetos em parceria com uma grande variedade de atores, dentre os quais encontram-se o Estado brasileiro, o setor privado, movimentos sociais, a mídia, a academia e organizações internacionais. As parcerias que formam e os patrocinadores que conseguem atrair mostram uma ênfase no Estado e no setor privado. A Figura 5.6 mostra os diferentes setores envolvidos no trabalho com o AfroReggae e com a CUFA.

Figura 5.6 Patrocinadores e parceiros do AfroReggae e da CUFA

Nota. Características dos projetos classificadas de acordo com registros e documentos arquivados. Múltipla codificação possível. Fonte: documentos sobre projetos. N = 130.

O setor privado apoia o trabalho dessas entidades patrocinando os seus projetos, e algumas empresas já estenderam os seus serviços às áreas da favela onde tradicionalmente não atuariam. O Estado é um parceiro fundamental, e as empresas públicas, como a Petrobras e o Banco do Brasil, fornecem patrocínio essencial para os projetos. Enquanto o AfroReggae mostra um maior número de parcerias com a indústria e com o setor de finanças, ambas as organizações mostram ligações com a mídia – fortes ligações com a Rede Globo e com várias estações de rádio. Os parceiros da CUFA incluem também movimentos sociais e ONGs. Os parceiros acadêmicos estão presentes, embora em uma proporção muito menor. Digno de nota é o fato de que ambas as organizações estão envolvidas com parceiros internacionais, o que indica uma via aberta para explorar a eficácia do seu trabalho em outros contextos.

Esses achados corroboram o que foi observado por Ramos (2007) e mencionado em partes anteriores deste livro, capítulo 2, acima, e seção 5.3, abaixo. Essas organizações inovam na sua capacidade de se relacionar sem medo com o Estado, com a mídia e com os mercados. Elas utilizam as ideias de mistura e de combinação das diferenças de forma produtiva, reunindo atores, atividades e instituições que raramente trabalhariam conjuntamente em outras situações. Ambas as organizações utilizam o conceito brasileiro da mistura, subvertendo a

sua negatividade subliminar e colocando em primeiro plano o seu lado positivo, explorando, efetivamente, o fato de que a segregação no Brasil está relacionada com fascínio e com o desejo de atravessar fronteiras (Vianna, 2001). Isso, como foi visto no capítulo 3, também regula as relações entre a favela e a cidade em geral. Aqui, encontra-se outro indicador importante do motivo pelo qual essas experiências funcionam: elas instigam elementos profundamente arraigados no contexto cultural brasileiro e na cidade do Rio de Janeiro. Esse é um aspecto que surgiu como uma categoria muito importante em entrevistas com observadores externos, conforme será discutido mais detalhadamente a seguir.

A Tabela 5.1 apresenta um resumo das ações desenvolvidas pelo AfroReggae e pela CUFA, bem como seus resultados imediatos e de longo prazo.

Tabela 5.1 AfroReggae e CUFA: atividades e resultados

Atividade	Resultado no curto prazo	Resultado no longo prazo
1. Oficinas 2. Empregabilidade 3. Orquestra sinfônica 4. Bandas	1. Competências e capacitação 2. Estruturação do cotidiano 3. Reflexão e conscientização 4. Educação 5. Vida social 6. Desenvolvimento cognitivo e psicossocial 7. Incentivos materiais (bolsas, lanches)	1. Atenção à subjetividade individual 2. Travessias e expansão de redes 3. Imaginação
1. Praças 2. Viaduto 3. Centro Cultural Waly Salomão	1. Regeneração de espaço público 2. Melhoria do espaço da comunidade 3. Identidade social 4. Melhoria da relação com o lugar	1. Travessias e expansão de redes 2. Imaginação
1. Bloco AfroReggae 2. Prêmio Orilaxé 3. Prêmio Hútuz 4. Conexões Urbanas 5. Reis da Rua 6. LIIBRA 7. Prêmio Anú de Ouro	1. Visibilidade para a cultura da favela 2. Comunicação com o asfalto; diálogo e mediação 3. Relaxamento de fronteiras urbanas	1. Travessias e expansão de redes 2. Imaginação

Fonte: Pesquisa Sociabilidades Subterrâneas.

5.3. Como as organizações são percebidas. Parceiros e observadores externos

Os observadores externos e parceiros do AfroReggae e da CUFA revelam uma avaliação geral positiva desses grupos, pontuada por uma visão consensual de que eles representam um novo tipo de ator social na esfera pública brasileira, sendo essenciais para redefinir as fronteiras urbanas no Rio de Janeiro. A análise dessas entrevistas mostra cinco dimensões principais que surgem na percepção geral dos observadores externos e parceiros: o *contexto,* a *cultura*, os *atores*, o *método* e os *desafios futuros*.

Uma nova esfera pública

As transformações na esfera pública brasileira, ocorridas no fim dos anos 1990, são vistas como um contexto crucial para se entender o significado do AfroReggae e da CUFA. Aqui, destacam-se três fatores:

- o surgimento de novos atores sociais – jovens, negros e moradores da favela;
- a afirmação e o desenvolvimento da sociedade civil;
- questões de identidade racial.

A entrada de moradores de favela, negros e jovens, é vista como uma importante novidade no cenário da mobilização da sociedade civil no Brasil.

"... Eu acho que o surgimento do jovem de favela, o jovem de periferia, como uma nova figura política, foi o que aconteceu de mais importante no Brasil".

(Acadêmico, parceiro)

"... As lideranças do morro dessas comunidades se deram conta de que elas podiam se organizar, falar suas histórias e construir suas próprias ONGs, a sua própria base de força e atuação".

(UNESCO, parceira)

Assim como sua entrada na esfera pública, os observadores apontam para a forma como esses grupos contribuem para o desenvolvimento da sociedade civil e dos movimentos sociais no Brasil. Eles desafiam os movimentos associativos tradicionais e as ONGs, combinando questões de cidadania e de justiça social com a produção cultural e iniciativas artísticas que objetivam a profissionalização e a competição em todos os níveis de produção de mídia. Utilizam as linguagens provenientes do teatro, da música, do cinema e da dança para expressar as ideias e a visão da juventude da favela, tentando refutar as representações dominantes que estereotipam as favelas como lugares de criminalidade e de fracasso. Esses grupos são auto-organizados e se iniciam localmente, crescendo em relação direta com as suas comunidades de origem e com uma grande variedade de parceiros. São vistos como importantes inovadores, tanto de produções culturais quanto de ações políticas, alterando a posição dos atores da periferia na esfera pública e introduzindo um movimento social que também é cultural e político.

"Eu acho que a CUFA e o AfroReggae são isso na democratização brasileira: eles são a nova onda de produção cultural, e eles são uma liderança superforte em pautar a ***si mesmos*** *como atores políticos. Não tem como, hoje, o Ministério da Ação Social criar um programa de ação sem ouvir o AfroReggae e a CUFA. Não sei se eles diminuíram o tráfico, mas eles se construíram como atores políticos. Isso é o que eu acho que mudou".*

(Fundação Ford, parceira e patrocinadora)

> *"É um pouco do que o Rubem César discute nos seus primeiros textos sobre ONGs sem fins lucrativos no Brasil. É a ideia de que eles são assessores, de que* ***nós*** *fazemos por* ***eles****. As ONGs dos índios, nós somos quase que tradutores,* ***nós*** *fazemos por* ***eles****... Quando surgem esses meninos, eles falam assim: 'Alto lá, peraí! Deixa que eu falo! Vocês já falaram muito. Se o assunto é a gente, deixa que a gente fala, tá?'"*
> (Acadêmico, parceiro)

A identidade desses novos atores e a sua nova forma de fazer política são vistas como fortes influências no desenvolvimento de um novo contexto para a sociedade civil e para os movimentos sociais brasileiros. Eles são vistos rejeitando e/ou renovando os discursos tradicionais das ONGs e dos movimentos sociais, por quatro razões: em primeiro lugar, o AfroReggae e a CUFA não demonstram a tradicional relutância em trabalhar com o setor privado, com o setor público e com a mídia; pelo contrário, eles envolvem todos em parcerias. O envolvimento com a mídia e com os mercados é um fato particularmente inovador e muito debatido como uma opção perigosa para os movimentos sociais tradicionais. Outros veem esse envolvimento como estratégico (Yúdice, 2001).

Em segundo lugar, eles não exibem a visão tradicional de que apenas o coletivo importa; ao contrário, eles falam em primeira pessoa, conferem grande importância às trajetórias pessoais e acreditam que os protagonistas devem ser considerados como indivíduos. Essa avaliação está em conformidade com as conclusões relatadas anteriormente: as trajetórias de vida realmente são utilizadas como ferramentas para o desenvolvimento pessoal e da comunidade. Em terceiro lugar, os dois grupos colocam uma forte ênfase no lugar e transmitem permanentemente uma narrativa de orgulho e de defesa dos seus territórios de origem, refutando as representações dominantes negativas sobre as favelas. Constantemente, eles reivindicam o território, gritando com orgulho "eu sou favela", ao apresentar-se nacional e internacionalmente. Em quarto lugar, eles trazem o tema *raça* para o debate, colocando a identidade negra no centro. Os dados mostram que a cor da pele é uma questão constante na vida

cotidiana e, na verdade, descobriu-se que com frequência os moradores da favela passam por situações de racismo em suas vidas. O AfroReggae e a CUFA são muito explícitos quanto à sua herança negra, e colocam a cultura e a identidade negras em primeiro plano em tudo o que fazem, buscando combater diretamente o racismo, muitas vezes não reconhecido pela sociedade brasileira. E tudo isso é realizado por meio da linguagem das cores, do esporte, da arte e da alegria, que desestabiliza as associações entre a pobreza, a exclusão, a tristeza e o sofrimento. É uma linguagem que convida e atrai, ao mesmo tempo em que ressoa profundamente, porque é a linguagem de uma cultura que já existe na favela.

"O AfroReggae tem um componente que eu acho uma coisa linda, que é trabalhar sempre com alegria... Vocês já devem ter notado, todos os movimentos, o trabalho, as dinâmicas, tudo é uma explosão de cor, de luz, de beleza, de ritmo, de energia, é muito contagiante. E isso a gente percebeu logo de cara, porque no trabalho com eles, tudo o que eles faziam tinha essa beleza, que, claro, vem da coisa afro, da coisa reggae*, da diversidade, da nossa diversidade criadora, da ancestralidade africana, que se misturou quando chegou aqui no Brasil, mas que está presente em toda a história e nas raízes do que o AfroReggae traz".*

(UNESCO, parceira)

Como ONGs e movimentos sociais, o AfroReggae e a CUFA propõem a cultura, a música, a dança e o estilo da favela como atos de cidadania. Assim é como eles realizam a sua intervenção na esfera pública, e é como tornam visível uma sociabilidade positiva, que tende a ser deslocada para o subterrâneo por representações negativas, estereótipos e movimentos sociais que não comunicam ou não representam a juventude da favela.

> *"Outra coisa também é essa coisa de você valorizar a música, a cultura, a festa, como sendo alguma coisa fundamental, inclusive para movimentos sociais, para transmitir valores etc. É uma coisa que não é muito da cultura da esquerda, que é muito racional, muito burocrática. Tudo muito funcional. Aqui teve essa aproximação entre a festa e o trabalho. Isso também é outra coisa que rende frutos. Você vai e dá um clique. As pessoas gostam".*
> (ONG, parceira)

Nesse sentido, esses grupos são inovadores da ação política e transformadores da sociedade civil, ao aproveitar os profundos recursos da cultura e da identidade brasileiras para rejeitar e renovar os discursos tradicionais das ONGs e dos movimentos sociais.

A cultura da cidade e do país

A cultura brasileira e, em particular, a carioca, são consideradas características importantes que possibilitam a atuação do AfroReggae e da CUFA. Os observadores apontam três fatores:

- a cultura do Rio aceita o que é marginal e faz disso um símbolo importante da sua identidade;
- admite a diferença, o conflito e a tensão, como forças produtivas para a criação do novo (exemplos: Antropofagia e Tropicália);
- festa, alegria e arte – elementos centrais para a cultura brasileira e sua herança negra.

O AfroReggae e a CUFA são vistos como organizações típicas do Rio, apesar do seu alcance nacional e internacional. Compartilham e expressam a cultura do carioca, a forma como ela abraça as margens e as experiências alternativas, trazendo o marginal de volta para o centro da sua identidade (Lima, 1996; Velho, 1994). As relações entre o morro e

o asfalto sempre foram emblemáticas dessa dinâmica, e são exploradas por cientistas sociais brasileiros não apenas em relação ao Rio, mas também ao Brasil como um todo (Vianna, 2001). Aproveitando essas práticas culturais, a diferença, o conflito e a tensão são tratados como fontes de transformação. A sua inspiração provém explicitamente dos movimentos culturais brasileiros (Ramos, 2007), que subvertem a lógica da colonização e da exclusão, defendendo a mistura e a combinação das diferenças extremas.

"Tem uma proximidade com a favela que tem a ver com a cultura do Rio. [...] O Carnaval é artistas, grande público e favela. Apesar do abismo, da desigualdade e do preconceito, em paradoxo, há uma comunicação intensa, uma facilidade de se comunicar, um prazer de se comunicar, né... O pessoal chamava isso de populismo*. Mas aí acabou o populismo, e isso continua. Isso, poxa, faz uma diferença incrível por aí afora, porque em muitos lugares, sobretudo no mundo anglo-saxão, tem aquela coisa analítica, né? Ou eu sou uma coisa, ou eu sou outra. Essa brincadeira de ser duas coisas ao mesmo tempo, de entrar e sair,* [de] *fingir, isso aí não existe.* [...] *A cultura do Rio de Janeiro é uma cultura feita desse tipo de processo. O samba vem justamente daí. Um tipo de manifestação que era vista como marginal e que se tornou o símbolo da cidade, da cultura da cidade. E até mesmo da cultura brasileira. A feijoada também é assim, a mesma coisa...".*

(ONG, parceira)

"É uma cultura plural pra caramba... a inspiração deles é muito Tropicália, tem uma identidade com a cultura brasileira enorme...".

(ONU, parceira)

Uma cultura de celebração e de expressão artística, associada à festa e ao entretenimento, é outro elemento que caracteriza o AfroReggae e a CUFA com origem na cultura brasileira, em especial em sua herança negra. Apesar da severidade e do sofrimento das experiências da favela, esses grupos apresentam esse ambiente por meio da cor, da música e da dança, rompendo com o que é visto como um estilo "nervoso", "irritado", "aflito" de se propor uma agenda de mudança social. Eles extraem lições da experiência da escravidão e da sobrevivência na adversidade e usam, em particular, a música e a expressão corporal como formas de resistência, algo que é claramente reconhecido pelos observadores. Assim, ao falarem sobre a reação à invasão da polícia, em 1993, que matou 21 pessoas inocentes na favela de Vigário Geral, observadores e parceiros notam que a música e a dança foram a resposta à desgraça e à dor do acontecimento. Marcado na memória da comunidade como uma dor e como o fato que deu origem ao AfroReggae, o episódio produziu um desejo de fechar a ferida e responder com o oposto da dor e da destruição:

"O AfroReggae, talvez porque a origem tenha sido aquele momento delicado da chacina e o sentimento brutal da invasão que teve na comunidade, foi se impondo pela beleza, pela ancestralidade, pela música, talvez porque a origem tenha sido esse momento, essa dificuldade, eles vieram com essa explosão de cor, energia, beleza, resgatando pra ir cicatrizando, curando. Vem com essa coisa forte, bonita, cheia de luz, de energia, a percussão, os tambores, depois o Afro Lata... E a CUFA vem na mediação da relação com o mundo do asfalto, na mediação com a favela e o outro, na mediação da relação, dizendo: 'aqui é a voz da favela, nós vamos nos impor, nós vamos expressar, nós vamos falar, a nossa história nós contamos, ninguém vai falar por nós'".

(UNESCO, parceira)

Utilizando e expressando os recursos culturais que repercutem em toda uma vasta gama de parceiros e na diversidade da paisagem da cidade e do país, as ações do AfroReggae e da CUFA provocam solidariedade cognitiva e emocional, dentro e fora das favelas. Irradiam códigos culturais por toda a cidade e para além dela, enquanto, ao mesmo tempo, impulsionam uma agenda de cidadania, de justiça social e de igualdade urbana.

Os atores

Os observadores consideram as características dos atores e dos líderes, do AfroReggae e da CUFA, fundamentais para aquilo que os torna únicos, eficazes e inovadores. Os aspectos destacados são:

- a ligação com o território e a sua experiência, que tem como ponto de partida as pessoas da própria comunidade;
- a experiência da liderança, que passou pela pobreza, pelo fracasso e pela exclusão;
- a resiliência e a competência da sua identidade – a "marra" e o senso de humor dos contadores de histórias.

A relação direta entre as pessoas que criaram e administram o AfroReggae e a CUFA com os territórios da favela e com a cidade do Rio é de extrema importância: são pessoas que pertencem a essas comunidades e vivenciam elas próprias esse contexto. Seus líderes conhecem a pobreza, o fracasso e a exclusão, aspectos amplamente reconhecidos como indicadores da autenticidade desses grupos e que representam a verdadeira ligação que eles mantêm com os moradores da favela. Isso foi constatado em suas histórias de vida, como foi visto nas páginas anteriores, e corroborado pelo reconhecimento, por parte dos formadores de opinião e daqueles que definem as agendas, como o diferencial do AfroReggae e da CUFA, o que os torna únicos e inovadores.

"... Organizações comunitárias, esse é um importante traço de ambas as organizações. Elas têm uma base comunitária forte, ou seja, surgiram de pessoas que viviam na comunidade, extremamente ligadas ao seu local de origem. E esse me parece ser um dado fundamental, no contexto do Rio de Janeiro".

(ONU, parceira)

"... São lideranças que falam por si. São lideranças que vêm desses territórios, com capacidade de falar por si mesmas, de pensar por si mesmas, de ajudar a organizar a riqueza que tem ali...".

(UNESCO, parceira)

"Por que existem milhões de projetos no Brasil, trabalhando com juventude, milhares, e por que esses são diferentes? Em que ponto do tecido social eles tocam e vibra? Essa é a imagem que eu tenho deles; a liderança deles busca ultrapassar uma fronteira, ultrapassar um limite, romper com a segregação. Eles não fazem um trabalho que fica lá, mas que é pra sair. E com uma liderança de lá, a diferença é que não é uma liderança de alguém da classe média que foi fazer um trabalho em Vigário Geral ou na Cidade de Deus. Então, eles são lideranças jovens, negras, que não têm o segundo grau completo e que representam o local, eles são o lugar".

(Fundação Ford, parceira e patrocinadora)

Outros aspectos que são levantados com unanimidade são a *resiliência* e a *competência* das identidades envolvidas nessas organizações, o fato de terem sobrevivido a um ambiente cruel e difícil e se transformado em modelos positivos, não somente para a juventude da favela, mas também para a cidade, por serem, ao mesmo tempo, divertidas e determinadas. As representações dos observadores externos confirmam os resultados das histórias de vida discutidas anteriormente neste capítulo. Os observadores apontam para a sua capacidade de manter o senso de humor e a alegria, em meio à adversidade. É essa capacidade, destacada anteriormente, que faz dessas entidades personagens universais, semelhantes àqueles de Samuel Beckett, para quem a desgraça e a falência humana podem ser uma rica fonte de humor.

> *"É um privilégio estar com eles, a matéria-prima deles é... maravilhosa. E são pessoas agradabilíssimas, a gente senta aqui para ter uma conversa. Eles misturam causas que são sempre bem-intencionadas, para o bem geral, com paixão. Eles são apaixonados, entendeu? A história de vida de um e de outro, poxa. Você conhece a história de vida do Celso? Poxa, ele foi menino de rua, morou em abrigo. Aí, você senta, tem uma conversa com ele [...] ele foi puxado para tudo que é caminho, conviveu com o pessoal do Comando Vermelho, e você lê o livro dele, ele é o exemplo de uma pessoa que superou todas as dificuldades e botou a energia que ele tinha, canalizou os traumas que ele teve. Ao invés de ir para o mal, ele foi para o bem. O Júnior também, eu acho muito interessante essa coisa de a gente brincar, o que eu acho muito bom, ele são bem-humorados".*
>
> (Rede Globo, parceira)

"... Eu acho que várias dessas pessoas que eram do núcleo inicial do AfroReggae, que era o Júnior, o Altair, o Anderson, eles são genuinamente bondosos. Eles têm uma compaixão pelos outros que é genuína, não é uma coisa política. Eles têm uma base sobre a qual se constrói o seu discurso político. O Júnior, ele se dedica, ele puxa, ele dá espaço...".
(Fundação Ford, parceira e patrocinadora)

Essa competência, que se expressa permanentemente em uma capacidade impressionante para a arte de contar histórias, de forma animada e intensa, também é vista como "marra", um traço peculiar de personalidade, considerado como característica típica do carioca. A "marra" significa uma combinação de ser arrojado, combativo e um pouco agressivo; de não se impressionar muito com os poderosos, de um sentimento de não dar muita atenção a posições sociais e de "não saber o seu lugar". De acordo com os observadores, trata-se de uma qualidade que todos eles têm, uma maneira de subverter a posição convencional do subalterno.

"E outra coisa: eles são marrentos demais! Não sei se você conhece o termo marrento*. Marrento é o cara que tem marra, que bota banca [...] Chega lá no presidente, botando a maior banca. Claro que estão felizes da vida, falando com o presidente, mas ao mesmo tempo botam uma banca para o presidente. O Celso é a marra em pessoa, entendeu? Júnior também é muito marrento [...] Eles vão ganhando nome, vão crescendo, vão ficando marrentos. Tem uma coisa interessante, assim, uma coisa de forçar, que tem a ver com a trajetória popular, de forçar o seu espaço. Você não ganha, você conquista. E eles conquistaram o espaço".*
(ONG, parceira)

"E eles trazem o trabalho deles para o centro. Eles não têm medo de ir lá e negociar com o ministro. Eles não têm medo, não se sentem intimidados. Eles construíram, nesse processo, uma autoconfiança que eu acho que é perturbadora, pois fazem as pessoas pensarem: 'Então esse sujeito é cidadão, esse negro, esse favelado?' Sim, ele se sente um cidadão, então ele é um cidadão...".

(Fundação Ford, parceira e patrocinadora)

O método

Três aspectos do método de trabalho dessas organizações são vistos como essenciais, pelo que são e pelo que fazem:

- a comunicação, as travessias e as mediações;
- a diversidade de parcerias;
- a atenção ao indivíduo.

Observadores externos e parceiros reconhecem o que os moradores da favela percebem, assim como o que a análise dos projetos mostrou: a construção de pontes entre diferentes pessoas, atores sociais, geografias e culturas, encontra-se no cerne do que fazem o AfroReggae e a CUFA. Esse processo de possibilitar travessias e construir formas de comunicação está identificado nos seus projetos, nas suas ações e na sua missão. A chave para essa metodologia é o objetivo de "tornar visível o invisível": esses grupos convidam a cidade para ir à favela e, ao mesmo tempo, levam para a cidade uma visão diferente sobre a vida da favela.

"... O que é inquestionável é o fenômeno de duas organizações de comunidades, de favelas, de periferia, que mudam a relação com a 'cidade partida', constroem a tal ponte, provocam, não abaixam a cabeça pra ninguém, nos questionam".

(Setor privado, parceiro e patrocinador)

> *"O resultado é uma visibilidade positiva, porque essa é uma primeira coisa: essas são áreas que têm sempre uma visibilidade negativa. Esse é um grande diferencial. Porque tem profundidade, ninguém está pra brincadeira. É muito fácil você juntar 15 moleques e botar pra tocar uma música [...] vai pra casa, dorme feliz e acabou. Acho que tem uma profundidade para além disso. Eles sabem cumprir. Tem a coisa do* show*, de você ir lá, fazer e aparecer, você mantém a pessoa comprometida com aquilo. Você ganha visibilidade, você ganha espaço, mas você não é a vítima, você não é o coitado, você é a pessoa que está propondo aquela festa. Eu é que sou a convidada para aquela festa. Então, se o Júnior faz um prêmio, eu sou a convidada. Aquele é o espaço dele".*
> (ONU, parceira)

> *"... Se você fizer uma busca rápida no Google, na 'Folha de S. Paulo', no 'Estadão' e botar* AfroReggae *e* CUFA*, só vem coisa bacana e coisa boa, por quê? Porque eles percebem que essas duas instituições cariocas mudam o país, pelo seu exemplo, pela sua interlocução com todas as áreas e segmentos da sociedade".*
> (Setor privado, parceiro e patrocinador)

A diversidade de parcerias é um indicador fundamental dessas organizações, mencionada de forma unânime pelos observadores externos. Elas envolvem todos os setores da sociedade e são intransigentes quanto à importância de trabalhar com: governo, setor privado, artistas, academia, organizações internacionais e outros movimentos sociais. O seu alvo são populações muito diversas e, ainda que sua principal preocupação seja os moradores da favela, buscam atingir a sociedade como um todo por meio de suas várias parcerias.

"... O [MV] *Bill, a CUFA, o AfroReggae e outros são fundamentais para que essa ação de segurança se consagre, numa unidade, numa ação comum, numa superação da dicotomia entre um e outro. A polícia sim, o Estado sim, mas é a comunidade e as ações sociais que podem interagir com aquela comunidade. Então, eles são decisivos no processo".*

(Ministério da Justiça, parceiro)

"... Eu acho que tanto a CUFA quanto o Afro Reggae, vamos dizer assim, botam o dedo na ferida e buscam parcerias ousadas".

(Rede Globo, parceira)

"O Júnior só falou o seguinte: 'Eu estou sentindo...'. Olha como ele é intuitivo. Ele falou: 'Esse instrumento que a gente usa pra tirar menino do tráfico, serve pro garoto do tráfico... oficina de percussão, dança, teatro, você tira o cara, mostra que tem protagonismo. Se a gente conseguiu salvar até bandido, quem sabe a gente consegue salvar uns policiais?'. Foi a lógica dele. Era um negócio de invasão cultural nos batalhões".

(Acadêmico, parceiro)

Os observadores notam que, ao possibilitar travessias de mão dupla, as organizações possibilitam que sejam ouvidas demandas e realidades que foram literal e fisicamente obstruídas por barreiras urbanas. Eles devolvem ao Brasil suas favelas, escondidas pela divisão entre morro e asfalto.

"... A gente andava nas comunidades, e eles franqueavam a nossa entrada de uma maneira que até então ninguém tinha nos franqueado, porque isso é outra coisa: durante muitos anos, essas favelas eram territórios inacessíveis. A gente podia entrar só até um pedaço, e depois ninguém colocava o pé lá dentro".

(UNESCO, parceira)

"Eles são os intérpretes [...] Você está interessado no mundo da violência? O que pensa um garoto de favela? Se você quiser entender o que pensa um garoto de favela, você vai ser obrigado a ouvir as músicas dos Racionais MCs. Se o presidente quiser entender, tem que ouvir. Se o governador quiser entender, tem que ouvir. O prefeito... ele tem que ouvir. Ouça. Tem que ouvir as músicas deles, o que eles falam, do que eles reclamam e tal. No mundo da violência, então, eles se tornaram mais do que interlocutores, eles se tornaram mediadores. Eu, como pesquisadora, se eu quiser pesquisar numa favela, eu preciso deles, porque eu não vou na favela. Se a Rede Globo quiser, precisa deles. O prefeito, se quiser fazer política de cultura, vai... Agora, eles estão fazendo a [campanha contra a] *dengue. Pense bem, o que significa isso? Sabe por quê? Porque a política de dengue não chegava. Eles viraram mediadores políticos da sociedade brasileira".*

(Acadêmico, parceiro)

"Eu subi no palco do Municipal pra receber o prêmio, e eu nunca tinha subido no palco do Municipal, que é um lugar central na cultura carioca, e logo o AfroReggae, que vem da periferia, me leva para lá. Eu, que de certa forma pertenço àquele mundo do Teatro Municipal, fui levado ao palco por eles".

(Produtor cultural e acadêmico, parceiro)

O AfroReggae e a CUFA sabem utilizar a mídia e recorrem à televisão, à internet, às mídias sociais, aos jornais e ao rádio para se comunicar. Os observadores entrevistados se declararam impressionados com a forma como esses grupos se envolveram com a televisão e construíram uma relação forte com os meios de comunicação de massa, particularmente com a Rede Globo, a empresa de mídia mais influente do Brasil. Um exemplo disso foi a transmissão em horário nobre, no "Fantástico", um dos programas de grande audiência da Rede Globo, do documentário sobre as crianças no tráfico de drogas, tal como descrito no livro escrito por Celso Athayde e MV Bill, da CUFA.

"A Globo adotou tanto o AfroReggae quanto o MV Bill. A Globo dedicou um 'Fantástico' inteiro ao Falcão. E é uma coisa que a Globo não faz pra nada, pra ninguém. Não faz pro papa, não faz pro presidente da República, não faz pra ninguém. Um 'Fantástico' inteiro pra uma história, um personagem, isso não existe...".

(ONG, parceira)

"A CUFA passou um documentário de 50 minutos que parou o Brasil. [...] Tiveram coragem de exigir isso da Globo, e a Globo aceitou [...] E aí, no dia seguinte, o presidente Lula disse: nós queremos falar com esses caras".

(Instituto de pesquisa, parceiro)

Por último, mas não menos importante, os observadores reconhecem no método de trabalho o foco nas vidas pessoais, a ênfase na compreensão e na valorização de aspectos relacionados à experiência pessoal e psicológica da exclusão, da recuperação da autoestima e do investimento no desenvolvimento de competências e habilidades, na releitura da própria vida.

"Não sou eu, é o coletivo. Eu? Não, eu não posso aparecer, companheira. Não é a sua vida, somos nós, é a célula e tal. Eles são o oposto disso [...] Eles são trajetórias individuais, inclusive politicamente. Quando você for ver o filme 'Favela rising', é o que? É uma aposta na criação de um mito [...] Se você perguntar pra eles, desde o Mano Brown até o menino da favela, até os caras do AfroReggae e da CUFA, que são grandes instituições, você vai perguntar algo pra eles, eles não vão te responder. Eles vão te contar uma história. Não é: 'Sandra, é porque não sei o que, não sei o que'. É: 'Sandra, quando eu estava na boca de fumo e tal...'. É uma valorização da subjetividade".

(Acadêmico, parceiro)

"... No Rio, hoje, o controle imposto pelo tráfico também faz com que a sua capacidade de circulação, o seu direito à cidade seja absolutamente comprometido. Então, essa possibilidade de você estar em mais de um lugar também é uma coisa muito poderosa. Então, tanto a CUFA quanto o AfroReggae, também do ponto de vista individual, ajudam você [a] *pensar no seu futuro, ter um desejo, ter uma aspiração. Ter essa capacidade de desejar alguma coisa e de aspirar. Eu acho que esses grupos dão isso pras pessoas:*

uma segurança. Aquilo que a infância... quando você tem uma infância cheia de carinho e amor, você acha que é uma pessoa segura no mundo. Acho que isso te dá esse tipo de acolhimento. Você encontra as identidades, você se sente acolhido, [como] *parte de alguma coisa, você pode sair por aí porque você tem uma base... Então, eles cumprem esse papel: 'Eu faço parte disso, eu tô bem no mundo...'".*

(ONU, parceira)

As percepções dos observadores externos confirmam as percepções dos moradores da favela, bem como a análise dos projetos desenvolvidos pelo AfroReggae e pela CUFA. A sinergia entre essas três fontes sugere que as conclusões são consistentes e fornecem uma indicação confiável das características gerais dessas duas organizações.

A visão da polícia

Vê-se uma avaliação positiva unânime do AfroReggae e da CUFA, bem como das parcerias que estão em andamento entre a polícia e essas organizações.

"É uma instituição que nos ajuda muito, eu vejo no AfroReggae o mesmo objetivo que nós temos, eles querem trazer cidadania para as pessoas da comunidade, querem trazer a garantia dos direitos... É um grande parceiro que nos ajuda com as ações de prevenção ao crime, de conscientização, com a ação de retirada de pessoas envolvidas no tráfico, de oferecer educação, oferecer emprego...".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

"[sobre a CUFA] *A gente sabe que eles atuam nessas comunidades, levando serviços, tirando crianças e adolescentes do tráfico. Eu não tenho o dado estatístico* [...]*, de aferição, mas eu sei porque eles participam das várias incursões, das várias oportunidades que nós tivemos de interagir com aquelas comunidades carentes. Nós sabemos o quanto é útil, o quanto foi bom retirar pessoas daquela influência. Então, muita gente aplaude essa iniciativa...".*

(Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

Conforme visto no capítulo 4, a polícia relata a existência de estereótipos e de dificuldades, que a instituição como um todo sentiu ao desenvolver trabalhos e parcerias com organizações da favela. Como foi descrito, o preconceito e as experiências acumuladas de conflito são difíceis de ser eliminadas, e são refletidas nas percepções sobre o AfroReggae e a CUFA.

"Existe sempre aquele preconceito dentro da nossa instituição para com esses grupos, sempre teve... Essa coisa da visão militar. É o seguinte: quem está lá se contamina. Então, aqui, eu sou separado. Essa visão pura e simples da poluição, da separação. Então, muitas vezes, a própria forma de falar, o jeito, os hábitos... isso causa um certo... um certo mal-estar. Mas é preciso entender também que a gente tem isso no DNA. Não adianta você empurrar goela abaixo. Teve uma vez que trouxeram o AfroReggae aqui pro QG, e aí você cria mal-estar. Você não precisa necessariamente fazer isso, não tem que ser imposto".

(Comandante de UPP, quartel-general)

"Claro que, obviamente, havia no início aquele entendimento intrínseco, tácito, de alguns policiais [de que todas as favelas são iguais]*... mas são mentalidades que nós temos que mudar. O trabalho deles é um trabalho que é muito bem-vindo. O AfroReggae já começou essa militância muito antes de haver esse processo de pacificação, com o objetivo principal de retirar aquelas pessoas do caminho do tráfico* [...] *CUFA também é uma instituição que busca uma parceria, eles têm um poder de articulação junto às comunidades carentes, e nós temos a obrigação de conviver com essas questões, com essas pessoas carentes, com essas comunidades que já são fragilizadas ao longo do tempo por questão das várias injustiças, a gente procura entrar na mesma sintonia que eles".*

(Comandante da Polícia Militar, quartel-general)

"A gente ouve que o AfroReggae é ligado ao tráfico ou ligado à criminalidade, mas em momento nenhum eu percebi, até mesmo porque hoje a gente tem parceria com eles, é uma visão preconceituosa porque: 'Ah não, tá lá na favela, falar com traficante, que negócio é esse, negociar com traficante?'. Ou ir lá e dialogar... Eu sempre vi com muito bons olhos esse objetivo do AfroReggae de lutar pelo social, de brigar pelo social, de brigar pelos direitos das pessoas, de lutar pela mobilização social. Incentivar as pessoas e influenciar as pessoas positivamente. Eu sou percussionista, e um percussionista que não conhece o AfroReggae não é percussionista".

(Comandante de UPP, com base na comunidade)

Ao mesmo tempo em que se referem a resquícios de preconceito, também apontam novas práticas de contato e de comunicação que os estão dissipando. Isso pode ser visto nas parcerias entre a polícia e as organizações da favela discutidas nas seções anteriores, que são constantemente mencionadas pelos entrevistados. Embora em números reduzidos, quando comparado aos projetos gerais do AfroReggae e da CUFA, o significado do que eles realizam não deve ser subestimado. Esses projetos e ações conjuntos:

- reúnem ex-detentos e policiais em conversas com crianças e jovens, nas escolas e na comunidade;
- trazem para dentro da polícia oficinas de capacitação conduzidas por músicos e dançarinos do AfroReggae e da CUFA;
- estabelecem diálogos fundamentados na identidade que compartilham e em referências culturais comuns na música, na dança e no esporte;
- combinam seus recursos para detectar pessoas com problemas e possibilitar a empregabilidade.

Esses projetos e conversas superam barreiras e desafiam antigas ideologias e representações de segregação e de conflito.

"Eu falei: 'Vou buscar o Júnior... Júnior, eu quero conversar'. Ele chegou, estava toda tropa dele lá. [risos] *'Pô, a tua tropa...'. Mas é o estilo, as representações são mútuas. É de lá pra cá, e é daqui pra lá. Aí, ele começou a falar, falar. E eu: 'Tudo bem'. Eu expliquei pra ele, e ele se interessou. Estava ele, o Beto... eu conheci o Beto. Aí, a gente acabou desconstruindo ali essas coisas, eu mostrei a minha boa vontade, porque, estrategicamente, nós temos interesses em comum. Logo depois, fizemos o programa de empregabilidade, primeira página do* [jornal] *'Globo' e, agora, somos parceiros".*

(Comandante de UPP, quartel-general)

As parcerias, por si próprias, alavancam novas ações, à medida que se tornam fortes atrativos para outros atores que buscam ações inovadoras e a colaboração com os territórios da favela. Esse é o caso do setor privado, que tem sido atraído por esses avanços, oferecendo empregos e patrocinando atividades.

> *"... Outras indústrias estão proliferando, estão enxergando a favela não como problema, mas como um mercado potencial. Não é porque são bonzinhos, também não. Eles estão indo lá porque estão vendo que tem um mercado promissor. Agora, tem que dar alguma coisa em troca, qualificação, ensino de qualidade. Porque se não, você não vai ter consumidor, vai ter subcidadão. Tem muitos interessados: Sky, Itaú, Unibanco, Santander. A Natura me ligou, e esteve ontem aqui...".*
> (Comandante de UPP, quartel-general)

Nas entrevistas, o processo de desenvolvimento de parcerias e de comunicação é narrado por meio de uma série de histórias paradigmáticas, que contêm elementos de conflito e de diálogo. Elas abordam desde experiências que envolvem velhas representações e rituais de confronto, até chegarem ao momento em que se resolveu utilizar o diálogo e o reconhecimento mútuo como ferramentas para fazer o processo avançar. A boa vontade para sentar e conversar, que envolve tanto as pessoas em cargos de comando como aquelas no extremo oposto das comunidades da favela, é descrita como um elemento imprescindível para permitir o desenvolvimento de processos de levar em consideração a perspectiva do outro e de reconhecimento mútuo, levando a resoluções positivas e à inversão da escalada de conflitos.

Encontram-se episódios e histórias específicas, contados por diferentes pessoas em diferentes lados da conversa. Três histórias recorrentes são: i) a apresentação do grupo AfroReggae na sede da polícia; ii) o desenvolvimento do trabalho com a CUFA; e iii) como as parcerias lidam com áreas de conflito e desentendimentos que envolvem

moradores da favela e policiais que trabalham com elas. Essas histórias passam a circular, reforçando as representações e as práticas que elas carregam, ao mesmo tempo em que funcionam como fontes de inspiração para ações futuras: elas permitem superar conflitos e elaborar respostas, ao mesmo tempo em que apresentam uma forte convergência sobre a importância dos processos de diálogo e de tomar a perspectiva do outro, como ferramentas para promover mudanças.

"A gente percebeu aqui que, depois de um problema, a gente se aproximou mais. Eu tenho um contato muito bom com a [...], que é a coordenadora aqui e, depois disso, os policiais passaram a frequentar mais o AfroReggae. As coisas estão melhorando".
(Comandante de UPP, com base na comunidade)

"Trabalhamos juntos, inclusive no programa de empregabilidade. Algumas pessoas nos procuram, e a gente encaminha para o ..., que é responsável por isso, ele faz lá a seleção e emprega muita gente. O camarada realmente se tocou: 'É, não dá mais para ficar no tráfico, tá ruim, vou ser preso'. E aí, vem aqui: 'Pô, capitão, vou abrir meu coração, quero trabalhar, eu quero mudar de vida'. E aí, a gente encaminha para o programa".
(Comandante de UPP, com base na comunidade)

5.4. Desafios e riscos

Ainda que a maioria dos moradores entrevistados tenha expressado uma visão positiva, e os observadores externos tenham sido unânimes em sua avaliação também positiva dessas organizações, a pesquisa encontrou um conjunto de desafios e riscos que permeiam essas organizações.

Sustentabilidade e desenvolvimento de capacidades

O desenvolvimento de capacidades e a sustentabilidade são temas recorrentes para os principais atores, bem como para observadores e parceiros do AfroReggae e da CUFA. Estas últimas identificam em suas próprias instituições limites de procedimento para a implementação do discurso que pregam. Como essas organizações podem ser sustentáveis ao longo do tempo e como podem criar procedimentos para sobreviver ao imediatismo do presente? O verdadeiro dilema em jogo faz parte de um debate muito mais amplo, sobre as relações entre o mundo formal e institucional das agências de assistência e desenvolvimento – nacionais e internacionais – e a informalidade e o estilo operacional das organizações populares não governamentais (ver Cornish et al., 2012). Como os entrevistados de instituições internacionais eram todos cidadãos brasileiros, eles tiveram condições de comentar sobre como esse dilema adquire maiores proporções nas relações entre a sede das organizações e seus escritórios locais, uma vez que os dois têm óticas muito diferentes para ver o mesmo contexto.

"Um caminho para a sustentabilidade é importante para eles, porque eles poderiam também formar pessoas. Isso é algo que eu vejo de uma forma histórica, preservar e garantir essas conquistas para não haver um retrocesso nisso. Mas também tem que ter uma visão crítica. Hoje, eles têm que olhar para si mesmos e ver se, muitas vezes, eles não passam do ponto, se eles não estão demais na mídia, enfim".

(Setor privado, parceiro e patrocinador)

"Esses grupos são, em princípio, como diria Sílvia Ramos, objetos indomáveis*. E por quê? Porque eles não nasceram como os outros, eles vêm da base, eles vêm da favela, eles precisam aprender a se organizar. Eles têm um desafio, que é aprender a se organizar; eles precisam da ajuda de insti-*

> *tuições como a UNESCO, que tem, no seu discurso, no jargão profissional, o* capacity building and empowerment [desenvolvimento de capacidades e empoderamento]*, só que, antes de aprisioná-los dentro das nossas regras, eles precisam de tempo".*
> (UNESCO, parceira)

As lições tiradas das observações dos parceiros e dos patrocinadores são:

- as interações sustentadas com organizações populares de base devem impulsionar a reforma e a adaptação dentro das próprias agências formais;

- é mais fácil, para o setor privado, adaptar-se e ajustar-se ao trabalho com organizações não convencionais, pois seus procedimentos mostram maior flexibilidade para acomodar capacidades e habilidades desiguais.

Ao mesmo tempo, por causa do pouco tempo de existência, da flexibilidade e, até certo ponto, da fragilidade do seu sistema institucional, o Brasil oferece um terreno onde existe maior capacidade de diálogo com os novos movimentos de base da sociedade civil. Isso, contudo, leva a outro desafio, que é o perigo da *cooptação*.

Cooptação *versus* colaboração

Relações diretas com o Estado e com os mercados podem representar um risco. O engajamento com parceiros incomuns, sem os escrúpulos tradicionais dos movimentos sociais, torna essas organizações alvos de críticas, tais como vender-se por dinheiro, comprometer-se e evitar uma posição crítica, que deveria ser a marca registrada de todos os movimentos sociais. Esse perigo, entretanto, é subestimado, quando colocado ao lado dos novos potenciais identificados nas parcerias e nas colaborações desenvolvidas. A maioria vê essas potencialidades concretizadas de forma positiva, tanto para o desenvolvimento do AfroReggae e da CUFA, como para o desenvolvimento dos setores com os quais essas

organizações se envolvem, conforme demonstrado acima. Isso é evidente na declaração de um dos líderes do AfroReggae:

"Se eu disser que não mudei, eu estou mentindo. Vinte anos atrás... meus amigos, boa parte faleceu, foram assassinados... Eu achei que ia morrer também. Tentei antecipar alguns problemas da minha vida, sentindo a ameaça da minha própria morte. Então, não sou mais aquela pessoa. Mas eu acho que mantive alguma essência... uma boa essência. Mas não sou mais aquela pessoa. Eu, por exemplo, tinha muito preconceito. Contra brancos... contra gringos... contra empresas. Hoje, isso mudou...".

(AfroReggae, líder)

As ações e as parcerias do AfroReggae e da CUFA com o Estado, com a mídia e com o setor privado, são teorizadas como contendo riscos, mas no geral são consideradas positivas, em especial porque permitem trazer vitalidade e inovação para todos os envolvidos. No contexto do desenvolvimento econômico brasileiro, esse é particularmente o caso, uma vez que o setor privado está redescobrindo tanto o mercado representado pelas populações das favelas, como a necessidade de desenvolver políticas de responsabilidade corporativa. Existe uma economia da favela, da mesma forma que existe a necessidade de uma governança que leve em conta as favelas; isso está acontecendo e sendo aperfeiçoado por meio de um diálogo entre as várias partes interessadas envolvidas no processo. Um exemplo dessa discussão é a assistência proporcionada, pelo AfroReggae e pela CUFA, nas várias atividades educacionais e de capacitação que realizam. Essas organizações oferecem um ponto inicial de atenção para a falta de serviços básicos do Estado, nas áreas de saúde, emprego e formação. Muitos questionam se isso é o que as ONGs realmente devem fazer. Nesse processo, pode-se observar que o risco de cooptação coexiste com as potencialidades de colaboração:

“Tem um limite entre ser um laboratório de políticas públicas e ser um executor de políticas públicas. Nesse sentido, é difícil. Essa fronteira é muito delicada. É uma fronteira que, hoje, a CUFA e o AfroReggae estão nela. O Viva Rio já esteve. O Observatório de Favelas já esteve muito. Eu acho que o sucesso de algumas organizações também significa, de alguma maneira, um envolvimento mais próximo com o Estado, e pro Estado é: ‘Vai, que eu te dou as condições’”.
(Instituto de pesquisa, parceiro)

No entanto, os observadores são unânimes em apontar para o principal resultado das interações com o Estado, com a mídia e com os mercados: o reposicionamento desses novos atores sociais na agenda da esfera pública brasileira. Nesse sentido, a colaboração é considerada válida e elimina os riscos da cooptação, o que está expresso na seguinte declaração:

“... É preciso ouvi-los e ter intervenções como as que eles fazem, mas eles se recusam a fazer projetos em escala, eles querem fazer projetos-demonstração, porque eles dizem que quem tem que fazer em escala é o Estado. O Júnior já falou que o AfroReggae não é franquia [...] *Qual é a minha hipótese? Eles são importantes como mediadores. O AfroReggae e a CUFA têm muito mais importância quando eles falam com a TV Globo... O Júnior está lá, passou essa semana no Congresso* [...] *O que aconteceu no Brasil, na década de 2000, é isso: eles se tornaram interlocutores do presidente Lula, da TV Globo, do prefeito, da London* School of Economics*, do* CESeC*. É isso o que eles fizeram. Isso é pouco? Eles mudaram o Brasil. Eles são importantes para o menino*

de Vigário, mas isso não muda muita coisa. Dizer: 'Ah, coitadinho, é bom que tenha um AfroReggae aqui'. [...] *Claro que muda as vidas individuais, mas tanta coisa muda. A Igreja evangélica muda também, a escolinha de futebol também muda...* [...] *Mas o AfroReggae mudou o Brasil. A CUFA mudou o Brasil".*

(Acadêmico, parceiro)

Estilos de liderança e de cultura organizacional

Ainda que a pesquisa como um todo não tenha se concentrado nas diferenças específicas entre o AfroReggae e a CUFA, os resultados mostram algumas distinções importantes, que estão relacionadas principalmente ao estilo de liderança e à estrutura organizacional de cada uma delas. Esses aspectos são mencionados como áreas de desafio para essas organizações, tanto interna como externamente.

Os observadores externos apontam para a necessidade de se refletir sobre o estilo de liderança, de sucessão e o papel desempenhado pelos líderes para sustentar a organização.

"Eu não consigo imaginar o que aconteceria com o AfroReggae se o Júnior resolvesse morar na Jamaica. Isso é uma falha. É claro que o AfroReggae só existe por causa do Júnior, mas não pode ser um projeto que só vai existir graças a ele. Acho que o desafio, quando você fala em base, tem que ser um nome autossustentável".

(Rede Globo, parceira)

"O AfroReggae é uma instituição mais centralizada, que tem um comandante; a gente que trabalha bastante com eles, sabe. O Júnior faz um enorme esforço para descentralizar, mas aí tem a personalidade do criador. Porque o AfroReggae tem o criador e a criatura [...] A CUFA tem um processo de rede, de distribuição de lideranças".
(UNESCO, parceira)

Os desafios da profissionalização, do desenvolvimento de competências e da compreensão do papel e do estilo dos líderes, são apenas algumas das questões que essas organizações deverão enfrentar, à medida que crescem e definem a sua posição na esfera pública brasileira. A complexidade que apresentam está relacionada ao fato de serem híbridas e de não se enquadrarem facilmente em um modelo único de ONG, de empresa privada ou de movimento social. Elas incorporam elementos de todas essas instituições e não se encaixam facilmente em enfoques dicotômicos no tratamento da transformação social. Se, para alguns, a oposição ocorre entre os mercados e a política, a experiência do AfroReggae e da CUFA mostra que essas duas formas podem ser combinadas com sucesso. Elas não se opõem aos Estados e aos mercados, não se distanciam das agências internacionais e da academia, nem separam os movimentos sociais dessas várias áreas; em vez disso, trabalham com todas elas. Nesse processo, demonstram que os benefícios da interlocução com todos os setores superam os perigos.

5.5. Em direção à integração social: o Eu, a favela e a cidade

Aqui, apresenta-se uma síntese dos elementos-chave que constituem a metodologia de trabalho do AfroReggae e da CUFA, tal como são percebidos pelas comunidades, pelos observadores externos, pelos parceiros e pela polícia. Na sua elaboração, foram utilizados dados da análise dos projetos e do estudo de caso sobre as relações entre a favela e a polícia. Percebe-se uma convergência entre todas as fontes de dados, o que reforça a robustez dos achados.

As principais metas e a metodologia do AfroReggae e da CUFA compreendem:

- a atenção ao Eu e ao nível individual – habilidades, apoio intersubjetivo e autoestima;
- a utilização das artes e da imaginação para a transformação social – trabalhando com as artes e com a sensibilidade artística da cultura da favela;
- parcerias, travessias e expansão das redes – envolvendo uma ampla gama de parceiros e rompendo barreiras, atravessando as fronteiras da cidade, atuando em situações de conflito e violência extremos em territórios da favela, bem como promovendo a expansão de redes sociais, e o resgate e a visibilidade da cultura da favela.

Atenção ao Eu e ao nível individual

A atenção à autoestima e às histórias de vida das pessoas é uma das principais metas dessas organizações, direcionadas para o resgate do Eu como um recurso imprescindível para reescrever a vida social e individual. Todos os projetos e oficinas do AfroReggae e da CUFA visam ao desenvolvimento do Eu, seja em termos de habilidades e empregabilidade, de autoexpressão, de conscientização e de debate, seja para abrir novos caminhos de socialização. Essas metas combinam a regeneração social e psicológica do indivíduo e da comunidade, mostrando, pela metodologia dos projetos, como histórias sociais mais amplas estão necessariamente vinculadas às histórias individuais.

O AfroReggae e a CUFA têm a atenção voltada para as histórias das vidas individuais que utilizam como base do seu trabalho, e compreendem o vínculo entre os níveis macro e micro. A sua atuação ocorre sobre a produção da subjetividade e sobre a reformulação das identidades, uma vez que buscam aperfeiçoar a estrutura institucional das favelas, assim como o alcance e a qualidade do apoio institucional fornecido às pessoas. O envolvimento com o AfroReggae e com a CUFA contribui para o resgate do Eu, como um recurso fundamental para se trilhar um caminho de socialização positiva. Utilizando fortes modelos positivos de identificação, de apoio psicossocial e de ampliação de horizontes, as pessoas experimentam uma melhora na sua autoestima e na capacidade de atuar como protagonistas de suas próprias vidas e da sua comunidade. Os resultados

sugerem que o Eu é um recurso extremamente importante no desenvolvimento de um caminho positivo para a socialização, e é essencial para reescrever identidades desvalorizadas e ambientes urbanos.

A utilização das artes e da imaginação

O AfroReggae e a CUFA utilizam a arte e a identidade cultural como instrumentos importantes para unir o social e o cultural na cidade. Ao fazer isso, essas instituições subvertem as representações dominantes que veem as pessoas da favela como perigosas, marginais e envolvidas com drogas. Essas organizações utilizam os recursos simbólicos e culturais das suas comunidades – a música, a dança, a convivibilidade e o capital social – para mostrar que esses são, de fato, os elementos que formam a cultura brasileira como um todo. Ao mesmo tempo, desenvolvem o trabalho da *imaginação*, um bem psicossocial que tem a função de libertar o Eu de sua situação imediata e permitir a busca de possibilidades alternativas. Abrir a mente é um objetivo importante dessas organizações, o que fica evidente nas trajetórias dos seus participantes e nas narrativas de muitos entrevistados que testemunharam o seu trabalho. O ato de imaginar permite novas visões e representações alternativas, que criam na mente o potencial de regeneração dos indivíduos, das comunidades e das esferas públicas. Ser capaz de imaginar o futuro e de antecipar o que está por vir são funções essenciais da arte na vida psicológica, e o AfroReggae e a CUFA a utilizam com eficácia para o desenvolvimento individual e social.

Considere-se, por exemplo, o que o psicólogo russo Lev Vygotsky escreveu sobre a arte, e o que um jovem que vive na favela disse sobre o ato de tocar violino:

> A arte é a organização do nosso comportamento futuro. A atividade musical é uma ação que cria o impulso para mais ação, uma ação que abre o caminho para o surgimento de forças poderosas e ocultas dentro de nós; ela age como um terremoto ao escancarar estratos desconhecidos e ocultos [...] A arte [...] nos obriga a fazer um esforço que vai além da nossa vida, com vistas a tudo que se encontra além dela (Vygotsky, 1971, p. 252-253).

Pesquisadora: *O que é o violino na sua vida?*
Participante: *O violino é... mais do que música. É o prazer de estar presente... a música, em si, na minha vida. É o prazer de tocar, é a satisfação e a alegria das pessoas que estão ouvindo. Para mim, isso é o violino, para mim, isso é a música, tudo isso em um só.*

(Participante da Orquestra de Violinos em Parada de Lucas, homem, 25 anos)

Esse jovem fala o que Vygotsky descreveu: o ato de tocar e a música estabelecem a sua ligação, tanto com o prazer da ação, que abre o caminho para o que está dentro dele, como com o público, que abre o caminho para um mundo social mais amplo. Como diz, isso se combina naquilo que a música representa para ele: “tudo isso em um só”.

Parcerias, ampliação de redes sociais e travessia de fronteiras

O *modus operandi* do AfroReggae e da CUFA é o de “tornar visível o invisível”, bem como estabelecer uma linha de diálogo com uma ampla gama de parceiros e com a sociedade como um todo. Esses grupos viabilizam a comunicação entre os diferentes setores urbanos, permitindo que os moradores da favela atravessem essas divisões e exerçam concretamente o direito de ir e vir na cidade, desafiando estereótipos e comportamentos, ao mesmo tempo em que abrem a mente e os seus horizontes de vida. Eles destacam a diversidade das pessoas e das experiências que fazem parte da vida na favela, desafiam as representações dominantes sobre os moradores da favela que são típicas da vida no “asfalto”, e criam relacionamentos sólidos com os setores público, privado e cultural. Esses grupos forçam o Estado, as instituições e os cidadãos comuns a lançarem um novo olhar sobre os excluídos e sobre as partes “invisíveis” da cidade. Estes se apresentam sob uma nova luz, mostrando que existe algo a mais na vida da favela do que a violência e o tráfico de drogas. O importante é que, com esse trabalho, essas instituições

também renovam a autoestima dos jovens nas suas comunidades, e oferecem travessias e novas redes para as sociabilidades que permanecem marginalizadas e no subterrâneo.

O AfroReggae e a CUFA também mediam conflitos e atuam em situações de perigo extremo. Ambas as organizações são chamadas para atuar diretamente em situações de conflito causadas por relações complexas que envolvem a polícia, as facções do tráfico de drogas e as comunidades da favela. Frequentemente, essas situações envolvem sentenças de morte e perigo extremo.

"... Na hora de correr risco de vida, só estamos nós! Na hora que o bicho pega, não tem ONG de direitos humanos [...]. Quando o bicho pega, o bicho pega, e somos nós que metemos a cara. Vamos ali com a gente? Nunca na minha vida cruzei com ninguém nessa hora. Nunca! Só cruzo com pessoas do AfroReggae. Agora, quem é esse cara que se coloca em risco? Quem são essas pessoas do AfroReggae? São pessoas que tiveram derrotas nas suas vidas, são pessoas que foram fracassadas, são pessoas que foram do crime, são pessoas que sabem como é, entendeu?"
(AfroReggae, líder)

Durante o trabalho de campo, observou-se essas organizações, literalmente, salvando vidas e realizando a mediação quando o tráfico de drogas condenaria alguém à morte, ou quando pessoas de diferentes favelas atravessavam fronteiras "proibidas", demarcadas por facções em guerra. As atividades de mediação de conflitos definidas pelo AfroReggae incluem projetos com a polícia, com quem têm uma ampla gama de ações. Essas atividades são implementadas nas escolas, onde ex-detentos, ex-traficantes de drogas e policiais se reúnem para conversar

com as crianças e contar suas histórias. Também realizam oficinas de música e de percussão para policiais, ministradas por artistas do AfroReggae. A CUFA estabelece uma relação direta com as crianças envolvidas no narcotráfico. Publica livros e realiza programas de mídia amplamente reconhecidos, expondo a situação. Esse trabalho tem como objetivo combater a violência, por meio da comunicação e da esperança.

6. As rotas das sociabilidades subterrâneas: trajetórias individuais e comunitárias

"Quando eu estava crescendo, o meu pai me prendia muito, era difícil. A gente queria a liberdade do mundo, e ele queria proteger, porque sabia o que o mundo podia oferecer. Hoje, eu tenho essa noção, porque eu tenho um filho, e eu sei como é a vida na favela".

(homem jovem, Cantagalo)

6.1. Capacidade para ação e contexto

A capacidade para a ação e os processos de tomada de decisão são constituídos mutuamente no mundo da vida da favela. Seus moradores entendem bem que o contexto em que vivem é um determinante central para a formação do Eu e para a rota da socialização. Constantemente, eles utilizam a palavra *mundo* para descrever o contexto público da favela, e os elementos desse mundo associados ao tráfico de drogas e às suas atividades criminosas. Na esfera pública da favela, o narcotráfico é identificado como uma paradoxal fonte de oportunidades: oferece trabalho e dinheiro, prestígio, *status* e afiliação, mas leva as pessoas para o caminho errado, na direção de uma "vida perdida". A consciência do papel do ambiente externo na determinação das trajetórias de vida é essencial para o sistema de representações que compõe o modo de pensar da favela. No entanto, também está claro para seus moradores que as pessoas podem resistir ao apelo do "mundo"; as pessoas "têm e fazem escolhas", as pessoas "querem",

as pessoas "permitem ou não" que o ambiente tome conta de suas vidas. Em todas as entrevistas, os participantes referem-se à vontade, à noção de que "a pessoa querer", é um determinante fundamental da condição humana e das rotas de socialização. Um senso de protagonismo e de autodeterminação é igualmente importante para o modo de pensar da favela: aqui, observa-se a importância da vontade em relação à fé e ao destino, assim como em relação ao "apelo do mundo". A combinação do indivíduo com o seu contexto é a principal marca da lógica encontrada no pensamento cotidiano das comunidades da favela.

> *"... Entra nessa vida quem quer, mas também muita coisa, muita influência social ajuda a pessoa a ir pro mal, entendeu? ...".*
> (Cantagalo, homem, 28 anos)

A ação recíproca entre o contexto e o indivíduo, que caracteriza o pensamento dos moradores da favela, é imprescindível para se compreender as rotas de socialização das sociabilidades subterrâneas. Como a experiência do AfroReggae e da CUFA mostra, é possível desenvolver estratégias para resistir ao meio ambiente e reafirmar a capacidade para a ação e a pertença, a coesão social e a rica cultura manifestada no pensamento dos moradores da favela. No entanto, viver em um contexto social cuja esfera pública é caracterizada , principalmente, pela quase total ausência do Estado, pela instabilidade da família nuclear, e por organizações criminosas que, até recentemente, proporcionavam estruturas paralelas ao Estado, impõe desafios particularmente difíceis para as trajetórias de vida. A capacidade de resistir ativamente e de responder de forma positiva pode ser comprometida, quando os determinantes do contexto impõem uma carga pesada demais sobre o Eu, sobre suas necessidades e motivações. Esse é o dilema, diário e real, que define os momentos de tomada de decisão e de ruptura nas comunidades da favela.

As condições materiais e institucionais que estruturam a vida cotidiana na favela estabelecem uma pedagogia, demandam estratégias de enfrentamento e um conjunto de

representações para se pensar o ambiente. Os moradores da favela "aprendem", desde muito cedo, a ler os sinais do contexto, a reconhecer aqueles que estão "envolvidos" – eufemismo para designar as pessoas que entram para o tráfico de drogas – e a ajustar o seu próprio comportamento em relação à realidade que se encontra disponível. As crianças e os jovens dependem de uma frágil estrutura familiar para ajudá-los a evitar os "espelhos" do ambiente e o "apelo do mundo".

"Eu sei que é difícil, agora nem tanto, porque o tráfico saiu e, por exemplo, meu filho vai comprar um pão e não vão ver a imagem do tráfico, não vão ver boca de fumo, não vão ver bandido e não vão se espelhar naquilo. Como eu vivi a vida toda aqui, vendo aquilo, eu não me espelhei, sou artista e já me destaquei. Mas primos meus já faleceram nessa vida, tenho tio preso, tenho familiares presos, tenho uns quatro da família que estão presos. Eu não falo, mas também não esqueço".
(Cantagalo, homem jovem, 20 anos)

A experiência do Eu na favela é feita de pobreza, de sofrimento e de uma luta diária para se manter um passo à frente do "apelo do mundo". A violência letal e a criminalidade são disseminadas, bem como a dor humana e a perda de amigos e entes queridos. Os indivíduos conhecem a discriminação por meio da experiência, por serem discriminados: *estigma* não é uma palavra teórica distante, mas uma experiência real, sentida pelo Eu e encontrada no comportamento daqueles que atravessam a rua para evitar o contato e seguram seus pertences com medo, ao avistarem um morador da favela.

Participante: ... *Eu não saio tanto da Cidade de Deus para a Barra* [da Tijuca]*, para o Recreio* [dos Bandeirantes]*, mas acho que, se eu saísse, eu teria bastante discriminação... por ser negra. Ia acabar acontecendo.*

Pesquisador: *Mas nunca aconteceu?*
Participante: *Não.*
Pesquisador: *Mas você tem medo de que isso aconteça?*
Participante: *Não medo, mas vergonha.*
Pesquisador: *Mas por que você acha que isso acontece?*
Participante: *Ah, por eu ser negra, ser pobre.*
(Cidade de Deus, mulher jovem, 15 anos)

A lógica impressionante dessa menina de 15 anos de idade é uma forte demonstração de como a discriminação é uma prática internalizada pelo Eu, em parte como vergonha e em parte como resignação quanto à realidade cruel de um mundo dividido. As circunstâncias sociais são, portanto, *vividas*; elas envolvem a subjetividade das pessoas, interagem e constituem as motivações e as necessidades psicológicas básicas, dando forma a elas. O desejo de ser reconhecido e de ter prestígio, a necessidade de sobreviver, de encontrar trabalho e escapar da pobreza para ter acesso ao mundo do consumo, a raiva, o cansaço e o sofrimento que fazem parte da experiência emocional da miséria, são todas dimensões subjetivas que servem de mediadoras para as formas pelas quais os moradores da favela percebem, apropriam-se, contestam ou se rendem ao "apelo do mundo". Esses fatores constituem importantes mediadores psicossociais, que interagem com o contexto no qual vivem os moradores da favela.

A ação recíproca entre essas necessidades e motivações individuais, e a natureza do contexto, encontra-se no cerne dos processos de tomada de decisão e da capacidade de agir para resistir ao ambiente. Verifica-se que a capacidade para a ação não é um fator definido somente pelos indivíduos. É no contexto e com o contexto que as capacidades para a ação criativa e para a resiliência são construídas nas trajetórias de vida. Os moradores da favela enfatizam fortemente o *holding* (sustentação) e o *handling* (manejo) na família, nas Igrejas, no AfroReggae e na CUFA, como estruturas de apoio; entendem perfeitamente que a capacitação e o empoderamento do Eu como protagonista necessitam de outras pessoas – o que eles chamam de "uma mão estendida", ou "o abraço de uma mãe". Eles enfatizam a importância de se atravessar as fronteiras da comunidade, de ampliar as redes sociais e de encontrar modelos de identificação positivos dentro e fora da favela.

Sabem que a escolha e a capacidade do Eu de permanecer fora do crime organizado são ocasionadas pelas estruturas intersubjetivas de apoio, que conseguem persistir nas instáveis instituições sociais da vida da favela. Eles também percebem que a comunidade em si, sua configuração interna e sua localização na cidade, definem grande parte das rotas que lhes são disponíveis. O lugar é importante, e além disso é um elemento que contribui para definir o contexto, que possibilitará ou não a socialização positiva do Eu.

6.2. Momentos de escolha e ruptura: determinantes psicossociais em processos de transição

Os jovens que moram nas favelas tomam decisões o tempo todo: decidem com quem vão se associar, em quais lugares vão passar o tempo, se vão à escola ou se ficam na rua, se vão ou não escutar suas mães ou cuidadoras. Eles estão expostos a uma esfera pública de sinais múltiplos e contraditórios, que, nas últimas décadas, têm sido configurados predominantemente pela guerra entre o tráfico de drogas e a polícia, bem como pelas experiências de violência e de perda. Há um senso de comunidade e de coesão na vida da favela, mas também há pobreza e a ausência crônica de serviços públicos. Como foi visto em capítulos anteriores, a grande maioria das famílias é instável e com pouco acesso a recursos materiais; muitas crianças e jovens crescem somente com os irmãos e sem o cuidado de adultos. Quando a referência da família está presente, ela pode ser comprometida pelo envolvimento com o crime organizado ou por se saber que amigos e/ou familiares estão na prisão, morreram ou foram empregados pelo narcotráfico.

Dentro desse ambiente, os moradores da favela tentam levar uma vida positiva, encontrar um emprego e fornecer aos filhos uma socialização positiva. A decisão de evitar ou entrar para o tráfico de drogas é uma das mais importantes a ser tomada pelas pessoas das comunidades da favela. Para compreender como essa decisão é levada a efeito, é necessário ter em conta os seguintes elementos:

- *o quadro institucional do mundo da favela* – as instituições sociais das comunidades e a forma como elas são vividas pelo Eu e pela comunidade;

- *a cartografia psicossocial da comunidade* – os níveis de porosidade das fronteiras entre as comunidades e a cidade, que definem o conjunto de referências disponíveis para a socialização, bem como as redes e os modelos que podem ser utilizadas pelos indivíduos;
- *mediadores psicossociais* – as necessidades de identidade, de trabalho, de consumo e de experiências emocionais do Eu. Cada um desses fatores intervém na forma como as pessoas apropriam, percebem, e experimentam o contexto;
- *andaimes psicossociais* – os modelos, as fontes de identificação positiva e de apoio intersubjetivo que moderam as escolhas e as rotas comportamentais. Eles referem-se ao papel do *outro* na trajetória do Eu, que pode ser cumprido tanto por pessoas como por instituições, dentro e fora da comunidade.

O quadro institucional

A abrangência e a qualidade das instituições disponíveis no mundo da favela aparecem nas histórias de vida dos entrevistados. São histórias que revelam a matriz institucional do sujeito psicológico, as diferentes configurações das instituições presentes no cotidiano, e o que elas representam – apoio ou obstáculo – para as trajetórias individuais. Como foi relatado em capítulos anteriores, as principais instituições do mundo da favela são a *família*, o *narcotráfico*, as *Igrejas* e a *polícia*, com esta última constituindo a principal face do Estado na comunidade, face que vem se transformando qualitativamente desde o estabelecimento das UPPs. Organizações não governamentais como o AfroReggae e a CUFA, ainda que não sejam instituições propriamente ditas, agem como instituições e adotam papéis múltiplos, tais como os da família e do Estado.

As diferentes formas como essas instituições se apresentam para os moradores das favelas, bem como contribuem para a qualidade do contexto, são decisivas para determinar momentos de ruptura e de escolha em direção à exclusão ou à inclusão social. Essas instituições não são apenas pontos de partida que determinam o contexto de uma vida no seu início: elas permanecem com as pessoas ao longo de todo o ciclo da vida, são narradas como experiência pessoal, são significativas para dar forma à abrangência das redes sociais e às opções disponíveis para o Eu, em seu processo de tomada de decisões. O que se segue é uma análise de como a estrutura institucional está presente nas comunidades estudadas:

- *O tráfico de drogas* – é um organizador central da vida na favela, que fornece trabalho e regula o comportamento, bem como produz violência e introduz uma cultura de armas e frequentes tiroteios com a polícia. Controla as fronteiras e tem o poder de fechar e de abrir as favelas para a cidade – de forma literal, até muito recentemente.
- *A família* – essencial para a experiência do Eu, é uma estrutura que pode salvar ou marginalizar, dependendo do comportamento e da presença de seus atores principais. A presença de uma mãe heroica ou de uma avó acolhedora, por exemplo, são fatores determinantes nas escolhas que levam à inclusão social. Os pais ausentes, na cadeia ou envolvidos em atividades criminosas, são determinantes significativos para a propensão à exclusão social; essa situação é acentuada se as mães também estiverem ausentes. A natureza da família é um fator importante para possibilitar – ou não – a travessia das fronteiras e a inclusão social.
- *A polícia* – instituição importante na vida da favela e presença significativa no discurso dos participantes. A polícia é uma instituição que se confunde com o tráfico de drogas na mente e na vida do morador médio das favelas. É vista como a única face do Estado e é considerada, em geral, uma instituição agressiva e criminosa, envolvida em um processo complexo de inter-relações com o tráfico de drogas. A grande maioria dos participantes relata sentimentos de revolta e experiências de injustiça em suas relações com a polícia, com alguns informando até que a decisão de "aliar-se ao tráfico de drogas e entrar na guerra contra a polícia" foi motivada para vingar um parente. Essas percepções funcionam como determinantes significativos de exclusão social, na medida em que corroem a confiança nas ações do Estado e enfraquecem o papel da polícia na prestação da segurança e na luta contra o crime organizado. Durante a realização da pesquisa, essa percepção se alterou substancialmente com a introdução das UPPs, que, gradualmente, passaram a permitir novas representações do trabalho da polícia. Há uma evidência inicial de que, por meio das UPPs, as comunidades da favela passaram a ver a polícia de forma diferente.
- *Igrejas* – são estruturas de apoio nos momentos de transição e de ruptura das sociabilidades subterrâneas, e oferecem opções que rompem com a criminalidade e com a exclusão social. As várias Igrejas evangélicas que atuam em contextos de favela proporcionam apoio ao Eu e oferecem a inclusão em uma rede social sustentada pela religiosidade. Embora importantes para a manutenção da inclusão social, para muitos

moradores da favela, essas Igrejas não representam uma opção, porque o estilo de vida que impõem entra em conflito com muitas das práticas culturais da vida da favela. Embora as Igrejas ofereçam apoio e ajuda, para muitos, a identificação não é possível.

- *ONGs (AfroReggae e CUFA)* – são essenciais para momentos de transição e de ruptura das sociabilidades subterrâneas, proporcionando uma clara alternativa frente ao tráfico de drogas e competindo com este pela preferência dos jovens. Gozam de amplo reconhecimento por parte dos participantes, desempenham um papel fundamental no oferecimento de apoio e de oportunidades para o Eu, bem como de ajuda às pessoas na travessia das fronteiras urbanas. Um dos aspectos mais importantes encontrado pela pesquisa é o fato de que essas organizações assumem papéis de outras instituições; elas agem como provedores de serviços e como pais substitutos. Ao mesmo tempo, têm condições de competir com o tráfico de drogas, por serem capazes de suprir muitas das necessidades simbólicas, psicossociais e até mesmo materiais, que o narcotráfico oferece: reconhecimento, afiliação, competências e redes sociais – como foi visto, bem mais amplas do que as do narcotráfico.

Cartografias psicossociais

As cartografias psicossociais descrevem um espaço ou um território em sua totalidade objetiva e subjetiva: expressam como territórios e lugares compreendem mundos vividos, que são tanto espaciais como psicossociais, e que contêm linguagens e padrões de comportamento que criam uma paisagem com fronteiras mais ou menos abertas.

Considerando que o território é um significante básico na vida da favela, e que a travessia e o controle de fronteiras constituem práticas essenciais que regulam a vida do Eu e da comunidade, as cartografias psicossociais de cada comunidade estudada são chaves para se compreender as rotas de inclusão e de exclusão que estão abertas aos seus moradores. Essas cartografias combinam elementos do mundo da vida da favela com elementos socioespaciais relacionados à geografia e à localização de cada comunidade em relação à cidade como um todo. Como em qualquer mapa, elas são determinadas por fronteiras; estas são desenhadas em função das relações entre as favelas e a cidade, e podem ser mais ou menos porosas, dependendo de uma combinação de elementos psicossociais

e geográficos. A sistematização da natureza das fronteiras em cada uma das comunidades permitiu a construção de uma tipologia fundamentada nos seguintes indicadores: instituições sociais da comunidade, localização em relação à cidade, conectores urbanos, atividades de lazer, e principais eventos e representações sociais da comunidade. Esses elementos estão reunidos na Tabela 6.1, que mostra a variação dos níveis de porosidade das fronteiras de cada comunidade, que podem ser mais fechadas ou mais abertas.

Tabela 6.1 Indicadores da densidade das fronteiras nas comunidades estudadas

Indicadores	Cantagalo	Madureira	Cidade de Deus	Vigário Geral
Instituições	• UPP • Narcotráfico • (expulso) • Igreja • Serviços comerciais • Estado	• Polícia • Narcotráfico (difuso) • Igreja • Serviços comerciais • Estado • Cultura	• UPP • Narcotráfico (residual) • Igreja	• Polícia • Narcotráfico (controle total) • Igreja
Localização no Rio	Zona Sul	Centro da Zona Norte	Remota	Remota
Conexões urbanas	• O elevador • Criança Esperança	• O Mercado • "Viaduto" (CUFA)	-	Centro Cultural Waly Salomão (AfroReggae)
Representações sociais	• Novos projetos sociais • Mudança Social	• Escolas de Samba • Mistura de favela e bairro	O filme "Cidade de Deus"	A chacina: a morte de 21 pessoas pela polícia
Lazer	Em toda a cidade	Entre a comunidade e a cidade	Em torno da comunidade	Dentro da comunidade
Porosidade das fronteiras	• **Aberta** • **Alta porosidade**	• **Semiaberta** • **Média/alta porosidade**	• **Semifechada** • **Baixa porosidade**	• **Fechada** • **Mínima porosidade**

Fonte: Pesquisa Sociabilidades Subterrâneas.

Ainda que a experiência de controle de fronteiras e de sua travessia seja um significante comum, que determina o pensamento e o comportamento em todas as quatro comunidades estudadas, existem diferenças importantes na natureza e na experiência das fronteiras, que são relatadas a seguir. As cartografias psicossociais reforçam a centralidade do *lugar* na definição do mundo da vida das comunidades e das trajetórias de vida.

Cantagalo: alta porosidade

A favela do Cantagalo passou por uma drástica transformação durante a realização da pesquisa, porque as UPPs expulsaram o tráfico de drogas e abriram as fronteiras da comunidade. A favela está localizada entre Ipanema e Copacabana, no coração da Zona Sul do Rio e de sua bela paisagem natural; usufrui dos serviços públicos e das áreas comerciais desses bairros formais, apesar de aqueles estarem ausentes na favela em si. O Morro do Cantagalo está ligado a Ipanema por um elevador e por uma estrada pavimentada, o que facilita o ir e vir, movimento intensificado desde a implementação da UPP e a expulsão do tráfico de drogas. O AfroReggae é importante, mas não é a única referência para a comunidade; nela, estão disponíveis referências alternativas, porque a cidade está muito mais próxima e é relativamente acessível. Agora, as fronteiras do Cantagalo estão abertas, e muitas de suas atividades também atraem pessoas do "asfalto". Há um fluxo de mão dupla em termos de lazer, de serviços e de contato entre os grupos.

Madureira: porosidade média a alta

Madureira se localiza no centro da Zona Norte do Rio e é um bairro formal cercado por favelas. Está aberto à cidade, embora a distância da Zona Sul confira densidade às suas fronteiras. Existem várias instituições em Madureira, e o bairro está aberto às suas próprias instalações e a uma cultura popular vibrante; é um lugar situado na encruzilhada entre diferentes "Rios": abriga as raízes do samba,

a convivibilidade intergrupal, a bossa nova e a música popular brasileira (MPB), que fazem do Rio de Janeiro uma cidade com várias cidades dentro de si. As Igrejas evangélicas são instituições muito importantes, e existe uma forte ligação com a CUFA. Apesar de distante da Zona Sul do Rio, Madureira oferece várias referências de sociabilidade aos seus moradores. O Mercadão de Madureira é uma forte referência urbana, assim como o é a escola de samba Portela, os seus músicos e a rica influência que exerce sobre a vida cultural do Rio. Suas fronteiras são muito amplas e não são controladas pelo tráfico de drogas.

Cidade de Deus: porosidade baixa

A Cidade de Deus é afastada da Zona Sul do Rio, mas sua localização lhe confere um ar rural e a coloca mais perto das florestas a oeste do Rio e do bairro da Barra da Tijuca, suas praias e sua infraestrutura. A Cidade de Deus foi "pacificada" pela UPP, e isso introduziu uma dinâmica diferente na comunidade, embora a favela tenha uma forte história de socialização por meio do tráfico de drogas, que continua a ter uma presença residual. As Igrejas evangélicas são instituições importantes na Cidade de Deus. As referências de sociabilidade ainda estão concentradas no tráfico de drogas e na Igreja, embora a UPP esteja introduzindo um novo relacionamento com o Estado, ainda que este seja visto de forma apreensiva. Não há nenhum controle das fronteiras pelo narcotráfico, e os moradores ganharam um novo sentimento de liberdade de ir e vir, embora os horizontes da comunidade permaneçam essencialmente centralizados dentro do seu próprio território. Isso faz da CUFA uma referência importante para a Cidade de Deus.

Vigário Geral: porosidade mínima

A escassez de instituições sociais e a distância do centro da cidade reduzem as referências de sociabilidade em Vigário Geral, que se encontram polarizadas principalmente entre o tráfico de drogas e o AfroReggae. A comunidade fica

afastada do centro da cidade, e a polícia entra e sai em função dos conflitos do narcotráfico. O tráfico é o organizador central da vida da comunidade e, ao lado das Igrejas evangélicas, da presença esporádica da polícia e do AfroReggae, compõe a estrutura institucional da favela. O fogo cruzado e as balas perdidas fazem parte da vida cotidiana; o território é fechado e controlado rigidamente, e a circulação é difícil. O AfroReggae ocupa uma posição fundamental na vida da comunidade e, considerando a escassez de outras instituições positivas, assume vários papéis institucionais, incluindo o da família, do Estado e das fontes de emprego. O território da comunidade tende a circunscrever os horizontes que estão disponíveis para a sua gente.

Os níveis de porosidade das fronteiras das comunidades definem o contexto específico que é oferecido aos caminhos de socialização dentro de favelas, bem como a natureza do relacionamento entre elas e o AfroReggae e a CUFA. Para os moradores da favela, fronteiras mais ou menos porosas estão correlacionadas à amplitude das redes sociais e às potenciais travessias que estão disponíveis no cotidiano. Quanto mais amplas as redes e mais abertas as fronteiras, mais ampla será a experiência do Eu. Fica claro que, quanto mais densas as fronteiras, menores as chances de expansão das redes e de travessia para a cidade, ao mesmo tempo em que aumenta a necessidade e a importância atribuídas ao AfroReggae e à CUFA. A porosidade das fronteiras entre as comunidades da periferia e a esfera pública mais ampla da cidade é um fator essencial para as experiências individuais e coletivas dos moradores da favela, bem como para a forma como as intervenções do AfroReggae e da CUFA são vivenciadas e recebidas. A Figura 6.1. apresenta um resumo dos tipos de fronteira entre as comunidades e a cidade, em relação à abrangência e à diversidade de redes sociais, ao Eu e ao trabalho do AfroReggae e da CUFA.

Figura 6.1 Porosidade das fronteiras nas comunidades estudadas

Fonte: Pesquisa Sociabilidades Subterrâneas.

As narrativas sobre travessias e mediações entre a favela e a cidade foram frequentes nas entrevistas, e a possibilidade de atravessar diferentes mundos e territórios surgiu como um fator essencial para o processo de regeneração social e pessoal. Esses resultados corroboram recentes reflexões sobre a necessidade de descentralização do planejamento urbano e de consolidação da rica visão que é proposta pela cidade multicultural e mista do século XXI (Sennett, 2011), da qual o Rio de Janeiro é um exemplo paradigmático. O desejo de vistas limpas, de "remoção" das populações indesejadas e de ênfase no centro das cidades prejudica a vitalidade delas e os potenciais incorpora-

dos nas culturas, nas identidades e nos diálogos que podem resultar da interação entre as suas diferentes comunidades. Atuar sobre a porosidade das fronteiras das comunidades é essencial para as trajetórias de vida individuais, para as identidades, para o desenvolvimento comunitário e para a regeneração urbana.

Mediadores psicossociais

Os mediadores psicossociais são outro conjunto importante de determinantes dos momentos de ruptura e de escolha das sociabilidades subterrâneas. Eles se referem a necessidades psicológicas fundamentais que exercem pressão sobre a forma como as pessoas respondem ao contexto global da favela. A análise da experiência do Eu revela os mediadores psicossociais indicados a seguir.

Identidade

Um mediador psicossocial essencial para os jovens realizarem escolhas na vida da favela é a necessidade de reconhecimento, de afiliação e de autorrealização. A possibilidade de fazer parte de um grupo, de ser reconhecido como alguém importante e de desfrutar do poder decorrente do dinheiro, do *status* e das armas, é um forte apelo para os jovens nas favelas. O tráfico de drogas se utiliza desse mediador psicossocial específico, ao lidar com jovens sem estruturas de apoio. Ele se apresenta como uma clara "irmandade", uma organização que oferece acesso a um grupo, a uma carreira, ao reconhecimento e ao dinheiro. Os aspectos negativos do tráfico de drogas são facilmente negligenciados, se não houver nenhuma outra voz que chame para a inclusão social e que forneça apoio aos jovens que são atraídos pelo que ele oferece.

Trabalho e consumo

A necessidade de trabalhar e o desejo de consumir são elementos básicos e disseminados. São necessidades muito mencionadas e, nas comunidades da favela, não é diferente do

que acontece em qualquer outra área da cidade. Observam-se preocupações intensas com a necessidade de sobreviver e de trabalhar, que são significativas para determinar o envolvimento com o tráfico de drogas e com o caminho para a “carreira” e os empregos que ele oferece. O consumo e o desejo de possuir objetos e marcas cobiçadas são aspectos importantes que determinam claramente a escolha e o comportamento dos jovens nas favelas.

A experiência emocional do sofrimento

Foram encontrados, de forma comum e generalizada, sentimentos e experiências de luta diária, de sofrimento, de dor e de perda na vida dos moradores das favelas. O custo da pobreza e da exclusão não deve ser subestimado; apesar do forte capital social e das dimensões positivas da cultura da favela, a vida cotidiana é permeada por experiências duras e difíceis, de pobreza e de discriminação. Histórias de dor intensas e avassaladoras foram ouvidas nos depoimentos dos participantes, histórias essas que intervém decisivamente as escolhas de vida no mundo da favela.

6.3. Andaimes psicossociais: uma metáfora para descrever estruturas e ações de apoio

Os andaimes psicossociais são ações e estruturas que apoiam o desenvolvimento individual e social. Um resultado central encontrado na pesquisa, esses andaimes referem-se ao papel fundamental do apoio de pessoas e de instituições na constituição saudável do sujeito humano, nas origens da ação conjunta e da intencionalidade compartilhada, bem como na construção e na sustentação comunitárias. Tradicionalmente considerados por psicólogos como uma provisão exclusiva da família nuclear, e eficazes principalmente nos primeiros anos do ciclo de vida, constatou-se que os andaimes psicossociais podem ser proporcionados por várias instituições de apoio, são efetivos ao longo de toda a vida e desempenham um papel crucial na luta contra a marginalização e a exclusão.

O conceito proposto é inspirado na teoria de andaimes de Jerome Bruner, que aborda o apoio rotineiro que pais e professores proporcionam às crianças, à medida que elas crescem e aprendem. Na sua análise de mães brincando de esconde-esconde com bebês, Bruner e Sherwood (1975) observaram que aquelas não apenas ajudavam estes a aprender o jogo, mas também permitiam e até os incentivavam a levar o jogo para novas direções. Observações adicionais do papel desempenhado por professores e colegas em contextos pedagógicos (Bruner, 1980, 1983) consolidaram a ideia de que o desenvolvimento e a aprendizagem exigem estruturas de suporte que vêm de cuidadores e de outras pessoas que amam, que mantém e que sustentam na criança o senso do Eu, a segurança interna e a confiança no mundo. Aprender com os outros e dos outros é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional, um *insight* que levou Bruner e seus colegas a utilizar a metáfora do *andaime* para descrever as ações das mães e dos professores.

O andaime, como uma metáfora para descrever estruturas psicológicas de apoio, remonta à psicologia de Lev Vygotsky das relações entre o Eu e o outro, e o entendimento fundamental de que o infante necessita da sociedade para crescer e realizar o seu potencial biológico. A individuação e a socialização são dois aspectos do mesmo processo de desenvolvimento, em que a integração do senso de Eu, a maturação física e cognitiva, e o estabelecimento de relações objetais se combinam para produzir um agente social e psicológico. Esse processo ocorre por meio de uma estrutura intersubjetiva que funciona como um andaime para a criança, que a sustenta e apoia o seu crescimento em direção ao que Vygotsky (1986) chamou de *zona de desenvolvimento proximal*. Os andaimes e a zona de desenvolvimento proximal são noções fundamentais para se entender que o desenvolvimento social e individual não ocorre dentro do indivíduo, mas entre o indivíduo e o meio ambiente, em um espaço de mediação no qual a contribuição de outros seres humanos tem um papel central.

Apoiar e sustentar uma criança, um jovem e, de fato, qualquer adulto, a partir de uma posição de cuidado, seja este interpessoal ou institucional, não somente produz mudanças positivas específicas no desenvolvimento, mas também pode conduzir o processo macro de desenvolvimento. O andaime é, então, fundamental para a compreensão de que o aprendizado, a saúde, o bem-estar e a competência social

não apenas resultam do crescimento e da maturação do organismo, mas podem eles mesmos agir no sentido de promover o desenvolvimento. Os andaimes psicossociais são necessários para a criação de um ambiente saudável para bebês, crianças e jovens, para regular circunstâncias interpessoais e para permitir o desenvolvimento de processos e de recursos para se lidar com ambientes caracterizados por dificuldades. Pesquisas mostram com segurança que ambientes de pobreza e de exclusão determinam a saúde física e mental ao longo do ciclo de vida e produzem uma dor que não é muito diferente da dor física (Eisenberger; Lieberman; Williams, 2003; MacDonald; Leary, 2005). Ser excluído literalmente causa feridas; e ser excluído para sempre é semelhante a uma dor crônica. Ambientes familiares de risco, que incluem relações de conflito e de agressão explícita, relacionamentos frios e sem carinho e apoio, podem prejudicar a saúde física e mental e criar uma cascata de riscos, que possibilita o aparecimento de vulnerabilidades e de problemas permanentes (vide uma resenha de Repetti, Taylor e Seeman, 2002). Dificuldades no relacionamento com outras pessoas, em lidar com o estresse e as adversidades, estão consistentemente associadas com o baixo *status* socioeconômico (Yanagisawa et al., 2012; Taylor; Seeman, 1999), que, por sua vez, afeta a capacidade das famílias de oferecerem andaimes psicossociais.

Winnicott, pediatra e psicanalista britânico, fornece bases psicológicas profundas para os achados e entendimentos descritos acima com as noções de *holding e handling* (sustentação e manejo) (Winnicott, 1971, 1958). Descrevendo como um bebê humano passa de uma fase inicial de dependência absoluta para a independência relativa, Winnicott propôs que os processos de *holding* e *handling* são ações essenciais para o amadurecimento saudável da criança. O *holding* refere-se à atitude inicial de apoio e de doação incondicional que é típica de um cuidador amoroso, geralmente uma mãe. É uma capacidade humana, de mães e outros cuidadores amorosos, doar-se ao bebê por meio da identificação. O *holding* introduz a confiança no mundo e encontra-se nas origens da orientação emocional-cognitiva do Eu em relação aos outros, o objeto-mundo e a própria identidade. O *handling* é o processo seguinte, igualmente iniciado pela comunicação intersubjetiva, sendo, no entanto, qualitativamente diferente do *holding*. Com o *handling*, o cuidador apresenta limites à experiência da criança e afasta-se suavemente da doação incondicional. Esse engajamento comunicativo permite a aceitação crescente de um mundo que é o "não Eu", assim como o estabelecimento de um

relacionamento com ele. O *handling* está na origem da capacidade relacional do ego, da capacidade de comunicação e de diálogo, para compreender a perspectiva de outra pessoa e para desenvolver uma orientação social em relação ao mundo. Tanto o *holding* quanto o *handling* são dependentes da identificação, um processo psicológico primário que permite à pessoa conhecer e sentir o que o outro está sentindo, a fim de "conhecer com" e de "sentir com" o outro. Os exemplos são a infantilização da fala ou o "manhês", quando os adultos adotam uma linguagem que é centrada na criança e direcionada para as necessidades e perspectivas dela (Aitken; Trevarthen, 1997; Trevarthen; Aitken, 2001). Na pesquisa que norteia este livro, os conceitos de *holding* e *handling* tornaram-se uma categoria para a análise das entrevistas qualitativas, considerando a intensidade das narrativas que se referem ao impacto e à importância dos andaimes psicossociais proporcionados pela família, pela Igreja e pelas ONGs.

A identificação e a maneira como uma criança é sustentada (o *holding*) e manuseada (o *handling*) são importantes no desenvolvimento da segurança ontológica, da confiança no mundo e nos outros e, igualmente, para a introdução de limites que permitam à própria criança aprender como retribuir a identificação, a entender que ela também deve reconhecer e identificar-se com os outros. Esses processos intersubjetivos formam a base do autodesenvolvimento e da construção comunitária, assim como da capacidade do ser humano de se identificar com a sociedade e aprender como assumir a perspectiva do outro. A tomada de perspectiva e o aprender a colocar-se na posição de outros, de forma a identificar-se e entender o interlocutor para se ter uma melhor comunicação, são essenciais para o desenvolvimento individual, assim como para o funcionamento saudável das sociedades e até mesmo para as relações entre as sociedades. Coesão social e solidariedade dependem da identificação e da capacidade dos indivíduos sentirem com os outros e para os outros, de se identificarem com o grupo, e pensarem e agirem como parte do grupo.

Os andaimes psicossociais proporcionam, assim, o terreno seguro a partir do qual o Eu passa a conhecer-se a si mesmo e a sua localização sociocultural, a ser um indivíduo e um agente social. Permitem que o Eu se sinta seguro para agir criativamente, para ser original e, se necessário, para questionar a sua própria comunidade: "ousar", ter a coragem de tentar, de experimentar e de "brincar" com cenários potenciais, são habilidades

que evoluem devido à segurança da estrutura erguida por ações de apoio e de cuidado. Elas oferecem acolhida, contenção e atenção, e constituem, em ultima instância, a base da cooperação, da intencionalidade compartilhada, das ações criativas e da imaginação.

Essas são questões centrais para o desenvolvimento social e apareceram de forma clara nos depoimentos dos participantes da pesquisa. As consequências para a intervenção e para o desenvolvimento de políticas públicas são claras: educação, estruturas de cuidado, famílias estáveis e amorosas fazem a diferença no desenvolvimento individual e social, e é uma obrigação dos Estados investir nesses fatores e incentivá-los por meio de políticas apropriadas e eficazes.

Nas experiências de vida, individual e familiar, relatadas pelos participantes, foram encontrados sinais claros de que contextos de privação prejudicam a atuação dos andaimes e comprometem a capacidade das famílias e dos cuidadores de se envolverem em processos de identificação, *holding* (sustentação) e *handling* (manejo). Tal situação é agravada pela falta de recursos públicos e pela instabilidade da família nuclear, estruturas de apoio essenciais cuja função encontra-se comprometida. Ao mesmo tempo em que isso não significa que os andaimes psicossociais estão ausentes nos contextos de favela – na verdade, não estão – isso reflete o impacto da pobreza e da ausência de estruturas estatais nos caminhos que se abrem para a individuação e para a socialização nas comunidades da favela. A seguir, é apresentado um modelo desses caminhos, em função da presença ou da ausência dos andaimes psicossociais.

6.4. Integração social ou exclusão social? Resiliência e vulnerabilidade na rota da socialização

Para os jovens que crescem na favela, a pobreza, a desigualdade e a violência não são o pano de fundo, mas o próprio palco em que se desenvolvem o Eu e a relação com o futuro. Existem armas, e o tráfico de drogas mostra a sua marca na maioria dos lugares; as famílias são instáveis. No entanto, os jovens querem crescer e ser reconhecidos, querem ter um emprego e conseguir comprar um

par de tênis da moda, um relógio bonito. Querem ver a si mesmos como os outros jovens que vivem na cidade, esquecer que pode ser difícil encontrar um emprego por causa do seu endereço, e esquecer as representações negativas que as pessoas no "asfalto" têm dos moradores da favela. Essas necessidades, que não são diferentes das necessidades dos jovens de outras partes da cidade, atravessam as trajetórias de vida e colocam as crianças que crescem em comunidades da favela sob o risco das drogas, da violência e da criminalidade. O "apelo do mundo" – como a sabedoria dos moradores da favela denomina a influência do contexto sobre a vida individual – é a atração provocada pelo tráfico de drogas e pela vida no crime, que oferece trabalho, dinheiro, símbolos de *status* e prestígio, reconhecimento e amigos. É uma rota perigosa, na qual homicídio e morte precoce são muito prováveis, mas que pode ser atraente para aquelas pessoas que estão vulneráveis e não têm outras opções.

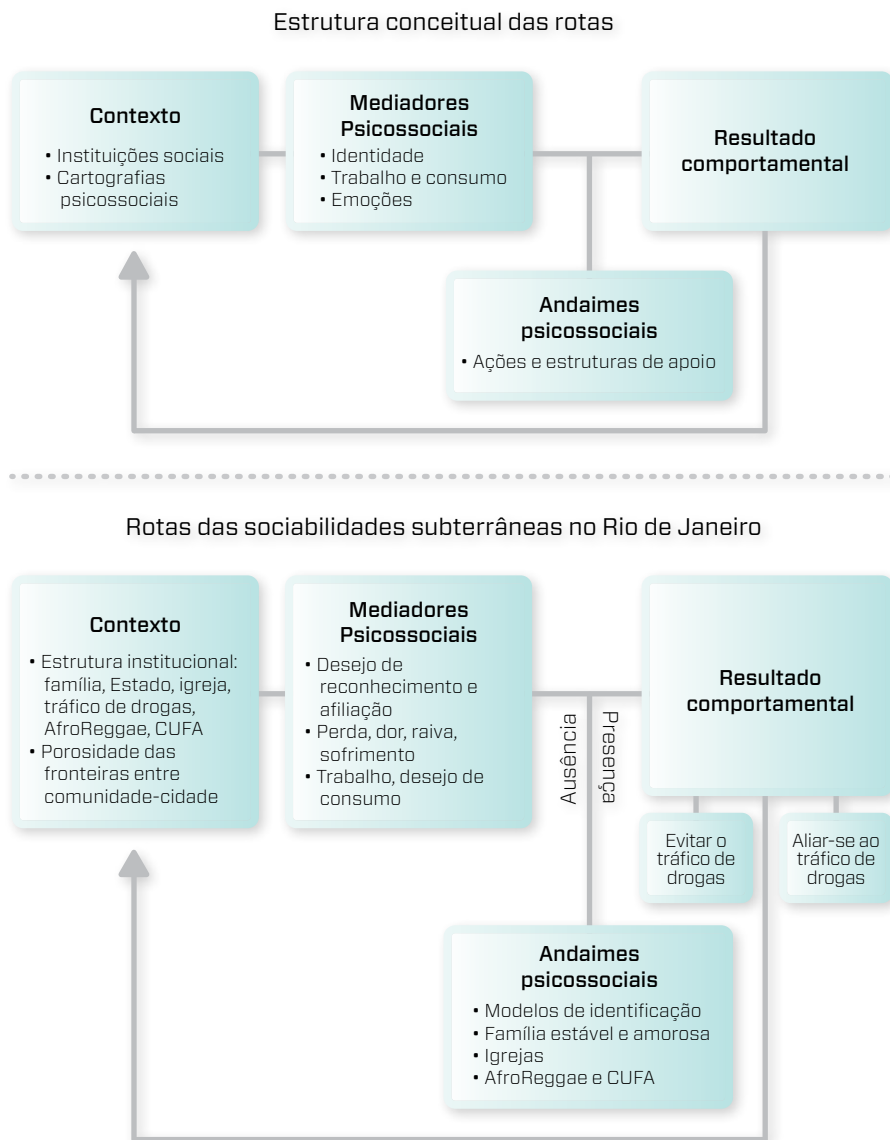
Descobriu-se que a resiliência e a resistência a essa rota são possíveis e difundidas na vida da favela. Definida como um processo dinâmico de adaptação positiva, apesar de adversidade significativa (Luthar, 2003), a resiliência encontra-se por toda parte nas comunidades da favela: os resultados do estudo corroboram os de outros, que descrevem a grande maioria das pessoas que vive nas favelas como trabalhadoras, determinadas e corajosas. Elas sobrevivem, saem-se bem e conseguem encontrar recursos para o capital social, para a coesão social e para a convivibilidade (Pearlman, 1976, 2010; Moreira Alves; Evanson, 2011). A pergunta fundamental a se fazer é: qual é a origem dessa resiliência e dessa capacidade para desafiar o contexto e, ao mesmo tempo, produzir respostas positivas que nascem na base desses locais? Os resultados do estudo apontam diretamente para a presença ou a ausência dos andaimes psicossociais, sugerindo que a resiliência diante da adversidade é ativada por estruturas intersubjetivas de apoio, proporcionadas por pessoas e instituições. Essas estruturas não apenas permitem aos indivíduos resistirem a uma rota de criminalização, mas também contribuem para a formulação da identidade do Eu e para o seu desenvolvimento em termos de competências cognitivas, emocionais e sociais. Isso é extremamente importante, pois o Eu redescoberto é um recurso importante no desenvolvimento social.

No cotidiano das comunidades estudadas, os andaimes psicossociais foram encontrados em:

- modelos de papéis e pessoas-chave que motivam a identificação;
- uma família estável e amorosa;
- trabalho de organizações de base, como o AfroReggae e a CUFA;
- as Igrejas.

As narrativas do Eu e da vida da comunidade enfatizam a forma como os andaimes psicossociais moderam as necessidades sociais e psicológicas, bem como as emoções que podem levar as pessoas para o crime quando as oportunidades são limitadas, as necessidades emocionais são intensas, e o desejo de reconhecimento e afiliação não é satisfeito. É por meio de encontros com outras pessoas, que apoiam e oferecem andaimes para o Eu em risco, que os indivíduos constroem conjuntamente sua capacidade para a ação criativa e tomam decisões que os levam a desenvolver ações positivas. Os participantes da pesquisa relatam que os andaimes propiciados pelos líderes e ativistas do AfroReaggae e da CUFA são cruciais em suas vidas, porque esses modelos são pessoas com as quais eles se identificam, pessoas que substituem as famílias que perderam. Essas experiências são intensificadas pela oferta de atividades estruturadas e pelo desenvolvimento de competências e habilidades, que desenvolvem a autodeterminação e a autoestima. Nesse processo, a trajetória do Eu pode ser reescrita, e o próprio Eu se transforma em um bem cognitivo e emocional para resistir à criminalização e à marginalização.

Contexto, mediadores psicossociais e andaimes psicossociais, são os elementos que interagem no caminho da socialização, na definição das escolhas e resultados comportamentais nas comunidades da favela. Os *indicadores do contexto* são as instituições sociais da vida da favela e a porosidade das fronteiras entre as favelas e a cidade. Os *mediadores psicossociais* são formados por identidade, trabalho, consumo e estados afetivos do Eu. Finalmente, os *andaimes psicossociais*, definidos como ações e estruturas de apoio, moderam os fatores psicossociais. Os resultados comportamentais são assim constituídos pela relação entre contexto, necessidades e aspirações pessoais e andaimes psicossociais. Combinados, esses elementos formam um marco conceitual para entender as rotas das sociabilidades subterrâneas nas favelas do Rio de Janeiro.

Figura 6.2 Marco conceitual e rotas das sociabilidades subterrâneas no Rio de Janeiro

Fonte: Pesquisa Sociabilidades Subterrâneas

Entrar para o tráfico de drogas ou evitá-lo depende, assim, da natureza das instituições e das fronteiras urbanas que são predominantes na rota de socialização, e da presença ou ausência de andaimes psicossociais para moderar os mediadores psicossociais, como identidade, reconhecimento, trabalho, consumo e as emoções associadas à pobreza e às dificuldades da vida.

Duas observações importantes são necessárias aqui. Em primeiro lugar, o contexto à esquerda do modelo não é apenas um pano de fundo nem um começo; suas características estão *distribuídas* na vida diária e ao longo de todas as trajetórias de vida. O modelo proposto e os dados que o fundamentam adicionam e substanciam abordagens socioculturais que definem as culturas como distribuídas (Valsiner, 2007), onde o contexto é considerado como mais do que um estímulo ou uma condição inicial (Jovchelovitch, 2007). A estrutura institucional e as cartografias psicossociais da vida da favela, os papéis e os modelos de identificação, as identidades potenciais e os cenários produzidos, são distribuídos e constantemente reconstruídos não somente em objetos, artefatos, instituições formais e ações do cotidiano, mas também na consciência individual e na experiência psicológica. Aqui, o contexto é um recurso permanente para a ação individual e coletiva, daí a importância de identificar que tipo de recurso ele é, e como permite ou não rotas positivas de socialização. Ele contém tanto o potencial para a exclusão como o potencial para prover as estruturas intersubjetivas que permitem a inclusão social.

Em segundo lugar, o comportamento não é um resultado final, estático, no "fim" de uma cadeia, mas um elemento contínuo do contexto em si, constantemente retro-alimentando o ambiente no qual ele teve origem. Os comportamentos individuais e a ação coletiva, que realizam escolhas e produzem rupturas na vida da favela, são resultados que se transformam eles mesmos em elementos do contexto. Esses comportamentos ocupam o contexto na forma de histórias, modelos de papéis, lendas para se conhecer e para prevenir, ideais para se seguir e aspirar. Na forma de histórias de vida, eles proporcionam referências e recursos para a identificação e a tomada de decisão. Na linha temporal, essas ações constantemente ocupam o ambiente geral, no qual fornecem modelos de identidades e de rotas possíveis ocasionadas pelas escolhas feitas; são disponibilizadas por meio de histórias e de narrativas que funcionam como

recursos e plataformas de identificação, de forma que cada um dos determinantes das rotas de socialização povoa o contexto e constitui parte integral das condições dadas.

Para concluir, então, a capacidade para ação criativa e o contexto estão inter-relacionados de modo fundamental na vida da favela. Seus moradores consideram a vontade individual e o contexto social igualmente importantes na rota da socialização. Combinar explicações contextuais e individuais é uma marca central da lógica da favela. Os momentos de escolha e de ruptura das sociabilidades subterrâneas são formados pelo(s)/pela(s):

- *Quadro institucional do mundo da vida da favela* – a família, a polícia – como a face do Estado –, o narcotráfico, as Igrejas e organizações como o AfroReggae e a CUFA.
- *Cartografias psicossociais da comunidade* – os níveis de porosidade das fronteiras entre a comunidade e a cidade, que variam de alto a mínimo;
- *Mediadores psicossociais* – as necessidades psicológicas e as motivações relacionadas à identidade, ao trabalho, ao consumo e às emoções.
- *Presença ou ausência de andaimes psicossociais* – que são ações e estruturas que apoiam o desenvolvimento individual e comunitário.

O contexto, os mediadores psicossociais e os andaimes psicossociais são os elementos que interagem para estabelecer as rotas da socialização e para definir escolhas e resultados comportamentais nas comunidades da favela.

OU ALUNO DO
PROJETO
GOVERNO DO
STADO
E TRABALHA DE VERDADE
7

7. Em direção à cidade comunicativa

"Eu não falo só 'favelês', quero falar português".
(Celso Athayde)

7.1. Descobrindo sociabilidades subterrâneas

Existe um vasto mundo que está bem próximo de nós, porém, escondido do nosso olhar. Um mundo composto por relações sociais delicadas e específicas, que fazem parte do cotidiano da sociedade brasileira, mas que, ainda assim, permanecem invisíveis. Desvendar essas formas de sociabilidades, que se desenvolvem nas favelas do Rio de Janeiro, foi o objetivo do estudo que deu origem a este livro.

A pesquisa descobriu que essas sociabilidades subterrâneas são caracterizadas por um quadro institucional complexo, marcado pela família, pelo narcotráfico, pela presença escassa do Estado – com a polícia sendo sua única face e relacionada com o tráfico de drogas –, pelas igrejas e pelas ONGs, como a CUFA e o AfroReggae. Essas instituições conseguem se comunicar de uma forma muito específica com os moradores das favelas, fornecendo a eles rotas claras de socialização. É a natureza dessas relações, contando com o apoio e com a estrutura que elas oferecem, que determinarão a inclusão ou a exclusão social. Essas instituições não são apenas um pano de fundo – elas constituem aspectos fundamentais na trajetória das sociabilidades subterrâneas. Estão marcadas nas vozes dos moradores, na forma como relatam sua experiência na comunidade e, sobretudo, nas relações entre a favela e a cidade.

O papel das instituições na constituição da identidade individual

- A instabilidade da família nuclear, o acesso limitado a modelos positivos de identificação e a falta de oportunidades são os principais fatores determinantes das identidades nas favelas. Nesse contexto, o tráfico de drogas facilmente pode passar a oferecer reconhecimento, emprego e *status*.
- A experiência da perda constitui parte das trajetórias de vida e da construção da identidade individual: as pessoas crescem testemunhando a morte ou a prisão de amigos e familiares. O fracasso e a perda são experiências frequentes e fontes tanto de dor, como de resiliência para as identidades da favela.
- Âncoras para a estabilidade e para o desenvolvimento positivo do Eu compreendem uma família estável e amorosa, a religiosidade e a fé, modelos positivos de identificação que circulam no contexto da favela, bem como o lazer e a sociabilidade (o capital social, a convivibilidade e a pertença). Esses fatores fornecem uma alternativa à precariedade do Estado e de outras instituições, facilitando a inserção social.

Segurança: tráfico de drogas, favela e polícia

A segurança é uma questão central no mundo da vida da favela e nas vias de socialização. A exposição à violência e ao crime organizado faz parte do cotidiano, e o medo da perda é uma emoção sempre presente para os moradores da favela. Existem complexas relações entre os moradores, a polícia e facções do tráfico. A guerra entre as facções criminosas, e entre estas e a polícia, constitui um pano de fundo para dimensões centrais do mundo da vida da favela:

- Os tiroteios e as balas perdidas são ocorrências quase "naturais" na vida da favela; a maioria dos entrevistados da pesquisa já foi diretamente afetada pela violência, tendo tido um familiar ou um amigo envolvido com o narcotráfico, ou com experiências que vão da prisão à morte.
- Jovens negros do sexo masculino são os mais afetados, ainda que as comunidades como um todo sintam o impacto da violência;

- Os moradores vivem em meio a duas leis de segurança: a do tráfico de drogas e a da polícia. Para sobreviver, eles aprendem a reconhecê-las e as adotam dependendo das diferentes situações da vida cotidiana. Os moradores temem mais a vida fora da favela do que dentro dela. O lado de fora é desconhecido, a discriminação e o preconceito estão muito presentes, e as regras da cidade são vista como estranhas e ambíguas. A maioria dos moradores prefere ficar dentro da comunidade, onde conhecem as "regras do jogo" e não estão expostos à discriminação;
- Os residentes da favela falam pouco do direito à segurança. Eles relatam abusos frequentes da polícia e sabem que, muitas vezes, são vistos como criminosos.
- Há pouca referência ao conceito de *cidadania* e ao fato de que é uma obrigação do Estado oferecer ambientes seguros para os cidadãos.

As UPPs

As UPPs representam uma mudança nas relações entre as favelas e a polícia. Mesmo assim, os moradores das favelas sentem-se ambivalentes e continuam a lembrar das dificuldades históricas de suas relações com a polícia. As UPPs estão transformando a polícia, ao introduzir uma nova abordagem para entender a realidade das favelas e mudar a cultura interna da instituição. Novos recrutas e novos diálogos gradativamente estão construindo novas representações e canais de comunicação, que têm contribuído de maneira decisiva para a expansão de um sentimento de segurança nas comunidades. Existe uma diferença clara, nesse sentido, em comunidades com ou sem a presença das UPPs.

- Foi encontrada evidência clara de mudança no cotidiano das relações entre as favelas e a polícia nas comunidades em que as UPPs foram implantadas.
- Para muitos residentes, as UPPs representam um novo começo e a liberdade em relação aos regulamentos do narcotráfico.
- Existem contradições internas e dificuldades dentro da polícia; a instituição como um todo está passando por um processo de mudança, caracterizado por perspectivas múltiplas.
- O contato contínuo e a colaboração entre as UPPs e as comunidades alteram representações de ambos os lados, ao mesmo tempo em que flexibilizam estereótipos e identidades fixas.

Identidade da favela

As identidades da favela são formadas por forças contraditórias, que oferecem diferentes modelos e plataformas para a identificação pessoal. Não existe uma realidade única no mundo vivido da favela; modelos opostos coexistem nos processos de construção da sua identidade. Segregação, pobreza e estigma produzem baixa autoestima e identidades frágeis. Esses elementos convivem, no entanto, com a esperança, com a crença no futuro e com a fé em Deus, que muitas vezes se combina com a autonomia e com a ideia de que cada um traça sua própria vida.

- As identidades se debatem entre as representações negativas produzidas fora da favela e as forças institucionais que atuam no seu interior. O estigma da favela como associada ao tráfico de drogas é uma carga pesada para a identidade, pois as representações externas tendem a equiparar as favelas com o crime e o tráfico, e seus residentes com os traficantes.
- A grande maioria dos moradores sofre discriminação social e racial quando sai da favela, o que provoca a baixa autoestima. O estigma é internalizado, com representações dominantes que desumanizam e estereotipam as favelas apenas como lugares de violência e crime.
- Com as constantes intervenções policiais, o Estado ajudou a reforçar a identidade dos moradores de favelas como supostos criminosos. Essas ações policiais afastam esses moradores do Estado e contribuem para enfraquecer o exercício da cidadania como um elemento constituinte da identidade.
- O estigma e a discriminação ferem psicológica e socialmente: produzem baixa autoestima e bloqueiam o acesso ao trabalho e à renda. A carga emocional do estigma é pesada; muito sofrimento e dor psicológica advêm de representações negativas e de estereótipos.
- A fé e a autonomia são extremamente importantes para as identidades da favela. Na lógica cotidiana das comunidades, esses dois aspectos não são contraditórios, pois o destino é visto como o pano de fundo que fornece ao Eu o contexto em que faz suas escolhas de forma ativa.

A comunidade e a cidade

O capital social coexiste com uma percepção aguda da divisão entre morro e asfalto. O sentimento de pertença, a tentativa de rejeitar o medo, a percepção da coesão social e a convivibilidade convivem com o amor à cidade.

- A pobreza, a desigualdade e a violência não destruíram o capital social das favelas: a pertença, a coesão social e a convivibilidade têm presença importante na vida das favelas.
- A presença de fronteiras urbanas fortemente delimitadas é um componente central do mundo da favela: o amor à comunidade coexiste com ad dificuldades das barreiras impostas pela discriminação, pelo estigma e pela violência.
- Diferentes mundos socioeconômicos, mentais e culturais vivem lado a lado, e ao mesmo tempo profundamente separados, na cidade.
- A ideia da "cidade partida" ainda não pode ser facilmente deixada de lado: divisões que vão dos campos geográfico, ao social e ao cognitivo, mostram que facilitar travessias e construir pontes permanecem desafios centrais para a construção de políticas públicas e para o planejamento urbano do Rio de Janeiro.

Ainda que semelhantes em muitos aspectos, existem diferenças importantes a serem consideradas nas favelas do Rio. O estudo relatado neste livro mostra que não se deve igualar contextos, e que a tendência a homogeneizar o sujeito da pobreza desconsidera a variação e a especificidade dos diferentes lugares que ele habita. O *território* é uma variável importante na definição do mundo da vida da favela, que demonstra a heterogeneidade das comunidades populares, bem como a importância do lugar para circunscrever e definir a experiência humana.

O mundo da vida da favela mostra que a vida em casa e na rua é entrelaçada e codeterminada, expondo a socialização aos riscos e ao conjunto de influências que dão forma à esfera pública imediata das comunidades da favela. Vozes individuais expressam experiências pessoais e, ao mesmo tempo, revelam a matriz institucional da vida da favela. Elas mostram que a favela é um território de perdas e de sofrimento para o Eu, senti-

mentos produzidos por um contexto de guerra, de pobreza e de discriminação. Entretanto, estes coexistem com a autonomia, com o capital social e com a esperança. As sociabilidades subterrâneas são habilidosas, práticas e demonstram resiliência; existe uma sabedoria criativa na favela, e sua gente continuamente inventa estratégias positivas para pensar e para lidar com as dificuldades do meio ambiente.

7.2. AfroReggae e CUFA: identidade, imaginação e mediação na cidade

O AfroReggae e a CUFA são organizações que expressam respostas de base para a pobreza, a violência e a segregação. Elas são exemplos paradigmáticos de um processo de renovação de atores políticos tradicionais e de inovação em métodos de intervenção na esfera pública. Suas ações alteram a agenda de transformação social, que se torna decentralizada nas múltiplas localizações da atuação coletiva de jovens populações periféricas. Sua relação com o contexto da favela é orgânica: ao contrário de modelos tradicionais de desenvolvimento social, que levam agentes externos a territórios considerados "carentes" ou que necessitam de ajuda, esses atores não são agentes que vêm de fora. São produtos da favela e estão profundamente enraizadas em seu mundo. As trajetórias de vida de seus líderes e ativistas são análogas às dos moradores das favelas, e esse fato define sua identidade: são histórias que contam experiências de fracasso, de perda, de sofrimento, mas também a capacidade de se levantar e de seguir em frente. Ainda que seu alvo seja o público da favela, essas organizações expandiram suas ações para além do seu território de origem, buscando alcançar parceiros nacionais e internacionais.

AfroReggae e CUFA são organizações híbridas, que se caracterizam por identidades múltiplas: elas combinam elementos de ONGs, de movimentos sociais, de empresas e de produtores culturais; eles são agitadores, artistas, trabalhadores sociais e parceiros do Estado brasileiro. Seus objetivos explícitos envolvem o reconhecimento da

cultura e do rico potencial do mundo da favela, a eliminação de barreiras urbanas, e a construção de mediações que possam produzir mudança, tanto na esfera pública como nas subjetividades individuais. Elas competem diretamente com o tráfico de drogas, na tentativa de influenciar a rota da socialização disponível aos jovens da favela, e trabalham como mediadores de conflitos em disputas entre a polícia, o narcotráfico e os moradores. Suas ações são múltiplas e variadas, envolvendo tanto as comunidades da favela como a esfera pública mais ampla da cidade. Elas conferem ênfase à regeneração do ambiente construído das favelas, na construção de espaços para a sociabilidade e em intervenções psicossociais que buscam desenvolver a autoestima, o autocontrole e a conscientização.

Um aspecto central de sua metodologia relaciona-se à forma como contam histórias sobre suas trajetórias de vida. Contar a história de vida e utilizá-la como exemplo é um método disseminado no trabalho desenvolvido por essas organizações. Elas utilizam histórias de vida como o material bruto para exemplificar de que forma a interação entre o indivíduo e a comunidade define as rotas da vida humana. Essas histórias são disseminadas como narrativas da comunidade, e até mesmo da cidade; elas circulam no espaço público e são contadas continuamente como exemplos de sobrevivência e de determinação, como alertas, como repositórios de esperanças e de futuros que dão certo, como alternativas para o que existe e como guia para as escolhas e para a tomada de decisões.

Suas principais características, que explicam sua eficácia e os bons resultados de seu trabalho, são descritas a seguir.

Intervenção individual e comunitária

A atenção ao indivíduo é uma das inovações centrais do trabalho do AfroReggae e da CUFA. Essa atenção contribui para recuperar, reconhecer e desafiar trajetórias de vida, ao mesmo tempo em que empodera sujeitos para assumir o controle de suas vidas. A mudança social, afinal, requer que em primeiro lugar, os indivíduos entendam a si mesmos como agentes transformação e acreditem em sua capacidade para agir:

- O desenvolvimento de habilidades, oficinas psicossociais e trabalhos em grupo oferece espaço para estruturar a vida cotidiana e refletir sobre "quem eu sou" e "o que eu quero ser", como forma de entender e buscar a realização de projetos de vida; a motivação reconecta a trajetória pessoal a futuros possíveis, sonhos e aspirações.
- A reflexão sobre a identidade individual está diretamente associada à identidade da comunidade, e coloca em destaque a cultura da favela, sua humanidade e sua produção cultural.
- A ética de escutar, de acolher e de dar a mão oferece estruturas intersubjetivas de apoio aos jovens expostos aos riscos da criminalidade e do narcotráfico, ao mesmo tempo em que auxilia ao Eu a ser agente em seu próprio processo de inclusão; as organizações oferecem andaimes psicossociais que amparam indivíduos e conduzem à inclusão social.
- A eficácia do AfroReggae e da CUFA sugere que andaimes psicossociais não são fornecidos apenas pela família nuclear; outras instituições podem igualmente oferecer esse tipo de apoio.
- A mudança social requer indivíduos que entendem a si mesmos como agentes e que acreditem em sua capacidade de agir como protagonistas: o Eu é um bem central no processo de reescrever vidas, e sua autonomia é necessária para o desenvolvimento social.

A utilização das artes, da cultura e da imaginação

O AfroReggae e a CUFA utilizam as artes, a cultura, a imaginação e a criatividade para conectar a cidade e subverter estereótipos, bem como construir capital social vinculativo e de construção de ligações. Os recursos da cultura local e, mais especificamente, da herança negra brasileira utilizam-se da criatividade e a imaginação das comunidades da favela e as expõem para a cidade, para o país e para o mundo. Essa cultura não é adquirida por meio de canais formais, mas é parte de uma identidade e distribuída nos espaços de vida das comunidades populares do Rio de Janeiro, expressa em rituais, práticas e linguagens cotidianas.

- O AfroReggae e a CUFA reúnem os recursos das paisagens psicossociais do mundo da favela, enfatizando a identidade cultural e artística desses territórios.
- A expressão artística interage com a cultura da celebração, da festa e da alegria, que é fundamentada em avatares profundos da cultura brasileira, herdados principalmente da presença da África no Brasil.
- Esses grupos contornam a discriminação, a pobreza e o sofrimento por meio da cor, da música e da dança. A música, o ritmo de seus tambores e o movimento corporal são utilizados como formas de resistência que advêm da memória histórica da escravidão e da experiência de sobrevivência na adversidade.
- A diversidade de suas linguagens artísticas e formas culturais cria ligações com toda a cidade, conduzindo uma agenda de cidadania, de justiça urbana e de igualdade social. A criatividade e a festa operam como fatores de atração que desencadeiam solidariedades amplas e empatia emocional em toda a cidade: a esfera pública mais ampla compreende e aprecia o AfroReggae e a CUFA.
- Os recursos da identidade cultural do lugar são reconhecidos e trabalhados como ferramentas para o desenvolvimento social e para a cicatrização de feridas sociais: a sociabilidade, a alegria e a festa são utilizados para se contrapor a experiências de sofrimento e de exclusão.

Travessias e mediações sociais

A intervenção do AfroReggae e da CUFA estabelece pontes e constrói mediações importantes entre as comunidades da favela e a esfera pública mais ampla. Essas organizações se utilizam de uma combinação de parcerias que inovam e desafiam, por meio do uso efetivo de meios de comunicação de massa e da intervenção política na esfera pública. Essas novas travessias na cidade ampliam as redes sociais e as plataformas de identificação que estão disponíveis para os residentes da favela, introduzindo novas possibilidades para o pensamento, para a ação e para as identidades dessas populações. Ao mesmo tempo, essas travessias provocam representações positivas das favelas na esfera pública, minimizando estereótipos e auxiliando a reintroduzir a autoestima, que constitui um fator central para a saúde do Eu:

- Travessias e mediações têm grande impacto nas trajetórias de vida, produzindo mudanças em biografias individuais e expandindo os recursos cognitivos, emocionais e imaginativos do Eu – aqueles que atravessam fronteiras junto com o AfroReggae e com a CUFA referem-se à importância de circular fora do ambiente da favela como central para a inclusão social e para manter as pessoas afastadas do tráfico de drogas.
- Por meio de ações culturais e da mídia, o AfroReggae e a CUFA colocam a cultura da favela na agenda da cidade e lhe oferecem novas lentes para ler o ambiente favela.
- O AfroReggae e a CUFA se comunicam com o tráfico de drogas e com a polícia, mediando conflitos e prevenindo a violência letal.
- Parcerias amplas e não convencionais ensinam a seus participantes novas linguagens, ao mesmo tempo em que oferecem plataformas para construir solidariedades entre pessoas que normalmente não se encontram e não se comunicam – trabalhar com diferentes parceiros ensina aos movimentos sociais competências formais que podem contribuir para sua eficácia, enquanto que as organizações formais são desafiadas a adaptar-se aos riscos e ao ritmo daqueles que não são familiares com seus procedimentos.
- As tecnologias sociais desenvolvidas por iniciativas de base operam como projetos de demonstração, que podem servir de modelo e terem sua escala aumentada pelo Estado; o Estado pode, e de fato está aprendendo, com essas iniciativas, e colaborando com essas organizações para estabelecer diretrizes para suas próprias ações.
- O setor privado está desenvolvendo experiências na área de responsabilidade corporativa e desenvolvimento social, considerando novas ações e serviços em territórios de pobreza e exclusão.
- Organizações como o AfroReggae e a CUFA desempenham um papel importante no estabelecimento de linhas de comunicação entre comunidades marginalizadas e governos, bem como na orientação de políticas públicas.
- Não se deve esperar das organizações de base aquilo que elas não podem e não devem oferecer – elas não podem e não devem substituir o Estado e seus serviços, mas são parceiras no desenho e na implementação de políticas públicas.

7.3. Andaimes psicossociais e comunicação na cidade

A interação entre o contexto e o sujeito individual é um elemento central para se entender as rotas de socialização das sociabilidades subterrâneas. As escolhas não são processos puramente individuais, e uma das lições importantes desse estudo é o fato de que as pessoas que vivem em territórios de pobreza e de violência trabalham arduamente para evitar as armadilhas do contexto e a forma como elas se impõe sobre as trajetórias de vida. Como a experiência do AfroReggae e da CUFA demonstra, é possível desenvolver estratégias para resistir à pressão do ambiente e reafirmar a capacidade de ação, a pertença, a coesão social e a rica cultura que constituem o mundo da favela. Contudo, viver em uma esfera pública marcada pela negligência do Estado, pela instabilidade da família nuclear e pela presença de uma atividade ilegal que, até recentemente, oferecia uma ordem pública paralela ao Estado, impõe desafios imensos às trajetórias de vida. A resiliência e a capacidade para resistir podem ser comprometidas facilmente, quando tais determinantes do contexto se impõem pesadamente sobre o Eu, suas necessidades e motivações.

Os residentes da favela habitam um mundo à parte, que envolve complexas travessias e mediações. Uma proporção considerável dos entrevistados relatou que não deseja sair da favela; as palavras *dentro* e *fora* são significantes corriqueiros utilizados para expressar, tanto as diferenças entre esses dois mundos como as fronteiras que os separam. Existem obstáculos ao ir e vir, tanto entre as favelas como entre as favelas e a cidade. As facções do narcotráfico não gostam de ver rostos estranhos nas comunidades sob seu controle e barram completamente a entrada daqueles que habitam favelas controladas por grupos rivais; pode ser fatal atravessar uma dessas fronteiras proibidas, e as crianças são socializadas para entender e lidar com esse perigo. O controle de fronteiras na cidade é internalizado subjetivamente: as pessoas entendem que é perigoso atravessar a cidade e entrar em outras favelas e, ao mesmo tempo, sentem a dor do preconceito e da discriminação quando estão "fora", na cidade. Os códigos comportamentais e linguísticos para lidar com o narcotráfico devem ser aprendidos e internalizados, se o morador da favela quiser circular com alguma segurança entre as diferentes favelas da cidade. Os dilemas cotidianos que estruturam a tomada de decisões na favela são reais, dolorosos e socialmente determinados.

Ainda assim, a resiliência e a resistência à entrada no crime organizado são possíveis e disseminadas no mundo da favela. Os resultados obtidos corroboram outras pesquisas, que mostram que a maioria esmagadora da população da favela trabalha, luta para se manter dentro da legalidade e demonstra determinação para escapar do apelo do narcotráfico. Essas pessoas sobrevivem, sobem na vida e forjam caminhos para sustentar o capital social, a coesão comunitária e a sociabilidade (Pearlman, 1976, 2010; Moreira Alves; Evanson, 2011). A fonte dessa resiliência e dessa capacidade para desafiar o contexto encontra-se na presença de andaimes psicossociais, que moderam as necessidades de pertencimento, de trabalho e de consumo, bem como o sofrimento e a pobreza que atraem os sujeitos para a rota do narcotráfico. Os andaimes psicossociais são estruturas de apoio intersubjetivas, oferecidas por pessoas e por instituições. Eles fornecem um terreno seguro a partir do qual o indivíduo aprende sobre si mesmo e sobre sua localização sociocultural, permitindo ao Eu sentir-se seguro e agir criativamente, ser original e, se necessário, questionar sua própria comunidade. Eles oferecem acolhida, contenção e cuidado, e estão na base da cooperação, da intencionalidade compartilhada, da ação criativa e da imaginação. Os andaimes psicossociais abrem rotas para se escapar do crime e contribuem para redimensionar o Eu em termos cognitivos, emocionais e sociais.

Essas são questões fundamentais para o desenvolvimento social, que apareceram claramente nas vozes dos participantes da pesquisa. Contextos de privação ameaçam a existência de andaimes e comprometem a capacidade de famílias e de cuidadores engajarem-se em processos de identificação e de *holding e handling* (sustentação e manejo). Isso é intensificado pela falta de recursos e pela instabilidade da família nuclear, estrutura de apoio essencial. São claras as consequências para o planejamento de políticas públicas: a educação, as estruturas de apoio e cuidado, bem como as famílias estáveis e amorosas, fazem diferença para o desenvolvimento individual e social, e é obrigação do Estado investir e encorajar essas estruturas por meio de políticas públicas.

O AfroReggae e a CUFA desempenham um papel importante na provisão de andaimes psicossociais e no desenvolvimento de novos caminhos em direção à cidadania e à integração entre a favela e a cidade. Essas organizações assumem o papel de múltiplas instituições por meio do seu método de trabalho e de seus projetos. Eles agem como

família, como Estado e, até mesmo, como o setor privado, desenvolvendo habilidades, construindo apoio, fomentando a empregabilidade e forçando um novo conjunto de representações positivas da favela na cidade. Ao atuar sobre a esfera pública e sobre o ambiente construído da favela, essas organizações também agem sobre a cidade como um todo, estabelecendo pontes entre esses mundos separados e contribuindo para construir uma cidade comunicativa. O Viaduto de Madureira e o Centro Cultural Waly Salomão são exemplos desses processos: eles trazem a cidade até a favela e levam a favela para a cidade, ao mesmo tempo em que operam como espaços de encontro, de aprendizado, de desenvolvimento social, de contenção e acolhida psicossocial, e de sociabilidade. Daí a descrição apropriada desses atores como *poliglotas da sociabilidade* (Fernandes, 1994).

A flexibilidade e a porosidade das fronteiras urbanas estão diretamente ligadas à ampliação do Eu, à regeneração de territórios de exclusão e à devolução do direito à cidade para os moradores da favela. A divisão entre morro e asfalto, o controle de fronteiras e a travessia são elementos-chave do mundo da vida da favela e da forma como seus moradores percebem a si mesmos, suas comunidades e a sua cidade. Quanto mais porosas forem as fronteiras entre a comunidade e a cidade, maiores os horizontes do Eu e as redes que estarão disponíveis para sua trajetória e identificação. Manter fronteiras abertas contribui para a transformação das identidades e para o desenvolvimento da cidadania. Essas ações conectam uma sociedade dividida e revertem a formação de guetos, que isolam e bloqueiam o potencial criador das múltiplas identidades e dos encontros possíveis na cidade contemporânea.

Ao produzir suas próprias respostas, as sociabilidades subterrâneas oferecem para toda a cidade um exemplo de cidadania e de capacidade para a ação positiva. Esses atores têm orgulho do que são e do que fazem, e se utilizam da comunicação entre diferenças para criar um novo paradigma para o desenvolvimento social. Eles rejeitam práticas que desconsideram a subjetividade individual e a sociabilidade coletiva, e adotam linguagens de sustentação espiritual e de interdependência mútua. O que muitos considerariam assistencialismo, para eles é generosidade humana, um ato de doação, de estender a mão, de transformar vidas por meio do poder da sociabilidade. A questão que se coloca é a de como a sociedade e o Estado vão responder ao seu exemplo.

Como articular iniciativas sociais com o setor privado e o Estado para desenvolver a escala de serviços e levar educação, transporte, saúde, bancos e comércio para a favela, bem como engajar a cultura da favela que é, em ultima instância, a cultura do Brasil, são questões que vão exigir respostas do Estado, do setor privado e de toda a sociedade brasileira. Reconhecer o potencial da economia, da cultura e dos moradores da favela requer políticas sociais e o compromisso com a inclusão social, sem os quais o desenvolvimento brasileiro será sempre parcial.

As recomendações e os principais resultados do estudo são apresentados a seguir.

Fatores sociais e individuais interagem na determinação de escolhas e de decisões na rota da socialização:

- Pesquisar a psicologia da pobreza e as necessidades individuais, as motivações e as aspirações que intervêm nas escolhas em contextos de privação.
- Não se deve responsabilizar o sujeito pobre por sua pobreza – os dados demonstram que o contexto social é um fator decisivo nas trajetórias individuais; as trajetórias de vida não são algo que os indivíduos determinam sozinhos.
- Trabalhar simultaneamente os níveis macro e micro, prestando atenção a indivíduos e a comunidades.

Andaimes psicossociais são fontes de resiliência em contextos de privação e podem ser fornecidos por múltiplas instituições:

- Assistir e investir em famílias, mesmo que estas sejam frágeis.
- Enfatizar a educação de meninas e criar programas de apoio para mulheres.
- Construir modelos masculinos de identificação, fortalecendo a posição do pai e de outros cuidadores homens na rota da socialização.
- Aumentar o alcance e a qualidade dos serviços nos territórios da favela, em particular a educação.

As organizações da favela e os movimentos sociais oferecem lições e direções que devem ser consideradas:

- Utilizar como modelo ações e projetos criados na base, assim como envolver o Estado para aumentar sua escala, introduzindo mais serviços e oportunidades para os moradores da favela.
- Trabalhar com as organizações da favela no desenho e na implementação de políticas sociais, sem esperar que essas organizações compensem a ausência do Estado e de seus serviços.
- Envolver o setor privado no contexto da economia da favela, e apoiar a ética de desenvolver negócios em territórios de exclusão social.

As sociabilidades subterrâneas são flexíveis e podem ser transformadas pela ética do cuidado e por políticas sociais – as pessoas podem e mudam o curso de suas vidas:

- Oferecer plataformas para que os jovens escapem de territórios fechados e construam novas identidades.
- Desenvolver narrativas que veiculem futuros positivos, sonhos e aspirações.
- Investir em pesquisas que documentem as percepções e o pensamento de jovens excluídos, seus modelos, sonhos e aspirações.
- Reconhecer que não existe identidade pura e homogênea – existem múltiplas camadas de identificação em todos os seres humanos, bem como em diferentes territórios e instituições na cidade.

7.4. Uma palavra final...

O AfroReggae e a CUFA são organizações típicas do Rio de Janeiro. Elas compartilham e expressam a cultura do carioca e, em particular, a forma como ela adota experiências periféricas, trazendo as margens e o que é marginal para o centro de sua identidade. Elas tratam o conflito e a diferença como forças produtivas, e são

claramente influenciadas pela Antropofagia e pelo Tropicalismo, que subvertem lógicas de exclusão ao desestabilizar o ideal de pureza e propor que todos os seres humanos contêm a mistura. A miscigenação brasileira se diferencia do multiculturalismo, por sua tendência de amalgamar fontes e tradições, e de reunir pessoas que de alguma forma encontraram o seu modo de produzir unidade na diversidade.

Uma das lições mais importantes desta pesquisa é o fato de que o potencial da CUFA e do AfroReggae advém da cultura, da identidade e da sabedoria das comunidades a que pertencem e que representam. O capital social do Brasil, bem como sua capacidade para construir tecnologias sociais inovadoras e bem-sucedidas, não são produzidos de cima para baixo, por tecnocratas ou especialistas, mas por um conjunto de competências e de solidariedades que estão sendo construídas nas colaborações, nos diálogos e nas travessias que novos movimentos sociais produzem na esfera publica democrática. Sua eficácia deriva do *know-how* e da solidariedade social de pessoas que vivem uma vida sofrida e difícil, que enfrentam a pobreza e a violência, mas que, ainda assim, mantêm-se esperançosas e otimistas sobre sua comunidade e seu futuro. Que o Estado esteja preparado para ouvir essas experiências e aprender com elas, é um bom indicador dos ventos de mudança que estão reposicionando o Brasil na esfera pública global. Confrontar sua dívida social e os pesados elementos remanescentes de séculos de desigualdade e exclusão, é uma tarefa essencial para que o país possa se transferir de forma plena para sua nova posição.

O AfroReggae e a CUFA surgiram no Rio de Janeiro; eles são essencialmente cariocas e, ainda assim, o que são e o que fazem vai para muito além do Rio. Essas organizações são fonte de inspiração no Brasil, na Europa e em países distantes, como a China e a Índia, mas sua característica única é que continuam firmes perto de casa. A ferramenta central que elas usam para mudar as favelas é cantar sobre o seu território e contar energicamente a sua história. "Canta tua aldeia, e cantarás o mundo", sugeriu o escritor russo Lev Tolstói. Isso é verdade para a literatura, é verdade para a música e é verdade para as cidades. O AfroReggae e a CUFA contam a história das favelas e, ao fazer isso, conversam com o mundo.

Bibliografia

AITKEN, K. J.; TREVARTHEN, C. Self/other organization in human psychological development. *Development and Psychopathology*, n. 9, p. 653-677, 1997.

ALVES, M. H. M.; EVANSON, P. *Living in the crossfire*: favela residents, drug dealers and police violence in Rio de Janeiro. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2011.

AMORIM, A. P. O massacre em Vigário Geral. *Jornal do Brasil*, 30 ago. 2008. Disponível em: <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=9850>.

AVRITZER, L. *Democracy and public space in Latin America*. Princeton: Princeton University Press, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Social representations theory: a progressive research programme for social psychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 38, n. 4, p. 335-353, 2008.

BLOCH, M. Why religion is nothing special but is central. *Philosophical Transactions of The Royal Society B*, v. 363, n. 1499, p. 2055-2061, 2008.

BRUNER, J. S. *The social context of language acquisition*: Witkin memorial lecture. Princeton, NJ: Educational Testing Services, 1980.

BRUNER, J. S. *Child's talk*: learning to use language. New York: Norton, 1983.

BRUNER, J. S.; SHERWOOD, V. Peekaboo and the learning of rule structures. In: BRUNER, J. S.; SYLVA, K. (Eds.) *Play*: its role in development and evolution. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1975. p. 277-285.

CASTRO, P.; MOURO, C. Psycho-social processes in dealing with legal innovation in the community: insights from biodiversity conservation. *American Journal of Community Psychology*, v. 47, n. 3/4, p. 362-373, 2011.

CORNISH, F. et al. From brothel to boardroom: prospects for community leadership of HIV interventions in the context of global funding practices. *Health and Place*, v. 18, n. 3, p. 468-474, 2012.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5.ed. Rio de Janeiro: Editorial Guanabara, 1990.

DAMASIO, B.F. Uso da análise fatorial em psicologia. *Avaliação Psicológica*, v. 11, n. 2, p.213-228, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *A thousand plateaus*: capitalism and schizophrenia. London: Continuum International, 2004.

DOWDNEY, L. *Crianças do tráfico*: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

EISENBERGER, N. I.; LIEBERMAN, M. D.; WILLIAMS, K. D. Does rejection hurt? An FMRI study of social exclusion. *Science*, n. 302, p. 290-292, 2003.

FERNANDES, R. C. *Public but private*: the third sector in Latin America. Washington, DC: Civicus and Network Cultures-Asia, 1994.

HARRIS, P. *The work of the imagination*. London: Wiley-Blackwell, 2000.

IBGE. *Censo demográfico 2010*: aglomerados subnormais; primeiros resultados. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

IBGE. *Portal*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

IPP. *Desenvolvimento humano e condições de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2004. (Estudo 1347).

JOVCHELOVITCH, S. *Knowledge in context*: representations, community and culture. London: Routledge, 2007.

JUNIOR, J. O renascimento das favelas através da cultura. *Boletim Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade*, v. 2, n. 3, p. 29-31, 2002.

JUSTIÇA GLOBAL. *Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2008.

LIMA, M. A. *Marginália*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

LUTHAR, S. S. (Ed.). *Resilience and vulnerability*: adaptation in the context of childhood adversities. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MacDONALD, G.; LEARY, M. R. Why does social exclusion hurt? The relationship between social and physical pain. *Psychological Bulletin*, v. 131, n. 2, p. 202-223, 2005.

MISSE, M. *Malandros, marginais e vagabundos*: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. 1999. Tese (Doutorado) – IUPERJ, Rio de Janeiro.

MONTEIRO, M. F. G. A case-control study of child survival in shantytown areas (favelas) of Rio de Janeiro. *Journal of Epidemiology and Community Health*, n. 58, suppl. I, p. A64-A125, 2004.

MOSCOVICI, S. *Psychoanalysis*: its image and its public. London: Polity, 1961/2008.

MOURO, C.; CASTRO, P. Local communities responding to ecological challenges: a psychosocial approach to the Natura 2000 Network. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, n. 20, p. 139-155, 2010.

NERI, M. C. *Desigualdades e favelas cariocas*: a cidade partida está se integrando? Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais, FGV, IPP, 2010.

OBST, P. L.; WHITE, K. M. Revisiting the sense of community index: a confirmatory factor analysis. *Journal of Community Psychology*, v. 32, n. 6, p. 691-705, 2004.

PEARLMAN, J. E. *The myth of marginality*: urban poverty and politics in Rio de Janeiro. Berkeley: University of California Press, 1979.

PEARLMAN, J. E. *Favela*: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro. New York: Oxford University Press, 2010.

RAMOS, S. Respostas brasileiras à violência e novas mediações: o caso do Grupo Cultural AfroReggae e a experiência do Projeto Juventude e Polícia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, n. 2, p. 419-428, 2006.

RAMOS, S. Jovens de favelas na produção cultural brasileira dos anos 90. In: ALMEIDA, M. I. Mendes de; NAVES, S. Cambraia (Eds.). *Por que não*? Rupturas e continuidades da contracultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 239-256.

REPETTI, R. L.; TAYLOR, S. E.; SEEMAN, T. E. Risky families: family social environments and the mental and physical health of offspring. *Psychological Bulletin*, v. 128, n. 2, p. 330-366, 2002.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SALLES, E. Ofício dos pontífices: a importância da articulação comunitária. In: ITAÚ CULTURAL. *Rumos*. São Paulo: Itaú Cultural São Paulo, 2007. p. 65-74.

SEN, A. *Development as freedom*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SENNETT, R. Boundaries and borders. In: BURDETT, R.; SUDJIC, D. (Eds.). *Living the endless city*. London: Phaidon, 2011. p. 324-331.

SCHUTZ, A. *The phenomenology of the social world*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967.

SIM-DATASUS. *Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)*. Departamento de Informática do SUS (DATASUS)/Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=32116&janela=1>.

SIMMEL, G. Sociability. In: Wolff, K. H. (Ed.). *The Sociology of Georg Simmel*. London: The Free Press, 1950. p. 40-57.

SOUZA E SILVA, J. Adeus, "cidade partida". *Instituto de Estudos Trabalho e Sociedade: Dez Anos Depois: Como Vai Você, Rio de Janeiro?,* a. 3, n. 5, mar. 2003. Disponível em: <http://www.iets.org.br/biblioteca/Adeus_cidade_partida.pdf>.

SOUZA E SILVA, J. (Ed.). *O que é a favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/includes/publicacoes/6157bf4173402e8d6f353d9bcae2db9c.pdf>.

SOUZA E SILVA, J.; FERNANDES, F. L.; BRAGA, R. W. Grupos de criminosos armados com domínio de território. In: JUSTIÇA GLOBAL. *Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2008.

TAYLOR, S. E.; SEEMAN, T. E. Psychosocial resources and the SES-health relationship. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 896, n. 4, p. 210-225, 1999.

TREVARTHEN, C., & AITKEN, K. J. Infant intersubjectivity: research, theory, and clinical applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 42, n. 1, p. 3-48, 2001.

UNDP. *Human development report 2002*: deepening democracy in a fragmented world. New York: Oxford University Press, 2002. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2002/>.

VALSINER, J. *Culture in mind and societies*. New Delhi: Sage, 2007.

VELHO, G. Sobre homens marginais. In: VELHO, G. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 77-83.

VENTURA, Z. *Cidade partida*. São Paulo: Schwartz, 1994.

VIANNA, H. Não quero que a vida me faça de otário! Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Eds.). *Mediação, cultura e politica* . Rio de Janeiro: Altiplano, 2001. p. 31-60.

VIANNA, H. *Central da periferia*. 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>.

VYGOTSKY. L. *The psychology of art*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1971.

VYGOTSKY, L. *Thought and language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1986.

WAISELFIESZ, J. J. *Mapa da violência*: os jovens do Brasil; sumário executivo. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WINNICOTT, D. W. Transitional objects and transitional phenomena. In: WINNICOTT, D. W. *Collected papers*: through paediatrics to psycho-analysis. London: Tavistock Publications, 1958.

WINNICOTT, D. W. *The maturational process and the facilitating environment*. London: Hogarth Press, 1965.

WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. London: Routledge, 1971.

YANAGISAWA, K. et al. Family socioeconomic status modulates the coping-related neural response of offspring. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 2012. (DOI:10.1093/scan/nss039).

YÚDICE, G. *AfroReggae*: parlaying culture into social justice. *Social Text*, v. 19, n. 4, p. 53-65, 2001.

ZALUAR, A.; RIBEIRO, A. P. A. Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca. *Novos Estudos*, n. 84, p. 175-196, 2009.

Apêndice 1: Amostra

Comunidade	Faixas etárias			Total
	12 – 17 anos	18 – 29 anos	30+	
Cantagalo	14	28	8	50
Cidade de Deus	17	21	13	51
Vigário Geral	22	25	6	53
Madureira	19	19	12	50
Total	72	93	39	204

Apêndice 2: Guia de entrevista e questionário

Projeto Sociabilidades Subterrâneas
Departamento de Psicologia Social – London School of Economics
Instituto de Psicologia – UFRJ
AfroReggae
CUFA
UNESCO
Itaú Social
Itaú Cultural

Documento de registro do trabalho de campo

Estamos realizando um estudo sobre comunidades populares e suas experiências. É um trabalho conjunto da London School of Economics, da UFRJ, do AfroReggae/CUFA e da UNESCO. Não é preciso dizer o nome, e a participação é voluntária. Tudo que for dito fica entre nós e a equipe da pesquisa, sem saber o nome da pessoa. Nós vamos conversar somente se você quiser, e você pode parar a entrevista no momento que quiser. Muito obrigado por sua participação.

Data ___ /___ /___Hora do início da entrevista ______ Hora do fim ______

Local geral: (p.ex. Vigário Geral) ______________________________________

Local específico: (p.ex. sede do AfroReggae) _________________________

Entrevistadores:

1 ________________________________ 2__________________________________

Nome que o entrevistado escolheu:

ENTREVISTA

Sobre você

Geral: Me fale um pouco de você, como é sua vida e sua rotina.

Idade e situação familiar

- Quantos anos você tem?
- É casado, viúvo, mora com alguém?
- Você tem filhos? Quantos? Eles moram com você?
- Você os teve com quantos anos?
- Como é a sua família?
- Você pode me contar um pouco sobre como é sua relação com sua família?

O Eu no contexto

- Você passou toda sua vida aqui? Se não, quando veio para cá?
- Como foi sua infância e adolescência aqui?
- Qual foi a pior coisa que lhe aconteceu? E a melhor?

Se falar sobre o tráfico por aqui, perguntar:
Como você entrou, como se envolveu?
Como foi essa experiência?
O que te levou a sair, a buscar outro caminho?

- Você já morou fora daqui? Onde? Como foi?
- Você tem amigos? Eles são de onde (Igreja, comunidade, escola, trabalho, futebol)?
- Você tem amigos que não são daqui? Como é isso?

Lazer
- O que você gosta de fazer para se divertir?

Escolaridade/relação com a escola
- Você estuda?
- Em que série está?
- Se abandonou, por quê?
- O que é (era) bom ou ruim na escola?

Ocupação/relação com o mundo do trabalho
- Você trabalha? Faz o quê?
- Você ajuda em casa? É o principal ganha-pão?
- Você gosta do que faz?

Relação com religiosidade/destino
- Você tem alguma religião? Você vai à igreja?
- A religião é importante na sua vida?
- Você acredita em destino? Acha que as pessoas já nascem com o destino traçado?
- Você acha que as pessoas podem mudar seu destino? O que pode mudar? E o que não pode?

Problemas, realizações e outros aspectos significativos
- Quem você gostaria de ser? Você conhece alguém que gostaria de ser?
- Alguma pessoa marcou muito a sua vida? Quem foi? Por quê?
- Quais são as suas principais conquistas, realizações?
- E seus medos, dificuldades?
- Como você resolve seus problemas? Você tem ajuda? Quem ajuda você?

Comunidade/cidade

A comunidade

- Como é morar aqui?
- Como você descreveria a sua comunidade?
- O que tem aqui que não tem em nenhum outro lugar? O que mais incomoda você? E o que mais deixa você orgulhoso?
- Você gostaria de morar em outro lugar? Por quê, pode me explicar?
- Você acha que a comunidade é unida ou dividida, como se tivesse sub-bairros? Porque isso acontece? (investigar se existe divisão espacial, fronteiras geográficas)

Relação com a violência/insegurança

- Você se sente seguro, ou tem medo de morar aqui?
- Quais são os lugares que você acha mais seguros? E os que você tem medo de ir?
- O que mais ameaça você no seu dia a dia?
- Você já sofreu alguma violência, assalto, roubo, tiro, etc? Onde foi? Pode me contar como foi?
- Você já perdeu alguém para a violência?
- Você tem que mudar sua rotina, pois considera alguma coisa arriscada?

Relação com outras comunidades/travessias/fronteiras

- Você já se sentiu discriminado por morar aqui? Como foi isso? Por que você acha que isso acontece?
- Você se sente incomodado quando você sai de Vigário Geral (CDD, Cantagalo etc.) e circula por outros bairros/comunidades da cidade? Como é esse desconforto?
- Você se sente diferente por ser morador de favela? O que acha que diferencia você do morador do "asfalto"? Como é a sua relação com as pessoas de fora daqui? Ela existe?

Rio de Janeiro

- Como é para você ser morador do Rio?

- Como você descreveria o Rio de Janeiro, de forma geral?
- O que a cidade tem de melhor?
- E o que tem de pior?
- O que falta ao Rio de Janeiro para se tornar a “Cidade Maravilhosa”, que tanto ouvimos por aí?

CUFA/AfroReggae

Participação em grupos/comunidade

- Você participa de algum grupo? Qual (Igreja, torcida de futebol, funk, esporte, CUFA/AfroReggae etc.)?
- Você gosta? Como é participar desse(s) grupo(s)? Por que você entrou? (peça para contar a história de como foi entrar)

Especificamente sobre a CUFA ou o AfroReggae:

- Me conta como foi a sua entrada no projeto da CUFA ou do AfroReggae. Como você ficou sabendo, quem falou desse grupo para você?
- Como estava a sua vida naquele momento? Você começou participando de quais projetos/oficinas?
- O que a CUFA ou o AfroReggae representa na sua vida? Em que acha que ele(a) ajudou/ajuda você? Como você acha que seria a sua vida se não estivesse aqui?
- O que você aprendeu com a CUFA ou com o AfroReggae?
- Como é o trabalho da CUFA ou do AfroReggae?
- O que a CUFA ou o Afroreggae tem de melhor? E o que você acha que não funciona muito bem?
- Na sua opinião, porque a CUFA ou o AfroReggae ajuda/dá certo? Me dê um exemplo, conte uma história de alguma coisa que funciona bem, de que você gosta, que dá certo.
- Na sua opinião, para que serve a CUFA ou o AfroReggae? O que ele(a) faz?
- Porque as pessoas não vêm? Você tem algum amigo que não vem?
- O que você acha que traz as pessoas? E o que pode ser feito para trazer essas pessoas?

Para quem não é da CUFA ou do AfroReggae:

- Você conhece o AfroReggae e/ou a CUFA?
- Você tem alguma ideia do trabalho que eles fazem?
- Você conhece alguém que já participou de algum projeto/oficina lá? Essa pessoa gostava?
- Você acha que o AfroReggae e/ou a CUFA melhoram a vida das pessoas, das comunidades?
- Por que você nunca participou das atividades de lá?
- O que levaria você a participar? O que você acha que o AfroReggae e/ou a CUFA poderiam fazer para atrair mais pessoas?
- Para que serve o AfroReggae e/ou a CUFA?

O futuro

- E o seu futuro? O que é o futuro para você? Quando você pensa no futuro, você pensa em algo para daqui a quantos anos?
- Como você imagina sua vida no futuro (em relação ao trabalho, à família etc.)?
- Como você gostaria que sua vida fosse no futuro? Tem projetos/sonhos para o futuro? Quais são eles?
- Qual é o seu maior sonho? O que mais você gostaria de ser, de fazer?
- O que tem facilitado ou dificultado a realização desses sonhos/projetos?
- O que faria você abandoná-los? E o que te estimula a alcançá-los?
- Quais são os seus medos em relação ao futuro?

No final da entrevista, dizer:

"Para me certificar de que entendi bem tudo o que você me disse, eu gostaria de escrever algumas das informações; podemos até verificar juntos".

1. Sexo:________ 2. Idade________ 3. Há quanto tempo você vive aqui? ________ anos.
4. Nasceu aqui? Sim _________Não_________ Se não, onde vivia antes? ____________

Vive com:

Pai	Sim	Não
Mãe		
Irmãos		
Avó		
Avô		

Marido/mulher	Sim	Não
Companheiro(a)		
Filhos		
Sozinho		
Outros (quais)		

Até quando você estudou: ____

Atualmente, você:
Trabalha [ ]
Estuda [ ]
Está aposentado [ ]
Está desempregado(a) [ ]
É doméstica(o) [ ]
É trabalhador-estudante [ ]

Você frequenta as atividades e oficinas da CUFA/AfroReggae?
Sim ________ Não_______ Se sim, há quanto tempo? ________ Quais frequenta?
____

Gosta?

1	2	3	4	5
Muitíssimo	Muito	Mais ou menos	Pouco	Não gosta

Como soube dessas oficinas?

Através de amigo _____________ Familiar _____________ No local ________
Outras______________
Atualmente, algum conhecido seu frequenta as oficinas?
Sim_____ Não ________Quem? Amigo_________ Familiar _________

Em relação ao local das oficinas, a sua casa é:

1	2	3	4	5
Muitíssimo perto	Muito perto	Mais ou menos perto	Um pouco longe	Muito longe

É fácil/difícil chegar nas oficinas? ________________________________

Tem que pegar condução? ________________________________

Quanto tempo leva, andando? ________________________________

Isso atrapalha, ou não, vir aqui? ________________________________

Em que parte da favela é essa rua? ________________________________

Tem um nome para essa parte da favela? ________________________________

Por fim, gostaria ainda de fazer umas poucas perguntas sobre a sua opinião sobre o local onde você vive. Pode ver as perguntas comigo, também.

Vou ler algumas frases e, para cada uma, você vai me dizer se concorda ou se discorda, dizendo um número de 1 a 5.

A escala vai do número 1, que significa que discorda muito, até 5, que significa que concorda muito. Veja aqui.

1	2	3	4	5
Discorda muito	Discorda um pouco/em parte	Não concorda nem discorda	Concorda um pouco/em parte	Concorda muito

Pensando em (local onde vive)**, diga-me quanto você concorda com as seguintes frases:**

1	Neste local eu me sinto em casa ...	1.....2.....3.....4.....5
2	Eu gosto de viver em ...	1.....2.....3.....4.....5
3	Quando saio daqui, fico com vontade de voltar.	1.....2.....3.....4.....5
4	Vivo em ... por minha opção/escolha.	1.....2.....3.....4.....5
5	Sou muito ligado a este lugar.	1.....2.....3.....4.....5
6	Tenho uma ligação forte com as pessoas que vivem aqui.	1.....2.....3.....4.....5
7	Se eu pudesse, deixaria de viver em ...	1.....2.....3.....4.....5
8	As pessoas aqui em ... se dão bem umas com as outras.	1.....2.....3.....4.....5
9	As pessoas aqui são unidas e lutam pelo que querem.	1.....2.....3.....4.....5
10	Neste local coexistem várias pessoas/grupos muito diferentes.	1.....2.....3.....4.....5
11	As pessoas que vivem em ... têm uma maneira parecida de ver as coisas.	1.....2.....3.....4.....5
12	Tenho pouca influência sobre o que acontece em ...	1.....2.....3......4....5
13	É muito perigoso viver aqui nesta comunidade.	1.....2.....3......4....5
14	Eu tenho medo de viver aqui.	1.....2.....3......4....5
15	Somos mal-vistos por outros moradores do Rio de Janeiro	1.....2.....3.....4.....5
16	Eu gosto de viver no Rio de Janeiro	1.....2.....3......4....5
17	As Olimpíadas vão ajudar as comunidades populares do Rio.	1.....2.....3......4....5
18	As Olimpíadas vão ser apenas para os ricos.	1.....2.....3......4....5

19. Você acha que o local onde vive mudou nos últimos anos?

1	2	3	4	5
Mudou para muito pior	Mudou um pouco para pior	Não mudou nada	Mudou um pouco para melhor	Mudou para muito melhor

20. Se mudou, até que ponto o AfroReggae ou a CUFA estão relacionados com essas mudanças?

1	2	3	4	5
Muito	Em parte	Tanto faz	Quase nada	Nada

21. E nos próximos anos, você acha que ... vai...

1	2	3	4	5
Mudar para muito pior	Mudar um pouco para pior	Continuar na mesma	Mudar um pouco para melhor	Mudar para muito melhor

22. Na sua opinião, os moradores de ... são...

Muito parecidos entre si	1	2	3	4	5	Muito diferentes entre si

23. Na sua opinião, os moradores de ... são...

Muito parecidos com as pessoas que vivem em outros bairros do Rio	1	2	3	4	5	Muito diferentes das pessoas que vivem em outros bairros do Rio

24. Até que ponto você está satisfeito com:

	Nada satisfeito		Mais ou menos		Muito satisfeito
a) A sua casa	1	2	3	4	5
b) O seu bairro (dizer o nome)	1	2	3	4	5
c) Os seus vizinhos	1	2	3	4	5
d) A sua cidade (o Rio de Janeiro)	1	2	3	4	5

Muito obrigado(a)!!!

Observações imediatas sobre a entrevista:

Apêndice 3: Guias adicionais de entrevista

Entrevistas individuais: observadores externos / parceiros

1. Quem são, na sua opinião, CUFA e/ou AfroReggae?
2. Como eles trabalham, o que caracteriza o trabalho deles?
3. Quais são as principais marcas da experiência da CUFA e/ou do AfroReggae?
4. Por que você acha que a experiência funciona?
5. Para quem você acha que eles atuam?
6. E para quê? Como você vê o objetivo dessas organizações?
7. Como é trabalhar com eles?
8. Há diferença entre a CUFA e o AfroReggae?
9. Impacto:

Você acha que eles fazem diferença?
A ação deles tem um impacto real?
Em que sentido?

Guia de entrevista: a polícia

Explorar:

1. A relação entre a polícia e as comunidades das favelas.
2. A abordagem da polícia: história, mudanças e desafios.
3. Trabalhando com o AfroReggae e com a CUFA: percepções e experiências.

Guia de entrevista: líderes e ativistas

1. Podemos começar pela sua história – você pode me contar sua história (em suas próprias palavras, da maneira que você quiser)?
Perguntas adicionais:
1. Quem são o AfroReggae e a CUFA?
2. Como você descreveria o trabalho do AfroReggae e/ou da CUFA?
3. Quais são as principais características do AfroReggae e/ou da CUFA?
4. Você considera que o AfroReggae e/ou a CUFA são eficazes? Por quê?
5. Para quem você trabalha?
6. E para quê? Quais são seus objetivos?
7. Como é, para você, trabalhar no AfroReggae e/ou na CUFA?

Apêndice 4: Sistema de codificação – análise temática das entrevistas abertas

1. O EU

a) Presença da comunidade

- Apoio e solidariedade

b) Consumo

c) Experiência

- Melhor experiência
- Conscientização
- Tráfico de drogas
- Empoderamento, capacidade para ação, e protagonismo
- Mudar a vida ou a experiência-chave
- Perda e separação
- Experiência com a polícia
- Pobreza, “vida sofrida”, “luta diária”
- Preconceito e discriminação
- Violência e crime
- Pior experiência

d) Família

- Violência doméstica

e) Sentimentos

- Raiva e revolta
- Pertença
- Medo do crime e da violência
- Medo da perda
- Esperança
- Insegurança
- Orgulho
- Sofrimento, tristeza e dor

f) Identidade

- Favelado
- Gênero
- Trabalhador

g) Lazer
h) Religião e fé
i) Modelos de comportamento e pessoas significativas

2. COMUNIDADE
a) Personagens e identidades
b) Coesão e união
c) Milícia
d) Morro e asfalto
e) Negativo (dentro)
f) A polícia como instituição
g) Segurança e medo do crime
h) Segregação e isolamento (fora)
i) Solidariedade e amizade
j) Estratégia de sobrevivência e sabedoria da favela
k) Território
l) Travessias
- Controle de fronteira
- Travessia de fronteiras

3. AFROREGGAE E CUFA
a) Significado para a pessoa
- Atividade
- Empregabilidade
- *Holding* e *handling*
- Vida social
- Oficinas e habilidades

b) Método (como e por que funciona)
- Mediação de conflitos
- Diálogo
- Identificação

- Incentivos materiais (comida, dinheiro)
- Mediação, travessia e diferença
- Parcerias
- Política
- Subjetividade

c) Participação

d) Representações e pontos de vista

- AfroReggae
- CUFA

4. CIDADE

a) Rio

- Beleza
- Violência

5. FUTURO

a) Não consegue pensar o futuro

b) Sonhos

c) Esperança

d) Projetos

Apêndice 5: Sistema de codificação – análise narrativa das trajetórias de vida

I. Eventos / histórias:

- início da vida e proveniência
- crise, risco pessoal e experiência de injustiça
- encontro social, salvação e abertura de caminhos
- conscientização
- ação
- *feedback*/utilização da vida pessoal como modelo de comportamento

II. Atores:

- família
- tráfico de drogas
- prostitutas
- pequenos criminosos / criminosos ocasionais
- polícia
- modelos positivos
- figuras religiosas
- amigos

III. Causas / explicações:

- privação
- injustiça
- necessidades afetivas e materiais
- experiência de fracasso e "nada a perder"
- identificação e encontro com apoio significativo do outro
- ligação às artes
- desejo de mudança social

Apêndice 6: Análise dos projetos – sistema de codificação

Nome	Classificação	Valores
Identificação	Nome / número de projeto	Nenhum (nominal)
Afiliação	Instituição a que pertencem	1 = AfroReggae 2 = CUFA
SPGov	Patrocinador – governo	0 = Não 1 = Sim
SPGov1	Patrocinador – governo nacional / local	-1 = N. A. 0 = Não 1 = Sim
SPGov2	Patrocinador – governo empresa estatal	-1 = N. A. 0 = Não 1 = Sim
SPPriv	Patrocinador – setor privado	0 = Não 1 = Sim
SPPriv1	Patrocinador – setor privado indústria	-1 = N. A. 0 = Não 1 = Sim
SPPriv2	Patrocinador – setor privado finanças	-1 = N. A. 0 = Não 1 = Sim
SPPriv3	Patrocinador – setor privado mídia	-1 = N. A. 0 = Não 1 = Sim
SPIntOrg	Patrocinador – organizações internacionais	0 = Não 1 = Sim
SPAc	Patrocinador – academia	0 = Não 1 = Sim
SPSocM	Patrocinador – movimentos sociais	0 = Não 1 = Sim
SPSelf	Patrocinador – autossustentado	0 = Não 1 = Sim

TPYouth	População-alvo – crianças / jovens das favelas	0 = Não 1 = Sim
TPComm	População-alvo – comunidade em geral	0 = Não 1 = Sim
TPWomen	População-alvo – mulheres	0 = Não 1 = Sim
TPPolice	População-alvo – polícia	0 = Não 1 = Sim
TPDeten	População-alvo – ex-detentos	0 = Não 1 = Sim
TPInternat	População-alvo – internacionais	0 = Não 1 = Sim
TPSchool	População-alvo – escolas	0 = Não 1 = Sim
TPSociety	População-alvo – sociedade em geral	0 = Não 1 = Sim
OBConsc	Objetivo – conscientização, debate e socialização	0 = Não 1 = Sim
OBSkill	Objetivo – desenvolvimento de competências e empregabilidade	0 = Não 1 = Sim
OBBorder	Objetivo – travessia, cruzamento de fronteiras e diálogo	0 = Não 1 = Sim
OBSelf	Objetivo – subjetividade	0 = Não 1 = Sim
OBSust	Objetivo – sustentabilidade	0 = No 1 = Sim
OBPubl	Objetivo – publicidade, visibilidade e publicações	0 = Não 1 = Sim
OBCitizSInt	Objetivo – cidadania e integração social	0 = Não 1 = Sim
OBRegSpace	Objetivo – regeneração do espaço e ambiente construído	0 = Não 1 = Sim

ÍNDICE

D

E

F

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

Y

Z

"Este projeto de pesquisa representa uma oportunidade para que aqueles que não têm voz possam expressar-se, concedendo-lhes os meios para se fazerem ouvir. É o que a UNESCO procura realizar".

Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO

"O projeto Sociabilidade Subterrâneas expõe a divisão do Rio de Janeiro e incomoda o imaginário social da cidade. A pesquisa joga luz sobre o que fazemos e mostra que as pontes que o AfroReggae e a CUFA constroem são importantes para todo mundo".

José Júnior, coordenador-executivo e fundador do AfroReggae

"Esse projeto é um divisor de águas em nossas vidas e na vida da CUFA e do AfroReggae".

Celso Athayde, fundador da Central Única das Favelas (CUFA)

"Esta pesquisa domou um 'objeto indomável' e produziu um mapa de dados valioso e abrangente sobre um dos fenômenos mais importantes e inovadores ocorrendo hoje na esfera pública brasileira: a participação e o reconhecimento de jovens cidadãos das favelas e periferias das cidades do Brasil."

Silvia Ramos, socióloga, pesquisadora do Centro de Estudos sobre Segurança e Cidadania (CESeC)